



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS-PPGCULT**

EUDES MENDES FERREIRA

**Travessias e Raízes - Identidades, Andanças e Conflitos na Narrativa de uma Família
Paraguaia no Brasil**

**AQUIDAUANA/MS
2024**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS-PPGCULT**

EUDES MENDES FERREIRA

**Travessias e Raízes - Identidades, Andanças e Conflitos na Narrativa de uma Família
Paraguaia no Brasil**

Dissertação apresentada a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-Campus de Aquidauana e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais (PPGCult/UFMS/CPAQ) como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Culturais sob a orientação da Profa. Dr^a. Janete Rosa da Fonseca e co-orientação do Prof. Dr. Ailton Salgado Rosendo.

Linha de pesquisa: Sujeitos & Linguagens

AQUIDAUANA/MS
2024

EUDES MENDES FERREIRA

Travessias e Raízes - Identidades, Andanças e Conflitos na Narrativa de uma Família
Paraguaia no Brasil

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Janete Rosa da Fonseca
Orientadora/PPGCULT/UFMS

Prof. Dr. Ailton Salgado Rosendo
Coorientador/PPGCULT/UFMS

Prof.^a Dr.^a Ana Paula Squinelo
Examinadora Interna/PPGCULT/UFMS

Prof.^a Dra. Helen Paola Vieira Bueno
Examinadora Interna/PPGCULT/UFMS

Prof.^a Dra. Adir Casaro Nascimento
Examinadora Externa/PPGEDU/UCDB

Aquidauana

2024

Dedico à minha esposa, Denise, meus filhos, Lucas e Mariana, e minha mãe, Maria, pelo apoio constante, paciência e incentivo que me proporcionaram ao longo da realização desta pesquisa. As palavras de encorajamento e apoio foram fundamentais para me manter motivado e focado durante todo o processo.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho foi possível graças ao apoio e contribuição de diversas pessoas, às quais expresso meus sinceros agradecimentos. Expresso minha profunda gratidão à minha orientadora, a Professora Doutora Janete Rosa da Fonseca, pelo apoio contínuo e pronto atendimento ao longo deste processo de pesquisa. Suas orientações precisas e pontuais, aliadas às nossas conversas esclarecedoras, foram de extrema importância para o desenvolvimento deste estudo.

As conversas que tivemos e sua orientação cuidadosa foram fundamentais para esclarecer questões e direcionar meu trabalho de forma eficaz. Sua dedicação ao meu progresso acadêmico e profissional é verdadeiramente valorizada e apreciada. Este reconhecimento é uma expressão sincera da minha gratidão pela orientação valiosa recebida ao longo deste processo acadêmico.

Em segundo lugar, gostaria de expressar minha sincera gratidão ao Professor Doutor Ailton Salgado Rosendo pela sua parceria como coorientador neste trabalho. Seu dinamismo e disponibilidade constante foram elementos essenciais para o sucesso desta pesquisa. Sua expertise e comprometimento contribuíram significativamente para o desenvolvimento deste trabalho.

Além disso, gostaria de agradecer as professoras membras da banca examinadora por dedicarem seu tempo e expertise para avaliar este trabalho e fornecer valiosas sugestões e críticas construtivas.

À Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), uma Instituição de Ensino Superior de significativa importância no contexto da educação sul-mato-grossense e em minha própria trajetória acadêmica. A UFMS desempenha um papel fundamental em minha vida, pois é onde vivenciei uma jornada tripla: como técnico administrativo, graduando e atualmente como mestrando.

Expresso minha gratidão ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da UFMS, bem como a todo seu corpo docente. A oportunidade de participar deste programa e ser orientado por professores altamente qualificados tem sido essencial para o meu desenvolvimento acadêmico e profissional.

Gostaria de expressar minha gratidão a Deus pela dádiva da vida e pela oportunidade de me envolver em uma jornada de pesquisa e descoberta.

Em memória aos meus avós maternos, Heriberto Mendes e Benita Benites Mendes, cuja coragem e determinação diante de uma Revolução Civil os levaram, ainda jovens a percorrer terras desconhecidas em busca de esperança e uma vida melhor para sua família. Suas histórias de resiliência continuam a inspirar-me.

À minha mãe, Maria Benites Mendes Ferreira, cuja disposição em discutir questões delicadas para sua própria alma e contribuir para esta jornada de pesquisa foi uma demonstração de amor e apoio inestimáveis.

Aos meus irmãos, Ednilson, Efigênia, Ercília e Evandro, pelo incentivo constante, companheirismo e pelas conversas profundas que tivemos sobre identidade. Suas perspectivas e questionamentos contribuíram significativamente para o desenvolvimento deste trabalho.

Não posso deixar de expressar minha gratidão ao meu pai, Ercindo, bem como aos meus tios, primos e sobrinhos, por seu constante interesse e curiosidade em relação à minha pesquisa. Seu apoio e incentivo ao acompanharem de perto o progresso deste trabalho resultaram em uma responsabilidade adicional diante da família. Este apoio contínuo e interesse genuíno demonstrado por meus familiares contribuíram significativamente para a motivação e dedicação na conclusão deste estudo. Sou profundamente grato pela confiança e pelo estímulo que me forneceram ao longo deste processo.

Cada um desses sujeitos desempenhou um papel significativo neste trabalho, e por isso sou profundamente grato.

LA CARRETA CAMPESINA

Al despuntar la mañana va rumbeando la carreta
Con sus tres juntas de bueyes y un parlero picador
En la fresca madrugada va entonando una cuarteta
recordando a la amada en su nativa canción

Oiméne upépe che china mombyry guive oma'é
che rechasémane hína ahechase háicha ichupé
pe guatáke büey puntero, peipykúi pende rapé
omimbi pama lucero hi'aïtema ña guahé

Ha marcado una etapa de progreso americano
la carreta campesina con su andar mbeguemí,
Hasta al tope lleva carga y el nativo carretero
matizando la jornada va cantando en guaraní

Oiméne upépe che china mombyry guive oma'é
che rechaséma ne hína ahechase háicha ichupé
pe guatáke buey puntero, peipykúi pende rapé
omimbi pama lucero hi'aïtema ñaguahé

Letra: Mauricio Cardozo Ocampo

Música: Diosnel Chase

RESUMO

Esta pesquisa investigou como a experiência de refúgio e os conflitos políticos pós-Guerra Civil de 1947 no Paraguai influenciaram a formação dos descendentes de uma família paraguaia que migrou para o Brasil. Por meio da análise das narrativas pessoais, revelou-se como essas experiências moldaram as percepções de pertencimento e identidade dos descendentes, residentes em Mato Grosso do Sul, Brasil, mesmo sem tradições paraguaias. Este estudo visa contribuir para a compreensão das dinâmicas migratórias e seus impactos na formação do sujeito contemporâneo e da identidade cultural. Para isso foram utilizados autores da área dos Estudos Culturais como Stuart Hall, Homi Bhabha, Aimeé Bolaños, entre outros. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, utilizando a metodologia de História Oral e Autoetnografia, oferecendo uma abordagem das experiências da sujeita da pesquisa e sua família, afetadas por deslocamentos forçados e traumas de conflitos armados. A História Oral registra narrativas de forma autêntica, enquanto a Autoetnografia permite uma reflexão profunda sobre o impacto desses eventos. Embasado em autores como Meihy e Portelli, o estudo adquire uma base teórica sólida. Meihy oferece diretrizes para coleta e análise de relatos, enquanto Portelli destaca a importância do contexto social e histórico. A principal técnica de coleta de dados foi a escuta sensível e a análise permitiu a investigação da história pessoal da sujeita, onde aborda a jornada de sua família que migrou do Paraguai para o Brasil, enfrentando desafios e mudanças ao longo do caminho. Destacam-se questões como identidade, resiliência e adaptação, evidenciando a importância da educação, do trabalho e das relações familiares na construção das experiências individuais e coletivas. As narrativas revelam as interseções entre gênero, poder e migração, bem como o impacto emocional das vivências passadas na formação das identidades. A busca por segurança, oportunidades e pertencimento é um fio condutor ao longo da história, refletindo as complexidades das experiências migratórias e suas implicações culturais e sociais. Esse contexto é vital para os estudos culturais, pois oferece uma visão rica e multifacetada das experiências individuais em contextos socioculturais diversos. Compreender os traumas históricos enfrentados lança luz sobre questões fundamentais relacionadas à formação da identidade cultural e individual em sociedades pós-modernas. Essa análise enriquece o campo dos estudos culturais ao fornecer entendimentos significativos sobre como as narrativas pessoais se entrelaçam com narrativas coletivas, como os indivíduos constroem sua identidade em meio a desafios históricos e como as experiências de deslocamento e adaptação afetam a percepção de si mesmos e de suas origens culturais. Portanto, a pesquisa não apenas amplia nosso conhecimento sobre o sujeito em estudo, mas também contribui para uma compreensão mais profunda da dinâmica cultural e social em geral.

Palavras-chave: Cultura, diáspora, família, Identidade, Identidade Cultural, Memória, Narrativas.

ABSTRACT

This research investigated how the refugee experience and the post-Civil War conflicts of 1947 in Paraguay influenced the formation of descendants of a Paraguayan family that migrated to Brazil. Through the analysis of personal narratives, it revealed how these experiences shaped the perceptions of belonging and identity of the descendants, residents in Mato Grosso do Sul, Brazil, even without Paraguayan traditions. This study aims to contribute to the understanding of migratory dynamics and their impacts on the formation of the contemporary subject and cultural identity. For this, authors from the field of Cultural Studies such as Stuart Hall, Homi Bhabha, Aimeé Bolaños, among others, were used. The research adopted a qualitative approach, using Oral History and Autoethnography methodology, offering an approach to the experiences of the research subject and her family, affected by forced displacements and traumas of armed conflicts. Oral History records narratives authentically, while Autoethnography allows for a deep reflection on the impact of these events. Based on authors like Meihy and Portelli, the study acquires a solid theoretical basis. Meihy provides guidelines for collecting and analyzing reports, while Portelli highlights the importance of social and historical context. The main data collection technique was sensitive listening, and the analysis allowed for the investigation of the research subject's personal history, addressing the journey of her family that migrated from Paraguay to Brazil, facing challenges and changes along the way. Issues such as identity, resilience, and adaptation are highlighted, evidencing the importance of education, work, and family relationships in the construction of individual and collective experiences. The narratives reveal intersections between gender, power, and migration, as well as the emotional impact of past experiences on the formation of identities. The search for security, opportunities, and belonging is a common thread throughout the story, reflecting the complexities of migratory experiences and their cultural and social implications. This context is vital for cultural studies, as it offers a rich and multifaceted view of individual experiences in diverse sociocultural contexts. Understanding the historical traumas faced sheds light on fundamental issues related to the formation of cultural and individual identity in postmodern societies. This analysis enriches the field of cultural studies by providing meaningful insights into how personal narratives intertwine with collective narratives, how individuals construct their identity amidst historical challenges, and how experiences of displacement and adaptation affect their perception of themselves and their cultural origins. Therefore, the research not only expands our knowledge about the subject under study but also contributes to a deeper understanding of cultural and social dynamics in general.

Keywords: Culture, diaspora, family, Identity, Cultural Identity, Memory, Narratives.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Estado de Mato Grosso do Sul, Brasil e a divisão com Paraguai e Bolívia.....	105
Figura 2- Mapa de deslocamento da Família do Paraguai ao Brasil.	108
Figura 3 - A Entrevistada quando criança (04 anos), juntamente com sua irmã mais velha (05 anos) e tios, Horqueta, Paraguai, 1948.	113
Figura 4 - Fazenda Suez: a sede em alvenaria; antiga serraria e a vila com casas em madeira, Rio Brilhante, Mato Grosso do Sul.	118
Figura 5 - Casamento da entrevistada no Distrito de Taunay, Aquidauana-MS, ao centro os noivos, lado esquerdo da foto os sogros e lado direito os pais, 1961.....	126
Figura 6 - Árvore Genealógica da família.	128

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C.	- Antes de Cristo
ABHO	- Associação Brasileira de História Oral
ACNUR	- Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
CCCS	- Centre for Contemporary Cultural Studies
CPAQ	- Campus de Aquidauana
CPDOC	- Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
EUA	- Estados Unidos da América
FGV	- Fundação Getúlio Vargas
HO	- História Oral
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MS	- Mato Grosso do Sul
MT	- Mato Grosso
PPGCult	- Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais
PR	- Paraná
PY	- Paraguai
RJ	- Rio de Janeiro
SP	- São Paulo
STICA	- Serviço Interamericano fr Cooperação Agrícola
UFMS	- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UNICAMP	- Universidade Estadual de Campinas
UNRWA	- Agência de Socorro e Trabalho das Nações Unidas para os Refugiados da Palestina
URSS	- União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Passado e presente sobre a carreta de boi: meus questionamentos de vida	18
1.2 A Rota traçada para o caminho da carreta: objetivos em foco	26
1.3 A carreta do conhecimento: as rotas traçadas e sua importância na trajetória	27
2 EXPLORANDO AS NARRATIVAS: A VIAGEM METODOLÓGICA ENTRE A HISTÓRIA ORAL E A AUTOETNOGRAFIA	31
2.1 Narrativas e Reflexões: entendo a jornada da pesquisa com História Oral e Autoetnografia	31
2.2 O Desenvolvimento Metodológico da Pesquisa como uma Jornada de Descobertas	38
2.3 A Organização dos Eixos na Escuta Sensível	42
2.4 Perfilando Narrativas: Explorando a Identidade da Sujeita da Pesquisa.....	44
3 CARREGANDO O SABER NAS RODAS DA CARRETA: UMA JORNADA CONCEITUAL PELOS ESTUDOS CULTURAIS	47
3.1 A evolução dos estudos culturais.....	47
3.2 Estudo exploratório sobre diásporas e deslocamento: as identidades em trânsito.....	50
3.3 Identidade e diferenças sob a visão dos Estudos Culturais	57
3.4 A reconstrução/renovação da identidade	71
4 TRILHANDO OS CAMINHOS DA HISTÓRIA: IMPACTO NA VIDA E MODO DE VIVER .	79
4.1 As Guerras na sociedade contemporânea	79
4.2 Paraguai, breve história política do Paraguai e a Guerra Civil de 1947	82
4.3 A Guerra e os impactos na vida e na sociedade contemporânea	92
4.4 Relações fronteiriças do Estado de Mato Grosso do Sul.....	105
5 EXPLORANDO OS RESULTADOS: DISCUSSÕES NA ROTA DO CONHECIMENTO ..	108
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A PARADA MOMENTANEA DA JORNADA, ONDE O FIM É O INÍCIO DE UMA NOVA VIAGEM PELO CONHECIMENTO	132
7 REFERÊNCIAS	140

1 INTRODUÇÃO

O Paraguai (PY) no século XX foi palco de dois importantes conflitos: a Guerra do Chaco e a Guerra Civil de 1947, também conhecida como Revolução dos Pynandí, do Guarani, pés descalços (Armadans, 2016). A Guerra do Chaco, travada entre Paraguai e Bolívia pelo controle do Chaco Boreal, ocorreu de 1932 a 1935. Já a Guerra Civil, que durou cerca de seis meses, resultou na ascensão ao poder do General Alfredo Stroessner. Stroessner liderou um golpe militar em fevereiro de 1954, derrubando o governo democrático e instaurando uma ditadura que durou até 1989. Durante o regime de Stroessner, o Paraguai vivenciou um período de repressão política, censura e autoritarismo.

No início do século XX, o Paraguai era uma nação relativamente jovem na América Latina, tendo obtido sua independência da Espanha em 1811. Nesse período, o país estava se recuperando das consequências da Guerra do Paraguai¹ (1864-1870), que resultou na perda significativa de sua população masculina e em um declínio econômico substancial (Nunez, 2021)

Economicamente, o Paraguai era predominantemente rural e agrícola, com sua economia centrada na agricultura de subsistência, na produção de erva-mate e na pecuária. Politicamente, o país atravessou períodos de instabilidade e ditaduras, com mudanças frequentes de governo e conflitos internos pelo poder entre diversas facções políticas.

No cenário político conturbado do início do século XX, o Paraguai enfrentou tentativas de golpes de Estado, guerras civis e períodos de ditadura. Ao longo do século, ocorreram três regimes ditatoriais, sendo o mais longo liderado pelo general Alfredo Stroessner, que governou de 1954 a 1989.

Segundo Ribeiro e Urquiza (2016), no final do século XIX e início do século XX, o Brasil implementou políticas de facilitação às migrações. Destacam que apesar da população migrante paraguaia não ter sido contemplada de maneira oficial por essas políticas de migração brasileira, o fluxo de pessoas vindas para o Brasil não cessou. Silva (2021) destaca que o Brasil

¹ No Brasil, o conflito é tradicionalmente denominado como "Guerra do Paraguai", refletindo a percepção histórica de que o Paraguai foi o país que desencadeou o conflito e que foi o principal adversário na guerra. No Paraguai, o conflito é frequentemente referido como "Guerra da Tríplice Aliança" ou "Grande Guerra", destacando a coalizão formada pelo Brasil, Argentina e Uruguai, que combateu o Paraguai durante o conflito. Esses termos ressaltam a perspectiva paraguaia de enfrentar múltiplos adversários durante a guerra (Doratioto, 2015).

foi um dos países a assinar o texto da Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados em 1951, quando então o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) foi fundado, porém, delimitava a geografia desta migração, onde basicamente receberia europeus refugiados. Moreira (2010) destaca que após o golpe de 1964, ocorreu um retrocesso nas políticas de recebimento e proteção a refugiados pelo Brasil. Em 1977, o ACNUR fixa escritório no Rio de Janeiro, dando início as suas atividades de auxílio a estrangeiros exilados de países da região, porém esse trabalho somente seria reconhecido oficialmente pelo governo brasileiro a partir de 1982, concedendo status de refugiado e oferecendo assistência a estrangeiros que saíam na condição de exilados de seus países.

Silva (2021) conduziu uma pesquisa sobre os exilados paraguaios em Foz do Iguaçu, Paraná (PR), com foco nas saídas para o exílio durante os anos de 1959 e 1976. A pesquisa se concentrou nos relatos de exilados políticos que deixaram o Paraguai devido à sua associação com partidos e organizações contrários ao regime stronista, ou por serem membros de famílias ligadas a esses grupos. O estudo destacou que, embora a assistência a estrangeiros não se estendesse ao interior do Paraguai, incluindo as cidades de fronteira, essa ajuda ainda serviu como um meio para alguns exilados deixarem o país e se estabelecerem no Mato Grosso do Sul (MS) ou em São Paulo (SP). A pesquisa contribui para o entendimento das dinâmicas do exílio paraguaio e das redes de apoio que facilitaram a migração desses indivíduos para o Brasil.

Ribeiro e Urquiza (2016), registram a dificuldade de integração dos migrantes paraguaios ao território, onde atualmente é sul-mato-grossense, no qual ficaram à mercê de preconceito, constituído na visão que o brasileiro construiu do paraguaio ao longo do tempo e dos episódios que compõem esse imaginário social.

Para Silva (2021), diversos fatores como as atividades comerciais entre as fronteiras Brasil/Paraguai e marcos sócio históricos como a Guerra do Paraguai no século XIX contribuem na criação dos estereótipos e preconceitos de uma nação com a outra, assim fatos como a negação ou inferiorização do outro estão presentes em falas de algumas entrevistadas de sua pesquisa:

Nas escolas e em outros lugares os nossos filhos sofreram essa discriminação, chamavam de paraguaiozinho e de xirú de forma depreciativa. Na Argentina era paraguaio muerto de hambre, e aqui é xirú, que na verdade é uma palavra guarani que significa “meu companheiro”, só que aqui na fronteira eles usam de forma depreciativa. (Margarita Báez Gimenez, 83 anos, exilada em 1959, vinculada ao Partido Liberal) (Silva, 2021, p.118).

O Paraguaio é diminuído, é o mandioqueiro, é o inferior e, pensando politicamente e geopoliticamente, é o país mais pobre, é o primo pobre que ninguém quer ser. (Porfíria Blanco, 76 anos, militante das Ligas Agrárias, exilada em 1976) (Silva, 2021, p. 119).

A expressão “xirú”, palavra que vem do guarani “che’irũ” e significa amigo ou companheiro, neste contexto narrado, serve de forma pejorativa fazendo referência à origem indígena do paraguaio. Corroborando com essa ideia Cota (2017, p. 3), “dependendo de quem é, e a situação em que se utiliza, ela pode carregar um tom depreciativo, negativo, muito comum entre os brasileiros da região fronteiriça ao se referirem aos paraguaios”. Também é possível observar esse estereótipo e preconceito nas relações comerciais estabelecidas nas fronteiras relacionados à falsificação, pirataria ou ilegalidade, criando assim para o termo paraguaio o adjetivo qualificando-o como algo que é falso ou adulterado (Silva, 2021).

Ribeiro e Urquiza (2016) consideram a Guerra Civil de 1947 no Paraguai, assim como os conflitos subsequentes, como impulsionadores de um processo migratório do povo paraguaio para o Sul de Mato Grosso (MT). Esse movimento migratório começou antes do aumento significativo no fluxo migratório das décadas de 1960 e 1970, atribuído à Construção da Barragem em Foz do Iguaçu, no Paraná.

Em outro aspecto, Silva (2021), utilizando dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), descreve o rápido crescimento populacional em Foz do Iguaçu. Entre as décadas de 1950 e 1960, a população da cidade aumentou de 12.010 para 28.212 habitantes. Esse crescimento continuou nas décadas seguintes, com um aumento para 28.060 habitantes na década de 1970 e para 124.789 habitantes na década de 1980.

A migração da família da minha mãe para o Brasil teve origem no contexto pós-Guerra Civil de 1947 no Paraguai. Segundo relatos fornecidos por ela, que é a segunda filha de meus avós maternos (casal de paraguaios) o período foi caracterizado como sendo de conflito, complexidade e trauma. Nascida em Orqueta, Paraguai, descreveu as circunstâncias da migração como um período marcado por desafios significativos e dificuldades emocionais. Sua narrativa revela a profunda influência que esses eventos tiveram na trajetória e identidade de nossa família, fornecendo um ponto de partida essencial para a compreensão mais profunda dos temas abordados nesta pesquisa.

Para maior clareza na narrativa, a partir deste ponto, minha mãe, participante da pesquisa será referida como "a sujeita da pesquisa", enquanto meus avós serão mencionados

como "pai e mãe". Esta alteração visa proporcionar uma identificação mais precisa dos indivíduos envolvidos na pesquisa e promover uma compreensão mais consistente da narrativa ao longo da escrita.

A memória parece estar intrinsecamente ligada aos sentimentos relacionados aos períodos narrados, os quais constituem o foco de estudo. Por meio das narrativas da sujeita da pesquisa, os motivos e deslocamentos da família são investigados do Paraguai para o Brasil. No Paraguai, seu pai era afiliado ao Partido Liberal, enquanto a família da mãe pertencia ao Partido Colorado. Vale ressaltar que minha sua mãe foi renegada pelo próprio pai, que ocupava o cargo de delegado nomeado pelo Partido Colorado em Pedro Juan Caballero. Apesar das diferenças políticas, sua mãe se casou com seu pai, um paraguaio defensor do Partido Liberal. Anos mais tarde, já estabelecidos no Brasil com seus cinco filhos nascidos no Paraguai e um no Brasil, mas criados em solo brasileiro, o avó materno da sujeita da pesquisa, que anteriormente a renegara sua mãe, a procurou no Distrito de Taunay, pertencente ao município de Aquidauana-MS, manifestando o desejo de se reconciliar e expressando o desejo de morrer próximo a ela. Esse episódio, permeado por nuances políticas e pessoais, ressalta a complexidade das relações familiares e políticas que moldaram a trajetória migratória e identitária da família.

Acontece que quem é colorado, é colorado a vida toda, não troca de partido, o filho, o neto, tudo é colorado. Liberal é liberal, da mesma forma, não troca de partido. Então eles não saíram do partido colorado, eles criaram um movimento popular colorado. (Aluízio Palmar, 79 anos, jornalista, perseguido político da ditadura brasileira e militante pela causa paraguaia) (Silva, 2021).

No Paraguai, a afiliação política ao Partido Liberal e ao Partido Colorado remonta a uma longa história de rivalidade política e conflitos ideológicos. Esses dois partidos políticos têm raízes profundas na história paraguaia e representam diferentes visões políticas e sociais. O Partido Liberal, historicamente associado a ideais de liberalismo e progressismo, geralmente defendia reformas políticas e sociais. Enquanto isso, o Partido Colorado, muitas vezes visto como mais conservador, tradicionalmente detinha o poder político e econômico no país. A rivalidade entre esses dois partidos frequentemente resultava em divisões dentro das famílias e comunidades, contribuindo para tensões políticas e sociais ao longo do tempo (Lugon, 2010).

Os pais da sujeita da pesquisa sempre deixaram bem claro para seus seis filhos e

seus descendentes que eles eram brasileiros e não paraguaios. Tal convicção era tão marcante que eles optaram por não ensinar a Língua Materna (espanhol) nem o idioma Guarani a nenhum dos descendentes, como forma de romper qualquer vínculo com o Paraguai, usavam sempre a frase que “não queriam nenhuma ligação com a terra que os renegou”. Essa decisão reflete não apenas a rejeição pessoal experimentada pela família, mas também uma postura enraizada de afirmação da identidade nacional brasileira e de distanciamento das raízes paraguaias. Essa narrativa revela a complexidade das dinâmicas familiares e identitárias em contextos migratórios, destacando como as experiências passadas moldam as percepções e escolhas das gerações subsequentes.

O limite de fronteira, representando a quebra de espaços, zonas de referência e conforto, foi estabelecido pelo casal, especialmente pela figura paterna, a partir desse profundo sentimento de ressentimento. Segundo relatos da sujeita da pesquisa, alguns antepassados da família participaram ativamente da Guerra do Paraguai e da Guerra do Chaco. Assim, torna-se evidente que a memória desses conflitos armados permeia a alma da família, deixando uma marca permanente. Os descendentes desse casal vivenciaram indiretamente as consequências desses conflitos, que foram caracterizados pelos tumultos políticos internos no Paraguai.

Uma frase recorrentemente repetida pelo meu avô materno à minha mãe, tios, irmãos e primos há muitos anos permanece gravada em minhas memórias. Essa frase remete a um momento crucial em que ao patriarca da família foi oferecida anistia por agentes do governo Paraguai, por ter sido vítima de atrocidades cometidas contra sua família e ter deixado sua propriedade no Paraguai. Essas atrocidades incluíam ser severamente espancado e retornar para casa com visíveis ferimentos, ter gado abatido diante da esposa e filhos para alimentar os militares, e enfrentar ameaças de violência sexual, entre outras formas de violência contra sua família. Os agentes governamentais propuseram devolver suas propriedades, juntamente com uma determinada quantidade de cabeça de gado, em troca de seu retorno. No entanto, ele recusou categoricamente essa oferta, declarando: "Eu já neguei minha pátria uma vez, não vou negar a segunda que me acolheu". Essa recusa enfática em aceitar a anistia com aqueles que o haviam vitimado ilustra a profundidade de seu compromisso com sua nova pátria e o repúdio aos abusos sofridos. Essa narrativa revela não apenas os traumas pessoais da família, mas também a resiliência e a determinação em preservar a integridade e a dignidade diante de adversidades extremas.

Com base na narrativa da sujeita da pesquisa, é possível vislumbrar essa negação

da Identidade², tradição e costumes do país de origem, resultantes dos traumas decorrentes dos conflitos da revolução e posteriormente a ditadura, que marcaram a vida do casal, seus filhos e indiretamente transmitidos para os netos e bisnetos.

A pesquisa enfatizou a experiência de uma infância interrompida e uma adolescência marcada pelo medo constante, levando em consideração até que ponto essas lembranças continuariam a influenciar os pensamentos da sujeita da pesquisa. As lembranças desse período ressurgem de forma cíclica através de diversos elementos culturais, como música, comida, religiosidade, língua, entre outros. Conforme apontado por Montenegro (2003), é possível obter uma nova perspectiva sobre esses eventos por meio da memória, o que nos permite reinterpretar e compreender melhor essas experiências passadas.

Diante do exposto, esta pesquisa, sob a ótica dos Estudos Culturais, busca compreender os impactos das experiências migratórias e dos conflitos políticos vivenciados pela minha família materna no pós-Guerra Civil de 1947 do Paraguai e a subsequente mudança para o Brasil, os tornando pessoas refugiadas, enfatizando a negação da identidade, tradição e costumes em relação ao país de origem. O estudo explora a complexidade desse contexto e o legado deixado por tais eventos. Por meio da abordagem da história oral e da análise das narrativas pessoais, investiga-se de que maneira os traumas decorrentes das experiências migratórias e dos conflitos políticos se manifestaram ao longo das gerações, influenciando as percepções de pertencimento, memória e identidade dos descendentes. Essa pesquisa almejou contribuir para uma visão mais abrangente das dinâmicas migratórias e de seus impactos na formação do sujeito contemporâneo e na construção da identidade cultural.

A compreensão das dinâmicas e do legado das experiências migratórias busca fornecer insights significativos não apenas para a comunidade acadêmica, mas também para formuladores de políticas, profissionais de saúde mental e para a sociedade em geral. Esses insights têm o potencial de informar abordagens mais sensíveis e inclusivas para lidar com questões relacionadas à migração, incluindo o desenvolvimento de programas e políticas que visam promover a integração, resiliência e bem-estar das comunidades migrantes. Como resultado, espera-se que a pesquisa contribua para a construção de uma sociedade mais justa, compreensiva e solidária, que reconheça e valorize a diversidade cultural e os direitos de todos os indivíduos, independentemente de sua origem ou história migratória.

² “ Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional” (HALL, 2006a, p.59)

1.1 Passado e presente sobre a carreta de boi: meus questionamentos de vida

Peço licença para explicar meu caminho trilhado e esclarecer, em primeira pessoa, as escolhas de aproximação baseado na experiência que levaram à construção da presente dissertação.

Minha jornada como mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais do Campus de Aquidauana (PPGCult/CPAQ) da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) percorreu trajetórias diversas até que eu estabelecesse uma conexão com a história de refúgio dos meus avós maternos e seus seis filhos para o Brasil. Esse processo me levou a compreender detalhes sobre como tudo ocorreu e, sobretudo, a ter clareza de que simplesmente eles não "abandonaram" seu país de origem, mas eram refugiados de uma Guerra Civil.

Meu avô, apesar de possuir pouca instrução formal, era um sujeito com conhecimento político notável. Sua capacidade de articular e discutir questões políticas com grande propriedade sempre me intrigou. Era impressionante como alguém com tão limitada educação formal conseguia se expressar com tanta eloquência e conhecimento sobre política. Essa admiração não era exclusiva minha; minha mãe, tios, irmãos e primos também comentavam sobre sua habilidade excepcional nesse campo. Esse insight foi fundamental para que eu compreendesse melhor a complexidade da história de minha família e o contexto político que os levou a buscar refúgio em terras brasileiras. A partir desse ponto, minha pesquisa foi direcionada para desvendar os aspectos políticos, sociais e culturais que envolveram a migração de meus avós e sua vivência em um novo país.

No decorrer da minha vida, percebi também um crescente interesse de alguns irmãos e primos pela política, bem como um comportamento peculiar em relação à nossa ascendência paraguaia que praticamente não existia, contrastando com o fervor patriótico observado em outras famílias de descendentes paraguaios. Essas observações despertaram em mim questionamentos profundos sobre o fenômeno migratório e seu impacto nas experiências individuais e sociais dos sujeitos.

Motivado por essas reflexões, decidi investigar mais a fundo como a migração influencia e molda as vivências dos sujeitos na sociedade e em suas próprias vidas. A história de refúgio de meus avós maternos e seus seis filhos para o Brasil emergiu como um elo fundamental nesse processo de compreensão, revelando não apenas as complexidades dessa experiência, mas também a influência duradoura que ela exerce sobre as identidades e

trajetórias pessoais. Estando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da UFMS, meu percurso acadêmico ganhou um novo rumo ao explorar essas questões, buscando ampliar o entendimento sobre o papel da migração na construção das narrativas familiares e na formação das identidades individuais e coletivas.

Neste contexto, a pesquisa aprofundou a compreensão da formação da fronteira entre Brasil e Paraguai, não tratando da relação fronteiriça nos âmbitos político, gastronômico, musical, social e cultural. No entanto, o foco principal residia em descrever e destacar, por meio da narrativa e da memória arquivada (Ricoeur, 2008), as experiências e os traumas trazidos pelo refúgio vivenciado pela minha família. Reforço aqui que, devido aos meus avós maternos serem falecidos, a narrativa escutada foi de minha mãe, que guardava em sua memória muitas lembranças dos fatos.

A geração a qual pertencço inclui irmãos e primos que nunca se empenharam em descobrir as razões por trás da ausência de tradições ou costumes paraguaios em nossa família, assim como nunca demonstraram interesse em incentivá-los. Surgem, então, perguntas fundamentais: Por que essa falta de conexão com as raízes familiares? Será que a alma da família foi ferida pelas experiências do refúgio? Será que os traumas da revolução e a opressão da ditadura exerceram um papel significativo nesse distanciamento?

São justamente essas indagações que fundamentam minha pesquisa. Ao investigar esses aspectos, busco não apenas compreender as marcas deixadas pelo processo de refúgio e pela migração forçada, mas também explorar como tais experiências moldaram a identidade e as relações familiares ao longo das gerações. O uso da narrativa e da memória como ferramentas analíticas permite uma abordagem mais sensível e contextualizada, revelando as nuances e complexidades dessas vivências transfronteiriças e suas consequências para a minha família e para mim mesmo.

Refletir sobre minha própria identidade tem sido um desafio significativo para mim, Eudes, assemelhando-se à jornada incerta de um viajante nas carretas de boi que cruzaram fronteiras rumo ao Brasil, um lugar desconhecido, mas repleto de potencial para grandes transformações. Essa analogia ecoa minha experiência dentro do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais.

O trocadilho entre o meu percurso na pós-graduação e as carretas de boi do meu avô, juntamente com sua música preferida "Carreta Campesina", evoca uma poderosa metáfora que conecta o passado com o presente, unindo experiências familiares com a busca pelo conhecimento acadêmico.

Assim como as carretas de boi eram instrumentos essenciais na jornada de meus avós, que atravessaram fronteiras em busca de uma vida melhor, eu também embarquei em uma jornada de crescimento intelectual na pós-graduação. Essa analogia entre as carretas de boi e o meu percurso acadêmico ressalta a importância da determinação, da persistência e da coragem necessárias para superar desafios e alcançar objetivos.

Além disso, a música "Carreta Campesina", tão significativa para meu avô, simboliza a valorização do conhecimento e da sabedoria que ele buscava em sua própria jornada. Da mesma forma, na pós-graduação, busquei absorver conhecimentos e experiências que moldam meu caminho e contribuem para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Essa conexão entre o legado familiar e a minha busca pelo conhecimento acadêmico ressalta a importância de reconhecer e honrar as raízes que nos moldaram, ao mesmo tempo em que abraçamos oportunidades de crescimento e aprendizado. A música "Carreta Campesina" torna-se, assim, um símbolo poderoso que ilustra a continuidade e a transformação ao longo das gerações, destacando a importância do conhecimento como uma fonte de fortalecimento e progresso.

Ao decidir explorar minha família - composta por minha mãe, avós maternos e tios - como tema central de minha dissertação, não estava preparado para o profundo mergulho em minha própria história e, sobretudo, para o desafio de ressignificar minha própria existência.

Neste contexto acadêmico, as carretas de boi representam não apenas um meio de transporte físico, mas também um símbolo poderoso da representação do processo migratório, adaptação e resistência. Assim como meus antepassados se aventuraram em terras desconhecidas, estou eu agora imerso em uma jornada intelectual e emocional, navegando pelos meandros da minha própria história familiar.

Cada passo nessa jornada acadêmica confronto com questões profundas sobre minha identidade, origens e conexões com o passado. Ao trazer à tona as narrativas de minha família, sou confrontado com minhas próprias experiências e memórias, desencadeando um processo de reflexão e auto revelação.

A escolha do tema da dissertação revelou-se um convite para explorar não apenas as histórias de meus entes queridos, mas também a minha própria relação com essas narrativas. É um chamado para reconhecer o impacto do passado em meu presente e para encontrar significado e propósito em minha própria jornada.

Nesse sentido, minha pesquisa transcendeu os limites da academia, transformando-se em uma busca pessoal por auto compreensão e identidade. Assim como as carretas de boi

moldaram o curso da história de minha família, esta dissertação desvelou caminhos inexplorados em minha própria jornada de autoconhecimento e descoberta.

Entender-me como descendente de uma família de refugiados constitui uma experiência complexa e profunda que influencia minha identidade e perspectiva de mundo. As narrativas dos meus antepassados refugiados foram transmitidas ao longo das gerações, mas o impacto dessas vivências pode não ter sido plenamente compreendido até que eu tivesse a oportunidade de explorá-las mais intimamente, como foi proporcionado em um programa de pós-graduação em estudos culturais.

A imersão nesse ambiente acadêmico representou um despertar para a complexidade e profundidade das vivências dos meus antepassados refugiados. Conforme me envolvi com a literatura, teorias e debates sobre cultura, identidade e migração, passei a compreender como as experiências de refugiados dos meus familiares não apenas moldaram suas próprias trajetórias, mas também exerceram influência sobre a minha.

Para mim, o entendimento completo da experiência de refugiados dos meus antepassados pode ter surgido tardiamente. Embora eu tenha escutado histórias sobre suas jornadas e lutas, foi somente ao mergulhar mais fundo nas questões culturais e históricas associadas ao refúgio que comecei a compreender plenamente o impacto dessas experiências em minha própria identidade.

É comum que esse entendimento seja acompanhado por uma gama de emoções complexas. Eu posso sentir uma mistura de admiração e orgulho pelos sacrifícios e coragem dos meus antepassados em enfrentar o refúgio, ao mesmo tempo em que experimento um profundo pesar pelas perdas e traumas que enfrentaram. Essas emoções podem ser agravadas pela consciência de que, de certa forma, carrego o legado de suas experiências em minha própria jornada de vida.

No entanto, ao mesmo tempo, o reconhecimento e a compreensão dessas experiências podem me capacitar a honrar as histórias dos meus antepassados, a fortalecer minha própria identidade e a cultivar uma maior empatia e compreensão em relação às experiências de outros povos deslocados e marginalizados ao redor do mundo.

Assim, ingressar em um programa de pós-graduação de estudos culturais não apenas ampliou meu conhecimento acadêmico, mas também me proporcionou uma jornada de autodescoberta emocional e cultural, na qual me tornei um sujeito mais consciente e conectado com as ricas e complexas histórias que me trouxeram até aqui.

Até recentemente, minha compreensão sobre esta narrativa era limitada. Diante desse pouco saber, dessas poucas falas sobre a migração dos meus avós maternos do Paraguai

para o Brasil, quando minha mãe e tios ainda eram crianças, minimizou a percepção do impacto desses eventos em minha família. Raramente escutamos sobre os tempos da Guerra Civil de 1947, dos sons de tiros e explosões que testemunharam, ou mesmo sobre os desafios de aprender uma nova língua. Essa lacuna de conhecimento e silêncio obscurece a extensão do impacto da migração não apenas em meus avós, mas também em minha mãe, tios, irmãos, primos e nas gerações subseqüentes da nossa família.

Ao refletir sobre essa história, reconheço a importância que foi explorar mais profundamente as experiências migratórias de meus antepassados e sua influência em minha própria identidade e trajetória. A migração é uma parte intrínseca da nossa história familiar, moldando não apenas nossas circunstâncias materiais, mas também nossos valores, tradições e conexões emocionais. Este insight revela a necessidade de uma abordagem mais holística e pessoal ao estudar a migração e suas ramificações intergeracionais.

Nesse contexto, optei por iniciar uma série de diálogos com meus familiares, com o intuito de resgatar e compreender mais profundamente os eventos migratórios que moldaram nossa história. Essas conversas foram verdadeiras jornadas emocionais, nas quais me vejo imerso não apenas nas narrativas compartilhadas, mas também nas emoções que emergem tanto em quem conta quanto em mim mesmo. Ao ouvir as experiências vividas por meus avós, mãe e tios durante sua migração do Paraguai para o Brasil, percebo a magnitude do impacto que tais eventos tiveram e continuam a ter em nossa família, desde aquela geração até os seus descendentes, incluindo a mim.

Decidi, então, registrar essas narrativas, não apenas como relatos familiares, mas como peças fundamentais para minha pesquisa de mestrado. Dentro desse contexto, não posso dissociar minha própria história das histórias de meus familiares. Assim, início minha própria jornada de autoconhecimento e ressignificação ao mergulhar nas memórias compartilhadas, reconstruindo minha própria trajetória a partir das vivências transmitidas por meio das carretas de boi, que simbolizam não apenas a migração física, mas também a jornada emocional e cultural que permeia nossa história familiar.

Neste contexto, ao desenvolver uma investigação junto à minha família, coloco em destaque as memórias, experiências de vida e perspectivas individuais, visando compreender como a experiência de ser refugiado moldaram cada um de nós. Esta abordagem propõe uma outra visão, convidando-me a enxergar através das lentes do outro, a fim de explorar e compreender mais profundamente as narrativas que atravessam nossas vidas. Em suma, ao pensar o outro (sujeito) e a mim mesmo sob a lente dos estudos culturais, estou comprometido em promover uma análise que valorize a diversidade, a complexidade e a riqueza das

experiências humanas, contribuindo para uma compreensão mais profunda e contextualizada das migrações vivenciadas pela minha família.

O relato de vida, enquanto foco da pesquisa, ofereceu um panorama do processo vivenciado pela família de meus avôs maternos e filhos, abrangendo os momentos que antecederam a fuga do Paraguai, o próprio evento da fuga e a subsequente vivência no Brasil. Os relatos experienciados e a acolhida encontrada após a chegada foram elementos centrais que conduziram toda a pesquisa, permeando tanto os aspectos empíricos quanto teóricos, além de influenciar diretamente os objetivos e conclusões apresentados.

Reforço que o objetivo desta pesquisa era destacar as complexidades resultantes da condição de refugiados e seu impacto na formação dos descendentes, os quais encontram-se desprovidos das tradições e costumes do Paraguai, país de origem dos meus avôs maternos, que contraíram matrimônio, deram à luz seus filhos e, ainda na infância destes, viram-se obrigados a migrar/refugiar para o Brasil. Esses descendentes, por sua vez, foram inseridos em um novo país e, décadas depois, em um novo estado, após a divisão territorial do Estado de Mato Grosso em 11 de outubro de 1977, resultando na criação do Estado de Mato Grosso do Sul. Assim, essa pesquisa visa elucidar como esses descendentes contribuem para a identidade cultural e social do novo estado, moldando sua história e sua composição demográfica.

Mato Grosso do Sul se destaca por sua identidade multicultural, moldada pela miscigenação de costumes e tradições advindas principalmente de processos migratórios originários do Paraguai, Bolívia e de estados das regiões Sul e Sudeste do Brasil. Com uma relação estreita com o Paraguai, alguns ícones desse país vizinho, como o tereré, assumiram também o status de símbolos sul-mato-grossenses (FCMS, 2020).

A identidade multicultural de Mato Grosso do Sul, embora constitua um aspecto enriquecedor e integrador para a região, também pode representar um desafio para os imigrantes, exilados e refugiados que chegam em busca de pertencimento. A diversidade cultural pode tanto facilitar quanto complicar a experiência de integração, dependendo da maneira como esses elementos culturais são percebidos e assimilados pelos recém-chegados.

O sentimento de não pertencimento, caracterizado por desenraizamento, exclusão, rejeição e isolamento, pode exercer uma influência significativa na construção do sujeito. Quando aplicamos essa discussão aos imigrantes, e também aos refugiados, torna-se evidente que esses sentimentos afetam os sujeitos de maneiras diversas, variando de acordo com as circunstâncias específicas em que se encontram.

É fundamental considerar que o não pertencimento pode se manifestar em diferentes graus e contextos para os imigrantes e refugiados, refletindo-se em suas experiências

peçoais e emocionais. Em alguns casos, esses sentimentos podem ser intensos, resultando em dificuldades de adaptação, desafios psicológicos e uma sensação de desconexão com o ambiente ao redor. Em situações extremas, o não pertencimento pode até mesmo levar a crises identitárias e emocionais mais profundas.

Por outro lado, é importante ressaltar o papel do sentimento de pertencimento, que oferece uma sensação de acolhimento, identidade coletiva e fortalecimento do eu individual. Este sentimento contribui para o equilíbrio psíquico dos sujeitos, proporcionando um senso de segurança e pertencimento em meio às adversidades e desafios enfrentados como imigrantes ou exilados (Sousa, 2021).

Alessandro Portelli, renomado historiador e pesquisador italiano, em seu livro “História Oral como arte de escuta” (2016) aborda a questão do não pertencimento através de uma lente que valoriza as histórias e narrativas individuais como formas de resistência e construção de identidade. Em seus estudos sobre história oral e memória, Portelli (2016) destaca a importância de valorizar experiências daqueles que muitas vezes são marginalizados ou excluídos da narrativa histórica dominante.

Aborda o conceito de não pertencimento na construção do sujeito através de sua abordagem da história oral e da análise das narrativas individuais. Argumenta que as experiências de não pertencimento é um elemento crucial na formação da identidade e na compreensão da condição humana.

Na construção do sujeito, Portelli (2016) destaca a importância de reconhecer e validar as experiências de não pertencimento, pois elas contribuem para uma compreensão mais completa e autêntica da diversidade humana. Ele argumenta que ao escutar os sujeitos que se encontram em situações de não pertencimento, é possível promover uma narrativa mais inclusiva e empática da história, que reflita a multiplicidade de experiências e identidades presentes na sociedade.

Em suma, Alessandro Portelli (2016) oferece uma perspectiva sensível e reflexiva sobre como não pertencimento molda a construção do sujeito, destacando a importância de ouvir e valorizar as histórias daqueles que muitas vezes são marginalizados ou esquecidos pela narrativa dominante.

Sobre o sujeito que abandona a terra pátria para viver em outro canto e como o sentimento que tal atitude influencia no sujeito, destaco Bauman (2005, p. 20) ao citar que: “Pode-se até começar a sentir-se *chez soi*, ‘em casa’, em qualquer lugar – mas o preço a ser pago é a aceitação de que em lugar algum se vai estar total e plenamente em casa”.

Nesse contexto, a pesquisa proposta, ao ser submetida ao Programa de Pós-

Graduação em Estudos Culturais do Campus de Aquidauana (PPGCult/CPAQ), unidade vinculada à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) na linha de Pesquisa Sujeitos e Linguagens, visa aprofundar o estudo sobre a temática da identidade. Esse enfoque permite uma reflexão aprofundada sobre a noção de sujeito³ e seu processo de formação.

Diante dessa perspectiva, optei por utilizar a metodologia da História Oral, na qual as narrativas são valorizadas como fontes de análise e, proporciona uma análise crítica do silenciamento dos sentimentos, das dores e dos traumas, inclusive da não utilização das línguas dos imigrantes no cotidiano de uma parcela reduzida da sociedade sul-mato-grossense. Reconhecemos a complexidade desse contexto e a importância de discutir a construção do sujeito contemporâneo, visando promover uma nova compreensão e valorização da diversidade que constitui o sujeito.

No entanto, ao me inserir neste caminho de investigação, reconheço que também estou imerso em um estudo autoetnográfico. Minha participação ativa em todas as etapas da pesquisa, desde as conversas iniciais até a redação da dissertação e análise dos dados, não se limita ao papel de mero observador. Pelo contrário, meu envolvimento é fundamental, uma vez que as migrações estudadas também me afetam, mesmo que eu não tenha experimentado diretamente o evento. Assim, minha perspectiva pessoal e experiências próprias são consideradas essenciais para a compreensão mais completa e profunda do fenômeno migratório dentro do contexto familiar e individual.

Foi através do trocadilho das histórias de vida de meus avós maternos e filhos na chegada ao Brasil, entrelaçada com a melodia e o espírito da música "La Carreta Campesina", que encerro minha apresentação, criando assim algumas palavras que ecoam as experiências e os sentimentos dessa jornada migratória:

Nas asas do vento, o jovem carreteiro embarca em sua carreta de três juntas de Boi, levando consigo sua esposa e filhos, em uma partida corajosa rumo a terras distantes, marcada por sonhos e anseios pulsantes. À sombra das carretas, meticulosamente construídas, ele transporta não apenas cargas, mas também sua própria história, transformando sua profissão em arte, trabalho e memória. Enquanto avança pela estrada, enfrentando desafios e tecendo novas histórias a cada volta da roda, ele mantém viva a memória ao tocar seu violão e cantar "La Carreta Campesina" nas noites silenciosas, evocando lembranças da terra natal que ficou

³ O sujeito é constituído a partir da linguagem e da história, por isso não é origem em si mesmo. Ele existe ou acontece pelas relações a que é submetido, ou seja, pelo discurso, que não determina um único sentido. [...] A história é construída a partir das relações de poder e das práticas sociais, por isso, os acontecimentos históricos têm significados que interferem e são influenciados pelos discursos (Souza, 2021).

para trás. Seu trabalho é sua vida, sua família é sua luz, e ele sabe que deixará sua marca por onde passar, como um carreteiro destemido que constrói seu próprio futuro com suas carretas, sua família, seu trabalho e sua alma tão franca. Nestas palavras, a história se entrelaça com a música, criando uma narrativa que celebra a coragem, a determinação e a resiliência dos migrantes que ousam buscar uma vida melhor em terras desconhecidas.

1.2 A Rota traçada para o caminho da carreta: objetivos em foco

O objetivo desta pesquisa foi investigar como a experiência de refúgio e os conflitos políticos vivenciados pela minha família materna após a Guerra Civil de 1947 no Paraguai influenciaram a formação dos descendentes, especificamente em relação à preservação ou negação da identidade cultural paraguaia. Por meio da análise das narrativas pessoais, da história oral e autoetnografia, foi possível compreender de que maneira essas experiências moldaram as percepções de pertencimento, memória e identidade dos descendentes que, mesmo sem tradição e costumes paraguaios, residem no Estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. Ao explorar esses aspectos, esta pesquisa buscou contribuir para uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas migratórias e de seus impactos na formação do sujeito contemporâneo e da identidade cultural.

Ao delinear os objetivos específicos que direcionaram essa pesquisa de maneira mais focalizada o primeiro passo foi investigar as percepções de identidade e pertencimento dos descendentes da família paraguaia, com foco na experiência de refúgio e sua relação com a cultura paraguaia e brasileira. Por meio da análise das narrativas pessoais e das percepções individuais, foram examinadas as formas como os descendentes se veem e se identificam, assim como sua inserção na cultura brasileira em Mato Grosso do Sul. Essa análise proporcionou insights valiosos sobre a conexão (ou falta de conexão) com as raízes culturais e o impacto da experiência de refúgio na construção da identidade cultural dos indivíduos.

Continuando, a pesquisa explorou a transmissão das memórias geradas pelo refúgio para as gerações seguintes. Por meio da escuta sensível investigou-se como essas memórias influenciaram a memória coletiva, a formação cultural e as percepções dos descendentes em relação à sua história e identidade. Essa análise revelou padrões significativos de transmissão intergeracional de memórias e seu impacto na construção da identidade cultural dos descendentes.

Outro ponto foi a compreensão de como as memórias são lembradas, compartilhadas e transmitidas ao longo das gerações dentro da família. Por meio de abordagens qualitativas, como a escuta sensível e a autoetnografia, examinou-se como essas memórias moldam a narrativa familiar e afetam as percepções dos descendentes sobre sua identidade cultural e pertencimento. Essa análise proporcionou uma compreensão mais profunda dos mecanismos de transmissão de memórias e sua influência na construção da identidade familiar.

Seguindo a proposta, foi realizada uma descrição do contexto vivido pela família no Paraguai e no Brasil durante o período de 1940-1970. A partir da escuta sensível, várias memórias foram registradas, onde contextualizou as experiências migratórias e políticas que moldaram a identidade cultural da família. Essa análise contribuiu para uma compreensão mais ampla das condições e eventos que levaram à migração e como essas experiências influenciaram a formação da identidade cultural da família.

Por fim, foi elaborado um mapa de itinerário de vida que traçou o deslocamento da família do Paraguai ao Brasil. Destacando os principais eventos, locais e experiências ao longo desse processo migratório, o mapa contribuiu para uma compreensão mais detalhada das dinâmicas migratórias e de seus impactos na identidade cultural dos indivíduos. Essa visualização proporcionou uma perspectiva mais tangível do percurso migratório da família, enriquecendo a compreensão das experiências vivenciadas e suas consequências na identidade cultural dos descendentes e na construção do sujeito contemporâneo.

1.3 A carreta do conhecimento: as rotas traçadas e sua importância na trajetória

Ao pesquisar sobre os sentimentos decorrentes de traumas resultantes de conflitos armados e deslocamentos, a área dos estudos culturais contribui significativamente para a preservação da memória coletiva e individual de eventos históricos dolorosos, como genocídios, ditaduras e conflitos armados. Esses temas exploram como a memória cultural, os sentimentos e os traumas históricos moldam as narrativas culturais e a compreensão das relações de poder. Dessa forma, essa pesquisa contribui para que esses eventos não sejam esquecidos e colabora para a desconstrução/construção do sujeito. Vale ressaltar ainda que, por meio de uma análise crítica da narrativa pesquisada, possibilitou trazer à tona histórias marginalizadas e compreender como traumas e ressentimentos históricos afetam a formação da identidade cultural e individual. Essa compreensão foi essencial para abordar questões de

pertencimento, autoestima e construção de uma identidade coletiva positiva, estando diretamente ligada à compreensão da complexidade das experiências humanas, da formação da identidade e das dinâmicas sociais.

A partir dos relatos, tornou-se possível relacionar fundamentação teórica com os resultados encontrados. Elementos como História Política do Paraguai, a Guerra Civil de 1947, os sentimentos que surgem e devem ser lidados no pós-guerra, sentimentos estes que podem ser repassados de uma geração para outra⁴.

Na Introdução me apresento utilizando a autoetnografia, explorando minhas experiências, reflexões e questionamentos da pesquisa e a partir dessas reflexões pessoais foram delineados o tema da pesquisa, que serve como ponto focal para a investigação, bem como o objetivo principal, estabelecendo a meta geral a ser alcançada com o trabalho. Além disso, são identificados os objetivos específicos da pesquisa, detalhando as etapas e metas intermediárias necessárias para alcançar o objetivo principal.

Ainda na Introdução se discute a importância do tema escolhido, contextualizando-o dentro do campo acadêmico e identificando sua relevância para a área de estudo e como o tema contribui para preencher lacunas de conhecimento existentes, avançar em debates teóricos ou abordar questões práticas e sociais relevantes. Além disso, apresento a estrutura da dissertação, delineando os principais tópicos e capítulos que compõem o trabalho, proporcionando uma visão geral do conteúdo a ser abordado. Essa discussão ajuda a orientar o leitor e a estabelecer expectativas claras em relação ao que será explorado ao longo da dissertação.

No Capítulo Explorando as Narrativas Metodológicas foi apresentada a contextualização da História Oral e da autoetnografia como metodologias, explorando suas bases teóricas e práticas. Por meio dessa análise, o tema de estudo é delimitado, levando em consideração a escolha cuidadosa e a descrição detalhada do perfil da sujeita da pesquisa.

⁴“A transmissão pela cultura, abordada no campo da Psicologia Social e da Sociologia, realça a transmissão das normas sociais e das crenças, que vão passando de geração em geração (Prager, 2003). Por outro lado, de acordo com as teorias da aprendizagem, o trauma transmite-se de forma consciente e directa, através da parentalidade e dos estilos parentais (Kellerman, 2001)” (Oliveira, 2008, p. 47).

[...]quando se interage com alguém que sofre de um trauma e com quem se tem uma relação emocionalmente próxima, pode-se experienciar sintomas semelhantes aos da vítima, por se estar exposto às suas reacções físicas e emocionais. Por exemplo, quando o ex-combatente partilha as suas experiências de flashbacks, pesadelos e pensamentos intrusivos, é fácil o familiar formar (fantasiar) as suas próprias imagens da guerra. A este respeito, Williams (1980, citado por Nelson & Wright, 1996) descreve este processo como se tratando de uma sobreidentificação com o excombatente, ideia reforçada igualmente por Maloney (1988, citado por Nelson & Wright, 1996) que fala num processo de internalização (por identificação) dos stressores do veterano, possivelmente através de uma resposta de condicionamento (e.g. certas esposas, perante barulhos particulares, podem sentir-se tensas e ansiosas) (Oliveira, 2008, p. 48-49).

Ademais, são apresentados o desenvolvimento da metodologia e os autores utilizados, que fornecem fundamentos para a condução da pesquisa. Esse Capítulo contribui para estabelecer as bases metodológicas sólidas sobre as quais o estudo se apoia, proporcionando um entendimento claro das abordagens adotadas e das estratégias utilizadas na coleta e análise dos dados.

A História Oral e a autoetnografia são abordagens metodológicas que têm se destacado no campo da pesquisa, oferecendo ferramentas poderosas para a investigação qualitativa. A História Oral se baseia na coleta e análise de relatos de vida e narrativas pessoais, buscando compreender as experiências individuais e coletivas dos sujeitos em seu contexto histórico e social. Essa abordagem valoriza a narrativa da participante da pesquisa, permitindo que suas histórias e memórias sejam registradas e preservadas para as gerações futuras. Por outro lado, a autoetnografia centra-se na reflexão e na escrita autobiográfica do pesquisador, que explora suas próprias experiências, identidades e conexões com a temática do estudo. Essa metodologia promove uma análise reflexiva e crítica, permitindo ao pesquisador situar-se no contexto da pesquisa e reconhecer sua subjetividade e posicionamento social.

No Capítulo Carregando o Saber nas Rodas da Carreta, a pesquisa mergulha na abordagem dos estudos culturais, explorando conceitos fundamentais como identidade, diáspora, diferença e deslocamento. São examinadas as narrativas da sujeita da pesquisa à luz desses conceitos, buscando compreender como suas experiências pessoais se entrelaçam com as dinâmicas culturais e sociais em jogo. Autores proeminentes nesse campo, como Stuart Hall, Homi Bhabha, Bolanõs e Woodward, são convocados para enriquecer a discussão teórica e fornecer ferramentas analíticas robustas. Através dessa análise, foi possível desvelar as complexidades das narrativas individuais, mas também situá-las dentro de um contexto mais amplo de produção de significados culturais. Essa abordagem crítica permitiu uma reflexão mais profunda sobre como as narrativas da sujeita da pesquisa são moldadas por, e por sua vez moldam, os discursos culturais dominantes, contribuindo para uma compreensão mais abrangente das interações entre sujeito e sociedade.

No Capítulo Trilhando os Caminhos da História, foi realizada uma contextualização das Guerras da sociedade contemporânea, examinando suas ramificações sobre o sujeito e a sociedade. Aspectos como a dinâmica de poder, a prática de tortura, a construção da memória, o silêncio social, o ressentimento coletivo, as migrações e a condição de refugiado são explorados em relação aos conflitos armados. Esta análise busca compreender as múltiplas dimensões dos impactos dessas guerras, tanto a nível individual quanto coletivo, destacando as

consequências psicossociais e políticas que reverberam na sociedade. Além disso, o capítulo conclui com uma abordagem da fronteira do Estado de Mato Grosso do Sul com países vizinhos, como Paraguai e Bolívia, onde é apresentado um mapa elaborado para auxiliar na visualização e contextualização da região em estudo. Essa delimitação geográfica visa aprofundar a compreensão das dinâmicas fronteiriças e suas implicações para as temáticas abordadas na pesquisa.

A narrativa registrada na pesquisa oferece um relato detalhado e pessoal dos eventos que envolveram a partida da família do Paraguai para o Brasil. Por meio das conversas com a participante da pesquisa, foi possível capturar suas experiências, percepções e emoções relacionadas aos acontecimentos antes, durante e após a fuga. A partir dessa narrativa, foi possível explorar não apenas os fatos que levaram à decisão de deixar o país de origem, mas também as nuances emocionais e psicológicas envolvidas nesse processo. Além disso, a perspectiva de uma criança diante desses eventos adiciona uma camada de complexidade à narrativa, permitindo uma compreensão mais profunda das dinâmicas familiares, dos impactos psicológicos e das estratégias de enfrentamento adotadas pela família diante da adversidade. Ao abordar essas questões no Capítulo Explorando os Resultados, a dissertação oferece uma análise aprofundada da narrativa registrada, destacando os principais temas, padrões e insights emergentes, bem como promovendo uma discussão crítica sobre o significado e as implicações desses eventos para a compreensão da memória coletiva e individual, dos processos de identidade e das dinâmicas sociais.

Em Considerações Finais, tenho a oportunidade de consolidar todas as ideias e reflexões apresentadas ao longo do trabalho. São retomados os principais pontos discutidos nos capítulos anteriores e foi possível tecer considerações que visam aprofundar a compreensão do tema estudado. Demonstrando assim a profundidade do trabalho realizado e sua contribuição para o campo dos estudos culturais.

2 EXPLORANDO AS NARRATIVAS: A VIAGEM METODOLÓGICA ENTRE A HISTÓRIA ORAL E A AUTOETNOGRAFIA

No presente capítulo, descreve-se a metodologia adotada para o desenvolvimento do estudo, ressaltando a escolha da História Oral como abordagem primordial para a coleta de dados. A metodologia adotada foi embasada em fundamentos teóricos, visando atender aos objetivos da pesquisa e proporcionar uma análise das experiências em estudo.

A História Oral, uma metodologia reconhecida por sua capacidade de preservar e contextualizar narrativas pessoais, foi selecionada como o principal instrumento de coleta de dados. Por meio de conversas e escuta sensível, a sujeita participante foi encorajada a compartilhar sua vivência, percepção e memórias relacionadas ao tema em análise. Esses encontros foram conduzidos de maneira sensível e respeitosa, buscando criar um ambiente propício para a expressão genuína da participante.

Além da História Oral, a autoetnografia foi empregada como uma abordagem complementar, especialmente devido à minha relação pessoal com a sujeita central da pesquisa. Como filho da sujeita, cuja narrativa permeia este estudo, construí uma perspectiva única e intimamente conectada com as histórias e experiências compartilhadas. Através da autoetnografia, pude refletir sobre meu próprio papel na pesquisa, bem como explorar minhas próprias experiências e reflexões em relação ao tema em estudo.

Por meio da combinação da História Oral e da autoetnografia, este estudo buscou oferecer uma compreensão holística e contextualizada das experiências culturais em análise, contribuindo para o avanço do conhecimento nesta área de estudo.

2.1 Narrativas e Reflexões: entendo a jornada da pesquisa com História Oral e Autoetnografia

No desenvolvimento da pesquisa, eu, sendo filho da sujeita da pesquisa, a aplicação das metodologias da História Oral e da autoetnografia assumem uma relevância e significância particular. A História Oral possibilita a captação das narrativas pessoais e familiares, fornecendo uma perspectiva intimista e contextualizada da vivência da sujeita e de sua família. Paralelamente, a autoetnografia oferece a oportunidade de participar de um processo autorreflexivo, explorando minhas próprias emoções, percepções e identidade em relação à

trajetória da sujeita. Essas abordagens metodológicas complementares não apenas facilitam a construção de um retrato abrangente e multifacetado da vida da sujeita, mas também propiciam uma reflexão profunda sobre meu próprio papel e conexão com a história e a cultura de minha família. Essa metodologia, fundamentada na intersecção entre a História Oral e a autoetnografia, fomenta uma compreensão mais aprofundada e complexa das dinâmicas familiares e das experiências vivenciadas ao longo da jornada da sujeita, ao mesmo tempo em que oferece a oportunidade singular de introspecção e envolvimento crítico com minha própria identidade e história pessoal.

Vale ressaltar que a História Oral (HO) tem como premissa registrar aspectos singulares, como a memória viva, as emoções, o olhar e os sentimentos dos sujeitos, assim como as histórias de vida que revelam aspectos específicos e microssociais. Além disso, permite discussões que auxiliam na reflexão sobre processos econômicos e políticos, tanto em nível local quanto global. A HO facilita a escuta sensível das narrativas de diversos membros de uma comunidade ou grupo, possibilitando a consideração de uma variedade de perspectivas e experiências, o que contribui para a compreensão da diversidade dentro de uma cultura.

A escuta sensível na História Oral destaca a importância de uma audição atenta e empática das narrativas fornecidas pelos entrevistados. Este método procura reconhecer e respeitar as emoções, experiências e perspectivas dos participantes. A prática da escuta sensível requer que o pesquisador esteja consciente de suas próprias concepções e predisposições, buscando suspender julgamentos enquanto se envolve com as histórias compartilhadas pelos entrevistados (Portelli, 2016).

Nesta abordagem, criar um ambiente de confiança e respeito mútuo entre o entrevistador e o entrevistado, facilita a expressão autêntica e significativa das histórias. Reconhecendo a influência dos contextos culturais, sociais e emocionais na interpretação e transmissão das narrativas, a escuta sensível busca integrar esses aspectos na análise e apresentação dos dados coletados. Ou seja, trata-se de uma prática reflexiva e metódica destinada a capturar e compreender completamente as experiências e narrativas dos participantes entrevistados (Portelli, 2016).

A História Oral se configura como uma modalidade de escuta antropológica intrinsecamente ligada à pesquisa qualitativa. Mediante essa abordagem, o investigador assume a postura de um ouvinte metódico, visando não somente compreender os eventos históricos em si, mas também as vivências individuais e coletivas que os permeiam. Nesse contexto, a história oral se transforma em um processo de imersão nas narrativas pessoais, o que permite que as narrativas dos entrevistados sejam ouvidas e respeitadas em sua totalidade. A prática

dessa escuta atenta e sensível mostra-se crucial para captar nuances, emoções e significados subjacentes aos relatos, o que enriquece a compreensão da história sob múltiplas perspectivas. Adicionalmente, ao valorizar e documentar as trajetórias de vida das pessoas comuns, a história oral contribui para uma narrativa histórica mais inclusiva e diversificada, reconhecendo a relevância de cada sujeito na tessitura do tecido social e cultural. Destarte, a história oral não apenas preserva memórias e tradições, mas também fomenta um diálogo intergeracional e uma maior apreciação da complexidade humana ao longo das eras (Portelli, 2016).

Ao utilizar a história oral como metodologia, é crucial destacar que esta se fundamenta nas narrativas orais dos sujeitos, nas quais estes relatam suas experiências de vida, eventos, memórias, valores, crenças, fatos, aspirações, entre outros elementos. Dessa forma, ao buscar compreender e conhecer o sujeito envolvido na pesquisa, uma das abordagens de pesquisa mais pertinentes é a consideração do contexto cultural em que ele está inserido. A cultura desempenha um papel fundamental na formação das experiências individuais e na construção da identidade de uma pessoa, pois contribui significativamente para o dinamismo das investigações realizadas no âmbito dos Estudos Culturais, visto que essa área de estudo busca alcançar um conhecimento mais amplo e aprofundado da cultura contemporânea.

A História Oral é empregada na elaboração, arquivamento e estudo de documentos que retratam a vida social das pessoas, caracterizando-se por uma abordagem da história do tempo presente. Essa metodologia permite que sujeitos pertencentes a categorias sociais frequentemente excluídas da narrativa oficial sejam investigados e suas memórias registradas, a fim de servirem como fontes para futuras análises de suas perspectivas individuais e da visão de mundo do grupo social ao qual pertencem (Meihy, 1996).

José Carlos Sebe Bom Meihy (1948-2020), foi um renomado historiador e antropólogo brasileiro, conhecido por seu trabalho no campo da história oral e dos estudos culturais. Desempenhou um papel significativo na introdução e desenvolvimento dessas abordagens no Brasil. Dedicou grande parte de sua carreira ao estudo das narrativas orais e à história de vida de sujeitos comuns, dando o direito a narrativas de pessoas que muitas vezes eram negligenciadas na história oficial. Sua pesquisa contribuiu para uma compreensão mais abrangente da cultura e das experiências das pessoas em diferentes contextos sociais. Explorava temas como memória, identidade, resistência e transformação social. Enfatizava a importância de ouvir e entender as histórias das pessoas para uma compreensão mais completa do passado e do presente. Teve uma influência significativa nas áreas de história oral, estudos culturais e antropologia no Brasil e suas contribuições enriqueceram a compreensão acadêmica das complexidades da cultura e da sociedade, especialmente ao dar visibilidade a narrativas que

muitas vezes eram marginalizadas.

Complementando esse raciocínio, Alberti (1990) descreve que a utilização da História Oral como metodologia de pesquisa (seja ela histórica, antropológica ou sociológica) permite a condução de entrevistas com sujeitos que estiveram envolvidos ou testemunharam determinados acontecimentos, conjunturas e visões de mundo, aproximando-se assim do tema de estudo. Dessa forma, a História Oral possibilita a investigação de eventos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos sociais, entre outros fenômenos pertinentes à pesquisa.

Segundo Santos (2005), ao responder às indagações do pesquisador, o entrevistado é levado a rememorar acontecimentos e pessoas situadas em outros tempos e lugares. No entanto, é o tempo presente que serve como ponto de partida para essa rememoração. O autor destaca que retornar ao passado implica em um constante movimento de ida e volta, e cada lembrança trazida à tona pelo entrevistado estará associada a outra que, aparentemente, não guarda qualquer vínculo com a anterior.

Ao utilizar a metodologia da História Oral de vida, Meihy (1996) sugere que o registro do percurso do imigrante deve, sempre que possível, seguir um critério cronológico, abarcando a trajetória tanto do indivíduo quanto do grupo desde o local de origem, passando pela motivação da viagem, o deslocamento, a chegada e a adaptação ao destino final.

O método proposto por Meihy (1996) para o registro do percurso nas narrativas de História Oral é amplamente reconhecido pela sua abordagem sistemática e abrangente. Ele enfatiza a importância de seguir um critério cronológico ao documentar a trajetória do sujeito, desde o seu lugar de origem até a sua adaptação no local de destino. Isso implica que o pesquisador deve organizar as informações de forma sequencial, levando em consideração os eventos e experiências vivenciadas pelo entrevistado ao longo do tempo.

O registro cronológico proporciona uma compreensão mais clara e contextualizada da jornada do indivíduo, destacando os momentos-chave que moldaram sua história. Meihy (1996) destaca que esse método possibilita não apenas a coleta de dados sobre os eventos em si, mas também sobre as motivações, emoções e desafios enfrentados pelo sujeito em cada etapa da sua trajetória migratória.

Além disso, Meihy (1996) ressalta a importância de considerar não apenas a história individual do entrevistado, mas também a história coletiva do grupo ao qual ele pertence. Isso significa que o pesquisador deve buscar compreender o contexto social, político e cultural que

influenciou as experiências do sujeito e a forma como ele as percebe e interpreta.

Em suma, o método proposto por Meihy (1996) para o registro do percurso nas narrativas de História Oral oferece uma estrutura sólida e sistemática para documentar e analisar as experiências individuais e coletivas dos entrevistados, proporcionando uma compreensão mais profunda e abrangente das suas vidas e trajetórias.

Conforme Thompson (2002), a História Oral pode ser construída de três formas distintas: a narrativa da história de uma única vida, a qual não se caracteriza como uma biografia individual, mas sim se baseia em uma narrativa específica, o redesenho da história de um grupo ou comunidade, assim como uma série complexa de eventos; uma coletânea de narrativas, uma vez que uma narrativa individual pode não ser suficiente para abarcar toda a complexidade de um tema científico específico. Nesse sentido, a coletânea de narrativas possibilita a construção de interpretações históricas mais amplas; A análise cruzada, na qual o pesquisador realiza análises e interpretações das evidências juntamente com as histórias de vida integrais, buscando correlacionar e contextualizar os relatos individuais dentro de um quadro mais amplo de compreensão histórica.

Na presente pesquisa, a integração da história oral e da etnografia surge como uma estratégia metodológica essencial para a compreensão abrangente e contextualizada dos fenômenos culturais em análise. A história oral, ao registrar e analisar narrativas pessoais e familiares, oferece uma perspectiva íntima e histórica das experiências vividas pelos sujeitos de estudo, permitindo uma reconstrução significativa de suas trajetórias e identidades. Por outro lado, a etnografia, ao se dedicar à observação participante e à imersão no contexto cultural em estudo, possibilita uma compreensão mais profunda das práticas, significados e interações que moldam a vida social dos indivíduos e comunidades. A sinergia entre essas abordagens metodológicas estabelece uma base sólida para a transição para o referencial em autoetnografia, destacando a importância de incorporar a subjetividade e a experiência pessoal do pesquisador na análise e interpretação dos fenômenos culturais investigados. Essa integração metodológica visa fornecer uma compreensão mais rica e holística dos temas em estudo, preparando o terreno para uma abordagem reflexiva e crítica na próxima etapa da pesquisa.

Na pesquisa em Estudos Culturais, a autoetnografia desempenha um papel crucial ao possibilitar uma compreensão mais aprofundada e reflexiva do sujeito pós-moderno e dos fenômenos culturais contemporâneos. O sujeito pós-moderno é caracterizado pela fragmentação identitária, fluidez e multiplicidade de experiências, exigindo, assim, uma abordagem metodológica flexível e sensível às complexidades das identidades e práticas culturais (Calva, 2019).

Por meio da autoetnografia, o pesquisador se envolve diretamente com as dinâmicas culturais em análise, incorporando sua própria experiência e subjetividade no processo de investigação. Essa prática permite uma compreensão autêntica e contextualizada dos fenômenos culturais, considerando o papel ativo e influente do pesquisador como participante e observador da cultura em estudo (Calva, 2019).

Ademais, a autoetnografia possibilita ao pesquisador explorar as nuances e contradições de sua própria identidade em relação aos temas abordados, reconhecendo a diversidade de perspectivas e narrativas presentes na cultura contemporânea. Isso assume relevância particular no contexto pós-moderno, onde as fronteiras entre o eu e o outro, o local e o global, o tradicional e o moderno se tornam cada vez mais fluidas e interconectadas (Calva, 2019).

Silvia Marcela Bénard Calva (2019), no livro "Autoetnografía: una metodología cualitativa", estabelece um diálogo com diversos autores, criando uma antologia sobre o tema. Judith Preissle e Kathleen DeMarrais, em seu capítulo intitulado "Enseñar la reflexividad en la investigación cualitativa", destacam a centralidade da reflexividade em todo o processo de pesquisa, enfatizando sua importância não apenas como uma prática pedagógica, mas também como um elemento essencial para a produção de conhecimento qualitativo. Ao abordarem a reflexividade, as autoras ressaltam a necessidade de os pesquisadores considerarem não apenas o tema de estudo em si, mas também sua própria posição, perspectivas e influências pessoais ao longo de todo o processo de investigação.

Essa abordagem reflexiva encoraja os pesquisadores a documentarem suas experiências, reflexões e decisões ao longo de todas as etapas da pesquisa, desde a seleção do tema de estudo até a coleta e análise de dados. Dessa forma, os pesquisadores são incentivados a explorar e reconhecer exclusões, parcialidades e pressupostos subjacentes que podem influenciar suas análises e interpretações (Preissle; DeMarrais, 2019).

As questões apresentadas pelas autoras visam promover uma reflexão crítica sobre a própria posição do pesquisador, suas escolhas metodológicas e o impacto de sua subjetividade no processo de pesquisa. Ao responder a essas questões, os pesquisadores são desafiados a considerar sua identidade, histórico pessoal, valores, crenças e experiências que possam influenciar sua abordagem e interpretação do tema de estudo (Preissle; DeMarrais, 2019).

A reflexividade e a autoetnografia estão intrinsecamente ligadas, pois ambas se baseiam na ideia de que o pesquisador é parte integrante do processo de pesquisa e que sua subjetividade e experiências pessoais influenciam a forma como o conhecimento é produzido e interpretado.

A reflexividade refere-se à prática de os pesquisadores refletirem sobre suas próprias posições, suposições, preconceitos e influências durante todo o processo de pesquisa. Isso envolve uma análise crítica da própria subjetividade do pesquisador e de como isso pode afetar a forma como o tema de estudo é compreendido e interpretado. A reflexividade busca trazer à tona as complexidades e nuances envolvidas na produção do conhecimento, reconhecendo que não existe uma visão "neutra" ou objetiva da realidade (Preissle; DeMarrais, 2019).

Por sua vez, a autoetnografia é uma abordagem de pesquisa que se concentra na narrativa pessoal do pesquisador como meio de compreender e interpretar um fenômeno cultural específico. Na autoetnografia, o pesquisador utiliza sua própria experiência, memórias, emoções e reflexões como dados para análise, explorando como sua identidade e perspectiva influenciam sua compreensão do mundo ao seu redor. A autoetnografia valoriza a subjetividade e a narrativa do pesquisador, reconhecendo que o conhecimento é sempre construído a partir de uma posição particular dentro de um contexto cultural e social (Calva, 2019).

Ao integrar a reflexividade na abordagem autoetnográfica, é possível conduzir uma análise mais profunda e sensível dos fenômenos culturais em estudo. Nesse sentido, os pesquisadores têm a oportunidade não apenas de explorar as experiências dos participantes, mas também de refletir sobre suas próprias experiências e como estas influenciam a interpretação dos dados. Dessa forma, a combinação da reflexividade e da autoetnografia permite uma visão mais holística e contextualizada do tema de pesquisa, levando em consideração tanto as perspectivas dos participantes quanto a perspectiva do próprio pesquisador.

Em resumo, a autoetnografia oferece uma abordagem metodológica enriquecedora e sensível para a pesquisa em Estudos Culturais, permitindo uma análise mais profunda e reflexiva do sujeito pós-moderno e das dinâmicas culturais contemporâneas. Ao integrar a experiência pessoal do pesquisador, a autoetnografia contribui para uma compreensão mais abrangente e contextualizada dos fenômenos culturais em estudo.

A metodologia adotada nesta pesquisa ressaltou a importância da história oral e da autoetnografia como ferramentas essenciais para compreender os fenômenos culturais e sociais. Ao priorizar as narrativas pessoais e as reflexões subjetivas dos participantes, foi possível captar nuances e perspectivas singulares que enriqueceram nossa análise. No entanto, é fundamental expandir essa compreensão além das fronteiras individuais e explorar o contexto mais amplo em que essas experiências se inserem. Por isso, os próximos passos englobam a análise do impacto das guerras e conflitos armados na sociedade contemporânea, um ponto crucial para

compreender não apenas as complexidades dos desafios enfrentados pelas pessoas e comunidades afetadas, mas também para contribuir com soluções e intervenções mais eficazes.

2.2 O Desenvolvimento Metodológico da Pesquisa como uma Jornada de Descobertas

Ao longo do ano de 2022, foram conduzidas várias conversas em diferentes momentos para a realização das narrativas. No entanto, os registros dessas conversas ocorreram de forma espaçada devido a circunstâncias específicas relacionadas à saúde da sujeita da pesquisa. Esta última sofreu uma queda que resultou em uma fratura de fêmur, levando-a a passar quatro meses em repouso na cama, entre cirurgia e recuperação, durante o ano de 2020. Tal período de convalescença resultou em uma fragilidade imunológica significativa, também pertencendo ao grupo de risco para a infecção pelo vírus COVID-19. Por recomendação médica, foram adotadas precauções rigorosas em relação ao contato social da mesma, assim, todas as conversas foram realizadas em locais abertos, garantindo um ambiente seguro e respeitando as orientações médicas pertinentes.

As conversas realizadas abordaram uma ampla gama de temas relacionados aos detalhes do cotidiano, incluindo questões sobre o ambiente doméstico, hábitos alimentares, preferências pessoais, interesses musicais, práticas religiosas, além de dificuldades enfrentadas ao longo da vida. Esses relatos foram cuidadosamente registrados em meio a um processo de questionamento com a condução de longas conversas distribuídas ao longo de vários dias, abrangendo meses de interação. Cumpriu-se meticulosamente o respeito ao ritmo e disposição da sujeita da pesquisa, levando em consideração sua idade avançada e a possível fadiga decorrente de longos períodos de interação, bem como as emoções que emergiam durante as evocações das memórias da infância.

As perguntas foram apresentadas de forma gradual ao longo dos encontros, abordando diferentes fases da vida da sujeita da pesquisa, desde suas experiências no país de origem até os desafios e transformações advindos da migração para o solo brasileiro. Esse método permitiu uma abordagem sistemática e abrangente das narrativas pessoais da participante, enriquecendo a compreensão dos contextos sociais, culturais e históricos que permearam sua trajetória de vida.

As perguntas realizadas tinham flexibilidade e adaptabilidade durante a escuta sensível, permitindo que as conversas fluíssem naturalmente e os participantes pudessem expressar suas experiências de forma autêntica. As perguntas abertas incentivaram a discussão

sobre os temas de interesse da pesquisa, mas também deveram permitir espaço para insights inesperados e detalhes não previstos que pudessem surgir durante a interação.

Várias conversas foram realizadas com a sujeita da pesquisa, que atualmente mora na cidade de Aquidauana, MS. Meus avôs falecidos (in memoriam), tiveram um total de seis filhos, dos quais dois já vieram a falecer. Os filhos remanescentes estão dispersos em diferentes localidades do estado de Mato Grosso do Sul: dois residem em Corumbá-MS, enquanto duas filhas estão estabelecidas na cidade de Aquidauana-MS. Além disso, um tio da sujeita da pesquisa (irmão de seu pai), com 94 anos de idade, também é morador da cidade de Aquidauana-MS.

Ao entrevistar a sujeita da pesquisa, foram considerando diversos critérios: a escolha de seu pelo fato de morarmos na mesma cidade, o que facilitou o acesso e a realização das conversas. Além disso, ela demonstrou disposição e interesse em contribuir com suas experiências familiares, o que se mostrou fundamental para atender aos objetivos da pesquisa.

A participação da sujeita da pesquisa possibilitou uma compreensão mais aprofundada dos eventos e contextos relacionados à migração e estabelecimento da família no Brasil. Suas narrativas permitiram explorar as dinâmicas familiares e suas interações com o cenário sociopolítico do período, oferecendo insights valiosos para a análise dos temas abordados.

Durante as conversas realizadas, buscou-se obter narrativas abrangentes que perpassassem desde a infância da sujeita da pesquisa no Paraguai até sua chegada e estabelecimento no Brasil. Os relatos abordaram as experiências vivenciadas durante a infância, período marcado por situações relacionadas ao conflito, violência e perseguição política que assolavam o país na época.

As narrativas também contemplaram as frequentes mudanças de residência dentro do Paraguai, nas quais a família se via obrigada a deslocar-se constantemente em busca de segurança e estabilidade. Esses deslocamentos representavam uma tentativa de fugir das adversidades impostas pelo contexto político conturbado.

A transição para o Brasil foi outro ponto abordado nas narrativas, destacando-se a vivência em diversas fazendas até a instalação definitiva no Distrito de Taunay. Nessa localidade, após alguns anos, cada membro da família seguiu caminhos distintos, estabelecendo-se em outras cidades e constituindo suas próprias famílias. Esse período de transição e estabelecimento no Brasil compreendeu aproximadamente as décadas de 1940 a 1970.

Durante esta etapa da pesquisa, empregou-se o uso de gravadores para registrar as narrativas realizadas, juntamente com anotações. Essa abordagem permitiu não apenas a captura fiel das narrativas e experiências da sujeita da pesquisa, mas também a criação de um registro documentado para análise posterior.

O gravador foi fundamental para registrar as nuances da linguagem, entonação e expressões da sujeita da pesquisa durante as narrativas, preservando assim a autenticidade e riqueza das narrativas. Esses registros, tanto gravados quanto anotados, constituíram uma base sólida para a compreensão da sujeita participante e possibilitaram uma análise mais profunda e contextualizada das narrativas. Além disso, permitiram o confronto e a triangulação das narrativas durante a análise, contribuindo para a verificação da consistência e validade dos relatos.

Os dados coletados durante as conversas foram essenciais para a construção de um mapa de itinerário familiar, que visava complementar e contextualizar os relatos registrados. Para essa finalidade, foi adotada a técnica de georreferenciamento de imagens, que permitiu a visualização precisa do caminho percorrido pela família ao longo de sua trajetória migratória.

Por meio do georreferenciamento de imagens, foi possível mapear as diferentes localidades onde a família viveu, desde sua origem no Paraguai até seu estabelecimento no Brasil. Utilizando coordenadas geográficas e recursos cartográficos, foi criado um mapa detalhado que representava fielmente o itinerário familiar, destacando os pontos de partida, chegada e os principais pontos de passagem ao longo do percurso.

Esse mapa proporcionou uma visão espacial e cronológica dos eventos narrados pela sujeita da pesquisa, permitindo uma compreensão mais ampla e contextualizada das experiências vivenciadas pela família. Além disso, contribuiu para a visualização e análise das mudanças geográficas e socioculturais ocorridas ao longo do tempo, proporcionando insights valiosos para a interpretação dos dados coletados.

Assim, a utilização da técnica de georreferenciamento de imagens como parte da metodologia de pesquisa revelou-se uma ferramenta poderosa para enriquecer a compreensão do itinerário familiar e complementar os relatos orais registrados, agregando profundidade e precisão à análise realizada.

Quanto à classificação desta pesquisa, Ciribelli (2003, p. 89) a define como descritiva. Tal classificação se fundamenta na observação, registro, análise, classificação e interpretação dos fatos sem interferência direta do pesquisador. Nesse contexto, a pesquisa se concentra em captar e compreender as narrativas e experiências dos participantes de forma

imparcial, buscando representar fielmente os eventos relatados sem influenciar sua ocorrência ou interpretação.

Essa abordagem descritiva permite uma investigação aprofundada dos fenômenos culturais e sociais em estudo, oferecendo uma visão abrangente e detalhada dos temas abordados. Além disso, ao preservar a autonomia dos participantes, promove-se a legitimidade e a fidedignidade dos dados coletados, contribuindo para a construção de conhecimento sólido e confiável na área dos estudos culturais.

A organização dos dados coletados a partir das conversas e da escuta sensível seguiu uma metodologia embasada nas diretrizes de Meihy (2002). Inicialmente, o processo consistiu na transcrição das narrativas, representando a primeira etapa de transformação do conteúdo oral em formato escrito. Nesta fase, foram rigorosamente registradas as palavras pronunciadas pela participante durante as interações. Em seguida, procedeu-se à textualização das narrativas, que envolveu a exclusão de elementos como perguntas, repetições, sons indesejados e erros gramaticais. Essa etapa visava purificar o conteúdo, tornando-o mais legível e compreensível, ao mesmo tempo em que preservava a integridade e fidelidade dos relatos originais.

A etapa subsequente compreendeu a análise dos relatos coletados, a qual foi conduzida por meio de uma imersão nos referenciais teóricos selecionados. Essa imersão permitiu a formulação de pressupostos que serviram como norteadores para a análise e interpretação do material obtido nas narrativas. Durante esse processo, os dados foram examinados minuciosamente à luz das teorias e conceitos relevantes, visando identificar padrões, temas recorrentes e nuances significativas presentes nas narrativas da participante. Essa abordagem metodológica facilitou a compreensão mais profunda das experiências compartilhadas pela sujeita da pesquisa e contribuiu para uma análise crítica e contextualizada dos fenômenos investigados.

Após a conclusão da análise interpretativa, procedeu-se à redação da pesquisa por meio de um diálogo entre a fundamentação teórica adotada, os depoimentos da participante, os contextos observados durante o trabalho de campo e os pressupostos da pesquisa. Esse processo envolveu uma cuidadosa integração e articulação dos diferentes elementos coletados e analisados, visando a construção de uma narrativa coesa e fundamentada. A redação final foi elaborada de maneira a refletir as reflexões teóricas, as interpretações dos dados e as contribuições dos participantes, fornecendo uma visão abrangente e aprofundada sobre o tema investigado.

2.3 A Organização dos Eixos na Escuta Sensível

O início dos encontros para a realização das conversas teve início em abril de 2022, com o ingresso no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Culturais, no Campus de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e se estendeu até dezembro do mesmo ano. Durante esse período, foram realizados encontros regulares com a sujeita da pesquisa, que compartilhou suas experiências e narrativas.

As perguntadas realizadas no desenvolvimento da conversa que guiaram a escuta sensível foram divididas em eixos temáticos:

- a) Momento em que viviam no país de origem: Esta etapa visava compreender o contexto sociohistórico em que a família estava inserida antes da migração, explorando aspectos como o estilo de vida, as condições socioeconômicas, as relações familiares e as experiências cotidianas.
- b) O período da fuga que levou a família a se mudar para a fronteira: Neste eixo, o foco estava na trajetória de deslocamento e nos eventos que levaram à decisão de deixar o país de origem, abordando questões como os motivos da migração, os desafios enfrentados durante o processo de fuga e as estratégias de sobrevivência adotadas pela família.
- c) O início da vida em outro país: Esta parte da pesquisa explorou as experiências de adaptação e estabelecimento da família no novo país de acolhimento, examinando a integração na comunidade local, a preservação da identidade cultural e as mudanças na dinâmica familiar.

Esses três eixos foram essenciais para guiar as conversas e garantir uma abordagem abrangente e aprofundada das experiências da sujeita da pesquisa, proporcionando insights significativos sobre sua jornada migratória e os impactos em sua vida e na de sua família, como diferentes aspectos da sua vida, desde sua história pessoal até suas experiências durante o processo de refúgio e a adaptação em um novo país. Nesse sentido, foram abordados assuntos como:

- Dados pessoais do entrevistado: informações básicas sobre a participante, como nome, idade, profissão, estado civil, entre outros.
- Situação de vida no país de origem: foram exploradas as condições de vida, o contexto sociopolítico e econômico, as relações familiares, as atividades cotidianas e as principais lembranças da infância e da juventude no país de origem.
- Mudança para a fronteira e estabelecimento no Brasil: Nesta parte, as perguntas foram

direcionadas para entender os motivos que levaram à migração, os desafios enfrentados durante o processo de deslocamento, as condições de vida na fronteira e os primeiros anos de estabelecimento no Brasil.

- Aspectos familiares e domésticos: Este bloco abordou a estrutura familiar, a dinâmica dentro de casa, as responsabilidades domésticas, as tradições familiares, as relações entre pais e filhos, entre outros aspectos relacionados à vida familiar.
- Religião, política e crenças: Aqui, foram exploradas as práticas religiosas da família, as crenças políticas, as experiências de participação em movimentos sociais ou políticos, entre outros temas relacionados à esfera religiosa e política.

Essa organização permitiu abordar de forma abrangente e detalhada diferentes aspectos da vida da sujeita da pesquisa, permitindo uma compreensão mais profunda de sua história e experiências. As perguntas foram formuladas de maneira a incentivar a participante a compartilhar suas memórias, reflexões e sentimentos, contribuindo assim para uma análise rica e contextualizada dos temas abordados.

Durante as conversas realizadas, o registro em áudio foi adotado como método de documentação, permitindo a captura fiel das conversas com a sujeita da pesquisa. Os encontros ocorreram em várias sessões, cada uma com duração de aproximadamente uma hora, a fim de não sobrecarregá-la e respeitar seu tempo e disposição. Antes de iniciar cada sessão, era realizada uma breve recapitulação dos temas discutidos anteriormente, a mesma confirmava ou adicionava novos detalhes aos assuntos já abordados. Em seguida, era introduzido o tema a ser discutido naquele dia e se iniciava os questionamentos.

Os encontros foram momentos significativos de interação, nos quais assumi o papel de observador atento às nuances das narrativas da sujeita da pesquisa. Por sua vez, a mesma teve a oportunidade de compartilhar livremente suas experiências e informações relevantes, contribuindo de maneira ativa para a construção do conhecimento e para o enriquecimento do material coletado. Essa dinâmica de diálogo e escuta sensível permitiu uma compreensão mais profunda e contextualizada da história de vida da participante, além de fortalecer o vínculo entre pesquisador e sujeita da pesquisa.

2.4 Perfilando Narrativas: Explorando a Identidade da Sujeita da Pesquisa

A sujeita da pesquisa nasceu na cidade de Horqueta, Paraguai, no ano de 1944, filha

de um casal de paraguaios, era a segunda filha, ao total eram seis filhos. Seu pai era dono de carretas de boi, sendo carreteiro que levava tecidos, muita das vezes produzidos por sua mãe para vender na Casa China em Ponta Porã. Seus pais, além das carretas de boi, tinham uma propriedade rural onde tinham plantação de algodão, roça e criação de gado, numa área onde seus vizinhos eram quase todos parentes de seu pai.

Enfrentou desafios significativos em sua trajetória educacional devido às constantes mudanças de residência. Sua alfabetização iniciou no Paraguai, sendo interrompida e deu continuidade no Brasil, onde teve que iniciar novamente sua alfabetização em português. No Brasil, sua educação formal foi interrompida, resultando em uma formação até a 5ª série do ensino fundamental, equivalente à 6ª série nos dias atuais. Apesar das dificuldades, nutria o sonho de se formar em magistério e se tornar professora.

Após a migração para o Brasil e deslocamento da família por algumas fazendas onde estabeleciam a moradia por ser o serviço do pai, por fim se estabeleceram no Distrito de Taunay, onde a sujeita da pesquisa conheceu e casou-se aos 18 anos e permanece casada até os dias atuais com seu marido brasileiro. Juntos, tiveram cinco filhos. No Distrito de Taunay, seu marido mantinha um comércio e possuía um caminhão de frete, realizando sempre viagens. Desta forma, durante as ausências do marido, assumia a responsabilidade pelo gerenciamento do comércio, dos afazeres domésticos e dos cuidados com os filhos assim como outrora sua mãe também fazia.

Essas experiências de vida da sujeita da pesquisa fornecem insights valiosos sobre sua jornada pessoal e familiar, revelando aspectos importantes de sua identidade, papel social e dinâmicas cotidianas. A compreensão desses detalhes é fundamental para uma análise contextualizada e aprofundada dos temas abordados na pesquisa.

Após a mudança para a cidade de Aquidauana, a dinâmica familiar da participante e seu marido permaneceu semelhante por um período, com a manutenção do comércio e as viagens do marido para fora do estado fazendo frete com seu caminhão, enquanto ela continuava a cuidar do comércio e dos filhos.

Entretanto, gradualmente, o casal decidiu encerrar o comércio e vender o caminhão, direcionando-se para uma nova empreitada. Seu marido passou a exercer a mesma atividade profissional de seus familiares: carpintaria e pedreiro e ela realizando trabalhos manuais em crochê como sua mãe fazia. Essa transição refletiu uma adaptação às circunstâncias e oportunidades locais, além de evidenciar a flexibilidade e capacidade de ajuste do casal diante das mudanças na vida cotidiana e nas condições econômicas.

Essa mudança na atividade profissional do marido não apenas impactou a dinâmica

familiar, mas também influenciou a trajetória da sujeita da pesquisa, que continuou a desempenhar um papel fundamental no sustento e na gestão do lar, adaptando-se às novas demandas e responsabilidades advindas da nova atividade profissional do marido.

Aos trinta anos de idade, a participante foi diagnosticada por um médico com ansiedade, uma condição que, à época, não dispunha de tratamento eficaz. Além disso, foi diagnosticada com hipertensão arterial, o que demandou a necessidade de medicamentos para controlar a pressão alta. Posteriormente, aos sessenta anos de idade, ela desenvolveu diabetes Tipo 2, uma condição que também acometeu sua mãe na mesma faixa etária.

O diagnóstico de ansiedade e hipertensão arterial em uma idade relativamente jovem evidencia possíveis desafios enfrentados pela participante em sua saúde mental e física ao longo da vida. A necessidade de controlar essas condições de saúde pode ter impactado significativamente sua qualidade de vida e rotina diária, exigindo cuidados constantes e adaptações em seu estilo de vida.

O desenvolvimento da diabetes Tipo 2 na mesma faixa etária em que sua mãe também foi diagnosticada com a doença sugere uma possível predisposição genética, além de fatores ambientais e de estilo de vida que podem ter contribuído para o surgimento da condição. Esses aspectos da saúde da sujeita da pesquisa são importantes para compreender sua história e trajetória de vida, bem como os desafios adicionais que enfrentou ao lidar com essas condições médicas ao longo dos anos.

Em relação ao idioma, demonstra fluência no português, sem evidenciar traços marcantes de um "sotaque paraguaio". Não possui fluência na língua Guaraní e apresenta um conhecimento limitado de palavras em espanhol. Essa fluência no português pode refletir sua integração e imersão na cultura brasileira ao longo dos anos.

Atualmente, a sujeita da pesquisa encontra-se aposentada, dedicando-se principalmente a trabalhos manuais, os quais aprendeu com sua mãe ao longo da vida. Entre suas habilidades, destaca-se o crochê, o macramê, o tricô e a finalização de redes feitas em tear. Essas atividades não apenas proporcionam uma fonte de renda complementar, mas também representam uma forma de expressão artística e de conexão com suas raízes familiares.

Além disso, assim como seus pais, a sujeita da pesquisa sempre valorizou a importância da prática esportiva, da leitura e do estudo na formação dos filhos. Esses valores foram transmitidos como uma herança cultural e educacional, visando proporcionar às gerações futuras oportunidades de crescimento pessoal e desenvolvimento intelectual. Essa preocupação

com a educação e o bem-estar dos filhos reflete o compromisso da sujeita com a promoção do conhecimento e da saúde física e mental dentro da família, contribuindo para o fortalecimento dos vínculos familiares e para a construção de uma trajetória de vida significativa e satisfatória para todos os membros.

3 CARREGANDO O SABER NAS RODAS DA CARRETA: UMA JORNADA CONCEITUAL PELOS ESTUDOS CULTURAIS

Este capítulo apresenta a fundamentação teórica que orienta a presente pesquisa. Desta forma, buscou-se percorrer um caminho conectando as experiências relatadas aos conceitos e pesquisas existentes sobre o tema, nesse sentido foram necessárias o levantamento de temas que esclarecessem e significassem as discussões pertinentes apresentadas como migração, refugiados, identidade, diferença, Hibridismo e diáspora.

Do mesmo modo, também buscou-se entender: História Oral como metodologia, assim como História política do Paraguai e a Guerra Civil e 1947, a construção de significados e interpretações sobre traumas ligados a guerra, como poder, tortura, memória e silêncio, entre outros.

Esta pesquisa é conduzida a partir da perspectiva dos Estudos Culturais. Desta forma, segue o embasamento em princípios teóricos e epistemológicos que conjecturam as ideias, questionamentos e posicionamentos dessa área de estudo, ponderando sobre alguns conceitos na contemporaneidade. Para tanto, primeiramente será realizado de forma sucinta a contextualização de Estudos Culturais e sua história de origem.

3.1 A evolução dos estudos culturais

Os estudos culturais desempenham um papel fundamental no estudo da identidade, pois oferecem uma abordagem interdisciplinar e crítica para entender como a identidade seria construída, negociada e transformada em diferentes contextos culturais e sociais.

Esta área de investigação se destaca principalmente nos finais da década de 1950 do século XX, na Inglaterra. Três textos são considerados a base que fundamenta os Estudos Culturais: Richard Hoggart com *The Uses of Literacy* (1957), sendo composto com uma parte autobiográfico e outra com história cultural do meio do século XX; Raymond Williams com *Culture and Society* (1958), no qual descreve um histórico do conceito da cultura; e E. P. Thompson com *The Making of the English Working-class* (1963), que reconstrói uma parcela da história da sociedade inglesa, tendo como ponto da história "dos de baixo". Essas obras

proporcionam uma releitura da história cultural, assim como dos conceitos de cultura na sociedade inglesa da época (Escosteguy, 1998; Silva Júnior, 2016).

O ano de 1964 pode ser considerado como o início da institucionalização dos Estudos Culturais, pois surge de forma organizada, com a fundação na Universidade de Birmingham, do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), por Richard Hoggart, professor de Literatura Moderna (de língua inglesa). Inspirado na sua pesquisa, *The Uses of Literacy*, o CCCS surge ligado ao English Department da Universidade de Birmingham, tornando-se um centro de pesquisa de pós-graduação da mesma instituição. O eixo principal desse Centro baseava-se nas relações entre a cultura contemporânea e a sociedade (Escosteguy, 1998; Silva Júnior, 2016).

Baptista (2009) destaca que no ano de 1970, o CCCS reunia diversas contribuições teóricas, como o pós-estruturalismo francês, a linguística estrutural de Saussure (1960), a semiótica social de Roland Barthes (1972), a psicanálise de Lacan (1977) e o marxismo estrutural de Althusser (1969, 1971) e Gramsci (1968, 1971).

Embora Stuart Hall não seja mencionado como membro fundador do CCCS, porém sua participação é unanimemente reconhecida na formação dos Estudos Culturais britânicos. Substituiu Hoggart na direção do Centro (1968-1979), foi um grande incentivador no desenvolvimento da pesquisa de práticas de resistência de subculturas e de análises dos meios massivos (Escosteguy, 1998).

Apesar dos estudos culturais iniciarem na Inglaterra, na sua forma contemporânea, transformaram-se num fenômeno internacional. Assim sendo, não se limitaram somente na Inglaterra e Estados Unidos, avançou em outros países como a Austrália, Canadá, África, América Latina, entre outros territórios (Escosteguy, 1998).

Escosteguy (1998) considera a primeira etapa dos Estudos Culturais quando ainda se concentrava somente em Birmingham, onde a pesquisa estava delimitada, principalmente, nas áreas: as subculturas, as condutas desviantes, as sociabilidades operárias, a escola, a música e a linguagem. Baptista (2009) acrescenta que o CCCS trabalhava com diversas áreas do conhecimento, tornando assim a investigação interdisciplinar, enfatizava a necessidade e importância de uma ligação prioritária a temas da atualidade. Buscava e ainda busca, em primeiro lugar, direcionar as pesquisas para o estudo das classes trabalhadoras, das culturas de juventude, das mulheres, da feminilidade, da raça e etnicidade, das políticas culturais da língua e das mídias, entre muitos outros.

A mudança dos Estudos Culturais começa a ocorrer no final da década de 1970 e início de 1980, com a influência de teóricos franceses como Michel de Certeau, Michel

Foucault, Pierre Bourdieu, entre outros, iniciando assim a internacionalização dos Estudos Culturais. Diminui as análises onde as categorias centrais são luta e resistência, gerando assim o início da despolitização dos Estudos Culturais e sua internacionalização, período no qual as pesquisas obtiveram um elevado grau de reconhecimento científico na comunidade científica mundial. É neste período que chega aos Estados Unidos e ganha vários adeptos, em seguida, disseminando-se por todo território da América Latina (Escosteguy, 1998; Silva Júnior, 2016).

Para Escosteguy (1998), é a partir de 1970 que ocorre o encontro das pesquisas com os estudos feministas. Estes propiciaram novos questionamentos, principalmente sobre questões referentes à identidade, pois introduziram novas variáveis na sua constituição, não seguindo somente a construção da identidade através da cultura de classe e sua transmissão geracional. Ainda na década de 1970, acrescenta-se às questões de gênero, as que envolvem raça e etnia. A partir da década de 1980, surgem novas modalidades de análise dos meios de comunicação, recepção dos meios massivos e, em especial, aos programas televisivos.

Na etapa atual do Estudos Culturais, destacam-se outros eixos importantes, entre eles estaria a discussão sobre a pós-modernidade ou a “nova era” proposto por Hall, a globalização, a força das migrações, o papel do Estado-nação e da cultura nacional, assim como as repercussões em relação aos processos de construção das identidades (Escosteguy, 1998).

Para Silva Júnior (2016), mesmo prevalecendo apenas autores europeus, reforça que os Estudos Culturais avançaram nas discussões, pois o debate da cultura vinculada aos estudos da tradição perde força e nela são incluídas práticas sociais cotidianas e periféricas em suas abordagens. Antes as discussões baseavam-se no discurso do centro, do dominante; nas novas discussões entram o outro lado da narração cultural dos fatos, o lado onde os sujeitos sempre foram colocados à margem da história pelo discurso dominante (Silva Júnior, 2016).

Nos últimos anos, tem aumentado o estudo relativo aos modos de construção política e social das identidades, considerando as questões da nação, raça, etnicidade, diáspora, colonialismo e pós- colonialismo, sexo e gênero, assim como têm-se centrado no estudo dos acontecimentos arrolados com a Globalização, como questões de desterritorialização da cultura, movimentos transnacionais de pessoas, bens e imagens; a nova sociedade em rede, fenômenos de terrorismo, choques civilizacionais, a crise ambiental global, entre outras temáticas (Baptista, 2009; Silva Júnior, 2016).

Após esta descrição dos contextos históricos dos Estudos Culturais e sua internacionalização, as próximas discussões serão de forma conceitual sobre temas relacionados a esta pesquisa, entre os quais Diáspora e Identidade e Identidade e Diferença. Estas abordagens

conceituais visam aprofundar a compreensão dos fenômenos culturais em análise, oferecendo um embasamento teórico robusto para a investigação em curso.

3.2 Estudo exploratório sobre diásporas e deslocamento: as identidades em trânsito

Quando compreendemos questões que envolvem o fenômeno de deslocamento e, de certa forma como isso impacta nas experiências de vida dos sujeitos envolvidos (como lembranças, sentimentos e traumas), do mesmo modo na sociedade, desta forma, para o desenvolvimento deste referencial teórico, foi realizada uma reflexão sobre deslocamento, diáspora e como esses elementos (re)constróem uma identidade, trazendo essa discussão como um dos pilares para a construção desta pesquisa.

Pereira (2016) discorre sobre diáspora, ressaltando que a mesma pode se associar a uma viagem; no entanto destaca que nem toda viagem pode ser abarcada como diáspora, pois o termo não significa a casualidade proporcionada pelas viagens de turismo, por exemplo. Trazendo o significado da palavra diáspora do grego, define a mesma como dispersar, semear ou estar associado a ideias de migração e colonização na Ásia Menor e no Mediterrâneo, na Antiguidade - de 800 a.C. a 600 a.C. Ainda está ligada a dispersão dos judeus exilados da Palestina, assim como aos africanos devido à rota atlântica dos navios negreiros transportados como mercadorias da África para o Novo Mundo, principalmente no século XIX.

Linda Marinda Heywood, mulher negra, historiadora americana e professora de estudos e história afro-americana na Universidade de Boston, pontua que o início das discussões e teorizações sobre a diáspora está diretamente ligada à história do tráfico de escravos da África para as Américas. Sua contribuição sobre diáspora é significativa, em sua observação já traz uma reflexão que, os primeiros trabalhos acadêmicos sobre diáspora foram pesquisados e escritos por afro americanos ou publicados em periódicos fundada pelos mesmos (Pereira, 2016).

Para enriquecer essa proposta de teorização, se faz necessário enfatizar a importância da diáspora sobre o tema cultura e a identidade, assim como nas relações entre diferença e pertencimento. Nesse sentido, se destaca nomes associado às literaturas da diáspora, como Homi Bhabha e Stuart Hall.

Para Stuart Hall (2014), não se deve considerar a identidade como algo fixo ou inato, mas algo construído e em constante transformação. Enfatiza que a identidade vem a ser

moldada pelo contexto social e histórico em que uma pessoa vive. Em suas obras, Hall explorou como a identidade seria construída através do discurso, das representações culturais e das práticas sociais.

Homi Bhabha é um dos principais teóricos e crítico indiano-britânico sobre os Estudos Culturais, um dos autores mais importantes dos estudos pós-coloniais contemporâneos. Teorizou e elaborou conceitos-chaves no campo de pesquisa como Hibridismo, mímica, ambivalência, estereótipo, enunciação e diferença cultural.

Stuart Hall (2013) é um teórico cultural e sociólogo jamaicano, substituiu Hoggart na direção do CCCS (1968-1979), autor de *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2003) e *A identidade cultural na pós-modernidade* (2004), duas obras bastante significativas para a discussão aqui proposta. Natural da Jamaica, Stuart Hall migrou para a Grã-Bretanha, onde seus estudos sobre a diáspora pós-colonial foram desenvolvidos, ponderando que ele próprio era um sujeito diaspórico, considerava que alguns países eram multiculturais porém com formas distintas, como os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a França, a Malásia, o Sri Lanka, a Nova Zelândia, a Indonésia, a África do Sul e a Nigéria que possuíam a característica comum de serem culturalmente heterogêneos.

Stuart Hall (2003), demonstrando interesse nas formações de identidade cultural diaspórica, concebe seu conceito a partir do estudo das chamadas zonas de contato, tendo Caribe como cenário para desenvolver o chamado modo diaspórico paradigmático.

O conceito de diáspora para os povos do Caribe, compõem o senso coletivo e tem origem em suas histórias nacionalistas. Inspirada na história moderna do povo judeu e o holocausto, um dos poucos episódios igualáveis à escravidão moderna em termos de barbárie. Sobre a versão da história do Velho Testamento possui um significado marcante aos caribenhos, pelo fato de fazer analogia ao povo escolhido, que foi violentamente levado à escravidão no Egito e de seu sofrimento nas mãos da Babilônia, seguida pelo grande Êxodo (Hall, 2013).

Para Hall (2013), a diáspora se fundamenta na percepção binária de diferença. Se constitui sobre a construção de uma fronteira de exclusão, assim como da construção de um “Outro” e de uma oposição entre o dentro e o fora. A formação da identidade cultural caribenha requer a noção de conceito de diferença, ou seja, diferença que não funciona através de binarismos, fronteiras veladas que não separam, mas são também lugares de passagens e significados sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim. A diferença, sendo essencial ao significado e o significado é decisivo à cultura.

A partir do século XV, antes da expansão europeia e com crescente intensidade, a

migração e os deslocamentos dos povos tem sido constante que vem produzindo sociedades étnica ou culturalmente "mistas". Esses deslocamentos, sendo influenciados por vários fatores como: catástrofes naturais, guerras, exploração do trabalho, conquistas, colonização, escravidão, semiescravidão, repressão política, guerra civil e subdesenvolvimento econômico contribuem para os sujeitos terem saído dos seus países. Nesse sentido, o que se entende é que as migrações acabam definindo as condições sócio-históricas da humanidade (Hall, 2003).

Para Hall (2013) identidades culturais dos migrantes não são fixas, pois se encontram em transição, considerando que se constituem de diferentes tradições culturais e são o resultado de encontros e misturas culturais, muito comum com a globalização. Em distintos momentos, o sujeito assume identidades diferentes, identidades que não estão padronizadas ao redor de um “eu” coerente. Considera que dentro de nós existam identidades contraditórias, que seguem em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão, de certa forma sendo continuamente deslocadas. Não existe uma identidade única, completa, segura e coerente, contrário a isso, acredita que a partir do momento que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos expostos a uma multiplicidade de identidades possíveis, nas quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente.

Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. Aqueles aos quais originalmente a terra pertencia, em geral, pereceram há muito tempo – dizimados pelo trabalho pesado e a doença. A terra não pode ser “sagrada”, pois foi “violada” – não vazia, mas esvaziada. Todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar. Longe de constituir uma continuidade com os nossos passados, nossa relação com essa história está marcada pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas (Hall, 2013, p. 30).

Do ponto de vista cultural e político, Bhabha (1998), contribui nesse breve referencial, em relação as forças desiguais e irregulares de representação cultural que estão entrelaçadas na competição de autoridade política e social dentro da ordem do mundo moderno, traz como a significação mais ampla da condição pós-moderna, que as fronteiras epistemológicas das ideias etnocêntricas se equivalem também as fronteiras enunciativas de uma gama de outras narrativas e histórias como: das mulheres, dos colonizados, dos grupos minoritários, dos portadores de sexualidades policiadas, dentre outros. Sugere ainda, que os deslocamentos culturais que a humanidade convive na atualidade geram uma mudança na história, pois as histórias transnacionais de migrantes, colonizados ou refugiados políticos podem ser o centro de discussões na literatura mundial, no lugar da transmissão das tradições

nacionais, antes o tema central da literatura mundial.

Para Bhabha (1998), a constituição da demografia desse novo internacionalismo pode ser compreendida como a história da migração pós-colonial, onde estão sendo debatidas as narrativas da diáspora cultural, política e os grandes deslocamentos sociais de comunidades. O discurso pós-colonial é a crítica ao colonialismo, assim como a desconstrução do seu discurso. Na narrativa e discussão de sua própria história, autores como Bhabha sustentam essa crítica ao ter vivenciado a experiência colonial e os processos brutais nela existente como a dominação, a desumanização, a perda de identidade, a diáspora, o preconceito racial, a tortura, a banalização da vida, fazendo assim o autor se tornar um dos porta-voz do pós-colonial.

Se antes entendia-se cultura como a representação fiel, pura dos costumes e tradições de uma sociedade de maneira fechada, hoje, define-se como um conjunto de vários discursos, como a interface desses discursos.

A discussão pós-colonial tem corroborado na revisão de conceitos exigindo a ressignificação de algumas categorias. Passou-se a ter o entendimento que as sociedades delimitadas por fronteiras, com uma cultura própria e pura não existem, assim o próprio conceitos de cultura nacional homogênea - se entendia como uma representação fiel, pura dos costumes e tradições de uma sociedade de maneira fechada-, a transmissão consensual ou contígua de tradições históricas, ou comunidades étnicas “orgânicas” passam por processo de redefinição. Assim, caberia a literatura produzida ser justamente o modo pelo qual as culturas se reconhecem através de suas projeções de alteridades.

Avtar Brah socióloga ugandense-britânica, professora emérita de Sociologia em Birkbeck, Universidade de Londres, considerada pioneira nos estudos da diáspora, no contexto da teoria pós-colonial, em sua obra *Cartographies of Diáspora* (1998), analisa a diáspora como expressão dos movimentos migratórios e seus cruzamentos de fronteiras, desta forma, interligando os conceitos de diáspora, fronteira e identidades transnacionais. Nesse sentido, considera a diáspora como sendo um conceito abrangente, não considera uma migração eterna ou transhistórica, mas uma formação com múltiplos objetivos que se espalha por diferentes lugares, criando comunidades imaginadas. Seu conceito distingue os processos de multilocalização através de fronteiras geográficas, culturais e psíquicas, migração e formações comunitárias que geram lugares ao longo do tempo, indicando novos lugares de contestação sociocultural.

Considerando o conceito de diáspora plurissignificativo, Brah (1998) salienta que na diáspora contemporânea, ainda que fundamentada que o princípio da dinâmica do

deslocamento é a partir de um locus originário, nem sempre o desejo do regresso é determinante, embora o tema do seu local de origem (lar) continue latente; o desejo do lar não equivale ou sobrepõe ao desejo de voltar para o lugar de origem; embora distante, o lar reaparece como subtexto das novas circunstâncias de localização. A diáspora implica em um criativo conflito entre os discursos do lar e da dispersão, mas se deve levar em consideração que as narrativas passadas pelos sujeitos diaspóricos, utilizadas nas escritas autobiográficas e autorreflexivas não são iguais, pois cada diáspora é historicamente diferenciada e subjetiva.

A cubana Aimeé González Bolaños, nascida no ano de 1997 teve a oportunidade de sair do país para viver no Brasil. Vale destacar que sua saída de Cuba ocorreu por meios legais; pois se aposentou como professora em seu país, obtendo desta forma permissão de sair por ser escritora. No período de sua aposentadoria, grupos como escritores tinham livre acesso à saída do país. Por este motivo, Bolaños não se considerava uma exilada, e sim um sujeito diaspórico.

No Dicionário das mobilidades culturais (2010) existe o conceito de diáspora, de autoria de Bolaños: “o conceito de diáspora é desenvolvido muito produtivamente nas ciências sociais contemporâneas, mobilizando o pensamento no vínculo com a categoria ainda mais abrangente da identidade” (2010, p. 167). Parte do princípio de que atualmente vivenciamos uma “explosão do conceito, que responde a uma diversificada existência e produção diaspóricas, também a sua consciência reflexiva” (Bolaños, 2010, p. 168).

O significado inicial de diáspora se refere à criatividade multicultural decorrente dos contatos produtivos das sociedades em desenvolvimento, mas seu conceito foi baseado na exclusão e vitimização a partir da história do exílio/êxodo do povo judeu. Na atualidade, “o conceito reaparece ressemantizado na pluralidade de suas conotações viajantes, entendida a condição migrante e seu pensamento descentrado como consubstancial à alta modernidade” (Bolaños, 2010, p. 168).

Para Hall (2013), a distinção entre o “multicultural” e o “multiculturalismo”, parte do princípio que Multicultural é um termo que descreve as especificidades sociais e as dificuldades de governabilidade apresentados por qualquer sociedade, onde distintas comunidades culturais coexistem e tentam estabelecer uma vida em comum, ao mesmo tempo em que mantém algo de sua identidade de origem. O termo multiculturalismo faz referência às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar dificuldades de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais.

A partir das considerações de Hall, Eugênio (2018), descreve em sua pesquisa sobre o deslocamento de africanos para o Brasil, que os migrantes, na cultura caribenha, são

coisificados, marginalizados e, portanto, silenciados. Nesse sentido, compara esse processo em alguns pontos, aos movimentos de migração contemporâneo para o Brasil que também silenciou muitos desses sujeitos, tanto podendo ocorrer no ambiente de trabalho ou no convívio social.

Nota-se um grande crescimento na questão migratória nas últimas décadas, especialmente a partir da Segunda Guerra Mundial, quando ocorreu uma significativa intensificação nos fluxos de modo inédito. Os países mais propensos a esses deslocamentos são os considerados frágeis, em profunda vulnerabilidade e afetados por conflitos. Vale destacar que os deslocamentos internacionais que ocorreram no final do século passado e nas décadas iniciais desse século contribuíram na economia, na formação da cultura e a constituição da sociedade brasileira, demonstrando assim que o Brasil é um país que recebe estrangeiros constantemente (Eugênio, 2018).

O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) define o que significa migrantes e refugiados, que muitas vezes geram confusão tanto pela mídia quanto pelo público em geral. Considera necessário fazer a distinção entre os dois termos a fim de que ambas situações que envolvam os sujeitos não sofram prejuízo em decorrência disso, para que seus direitos sejam assegurados. Os que se deslocam em busca de melhoria de perspectivas econômicas para si e para a família são assim considerados migrantes, ainda segundo a ACNUR, pela vontade e necessidade da pessoa. Nesse caso a migração estaria ligada diretamente com o desejo de partir; em contrapartida, aos sujeitos que necessitam se deslocar principalmente para salvar suas vidas ou preservar a sua liberdade, são considerados refugiados e o refúgio ocorreria porque a pessoa não poderia ficar (Eugênio, 2018).

Segundo Eugênio (2018), os refugiados possuem a característica de temerem a perseguição por motivo de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas. Estando fora do seu país de origem e, em decorrência desse temor, não retornam. Desta forma, outra situação que envolve os refugiados, que além de não possuírem proteção do próprio Estado, na maioria das vezes, esse mesmo Governo os persegue com ameaças. Nesse sentido, a sobrevivência dos refugiados depende da aceitação de outros países, dos quais esperam o auxílio em caso de acolhimento.

De modo geral, o deslocamento humano ocorre desde séculos passados, não é considerado algo novo, porém é um sintoma de grandes transições, e ocorre principalmente no caso de guerras e ditaduras, que costumam dizimar populações, colocar sujeitos expostos a extrema pobreza, a perseguição, a fome são algumas razões, mas não as únicas (Lima, 2015).

Lima (2015), considera que todo processo de migração/refúgio, seja na saída do

país de origem, quanto na chegada do país que os aceitam, os migrantes/refugiados encaram uma fase muitas vezes traumática de ruptura. Essa mudança costuma ser dura e profunda, e nesses casos é muito comum verificar a ocorrência de sentimentos de solidão, de saudade e de outras emoções que se sucedem frequentemente. Ao deixar a sua terra natal, seja por vontade própria ou fugindo, o sujeito sofre a dor da partida (por deixar os familiares), assim como na chegada ao novo território, pois terá que enfrentar várias situações de adaptação ao novo local, tanto pela língua, como pelos costumes, entre outras.

Uma passagem da obra *País sem chapéu*, uma obra literária de autobiografia, que retrata o regresso depois de vinte anos de exílio na América do Norte, de um escritor a seu país de origem (Haiti) e enfrenta o desafio de narrar essa experiência. Assim, o narrador da obra literária discorre em conversa com os amigos Philippe e Manu muito interessante sobre como é viver sozinho em outra nação que não a sua (Laferrère, 2011, p. 162):

Às vezes, lá, eu me sinto totalmente só. Tenho vontade de gritar. Ninguém que te conheça de antes. É como se você não tivesse tido um “antes”. Você só tem um presente. Eu adoro presente. Quero viver no presente, mas não há presente sem passado (...).

Silva (2021), em sua pesquisa sobre os exilados paraguaios (período do Governo de Alfredo Stroessner, que se exilaram em Foz do Iguaçu, PR) registra o sentimento de solidão nos relatos das mulheres, não somente na saudade do que se deixou para trás, do estar sozinha por estar longe dos seus, mas também está presente na solidão feminina resultado das condições de sobrecarga e isolamento que enfrentavam nesse novo espaço de exílio, segundo as narrativas registradas, o exílio exigiu um desdobramento destas mulheres em diversas funções.

No livro “*Memória das mulheres do exílio*”, volume dois do projeto *Memórias do Exílio*, publicado em 1980, com o depoimento de trinta mulheres ocorridas em 1979, somente de mulheres no exílio. Obra coletiva com Organização do Grupo Mulheres Brasileiras de Lisboa que sintetiza muito bem alguns sentimentos expressados nos relatos das entrevistadas desta pesquisa, logo na introdução as autoras são taxativas ao nomear um dos capítulos: “o exílio é o exercício da solidão” (Costa *et al.*, 1980, p.25). Ainda trazem nesta obra, na parte “II – Em torno de quem é exilada”, a narrativa de mulheres exiladas: “são exiladas as perseguidas, as punidas, as presas, as torturadas. São exiladas as que sofreram perseguições indiretas. Esposas, mães, filhas e amantes (grifo do autor) (Costa *et al.*, 1980, p 18). Analisando essas narrativas, conseguimos entender que a concepção da categoria exílio foge da ideia de que exilados são

somente os perseguidos políticos e se amplia para todos os sujeitos que direta ou indiretamente sofrem com as consequências do exílio como a família, que muitas das vezes são as mulheres e filhos.

Para Lima (2015), ao mesmo tempo em que a partida pode ser entendida como uma escolha que possa amparar economicamente a família ou trazer a devida proteção, também representa a ruptura/interrupção dos vínculos familiares, assim como o de amizades e essas pessoas passam a viver na solidão que ausência cria. Ainda se soma a este sofrimento o fato que o país estrangeiro pode se apresentar como inóspito, fazendo com que a saudade de casa, da localidade em que residia e dos laços familiares sejam rompidos totalmente e distanciados.

Stuart Hall influenciou significativamente os estudos culturais e as teorias da identidade, fornecendo ferramentas conceituais para compreender os processos culturais e sociais que moldam as percepções e as experiências individuais e coletivas. Seu trabalho continua sendo uma fonte de inspiração e debate para estudiosos interessados nas questões de identidade, cultura e diferença. Reconhece que as sociedades são marcadas por desigualdades e relações de poder, e essas disparidades são frequentemente construídas em termos de diferença.

3.3 Identidade e diferenças sob a visão dos Estudos Culturais

Nesta discussão buscou-se abordagens sobre a identidade e apontar caminhos para avançarmos em uma análise sempre reflexiva sobre os fatores que influenciam os processos identitários e diferença.

Iniciamos este texto com algumas reflexões de Manuel Castells (2013), sociólogo espanhol, cujo pensamento é marcado por uma abordagem crítica e reflexiva da sociedade contemporânea, aborda temas como poder, identidade, movimentos sociais e urbanização e analisa as transformações sociais e culturais decorrentes da globalização e da revolução tecnológica. As obras de Manuel Castells têm sido extremamente influentes em várias áreas do conhecimento, e sua trilogia "A Era da Informação" é um ponto de referência importante para estudiosos e interessados em compreender as dinâmicas sociais e culturais na era digital e globalizada.

Na visão de Castells (2013, p. 22) identidade pode ser entendida como a “fonte de significado e experiência de um povo”. Como fonte considera nomes, idiomas, culturas que

diferenciem entre o eu e o outro. Essas diferenciações representam fontes significadas pelos próprios atores, demonstrando que não nascemos com uma identidade, que ela na realidade é uma construção social:

Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para que isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, e pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso (Castells, 2013, p.23).

Em relação aos atores sociais Castells (2013), discorre que identidade seria o processo de criar significados baseados em um atributo cultural ou ainda, um conjunto de características culturais que se relacionam entre si, que prevalecem sobre outras fontes de significados. Para um ator coletivo ou individual, pode haver identidades múltiplas. Contudo, essa diversidade seria uma fonte de tensão e contradições tanto na auto representação quanto na ação social.

Seria necessário distinguir a identidade do que tradicionalmente seria definido como papeis e conjunto de papeis. Papéis são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade, como por exemplo: ser trabalhador, mãe, vizinho, militante socialista, sindicalista, jogador de basquete, frequentador de uma determinada igreja e fumante, ao mesmo tempo (Castells, 2013).

Segundo Castells (2013), toda identidade é construída. Para tanto, considera como, a partir de quê, por quem, e para que isso acontece. A identidade é construída a partir da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso.

Em linhas gerais, os elementos que determinam a identidade coletiva, e a forma como ela seria construída, são em grande parte os responsáveis do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como pelo seu significado para aqueles que dela se identificam ou dela se excluem. Castells (2013) considera que a construção social da identidade acontece em um contexto marcado por relações de poder, assim propõe diferenciar três formas de e origens de construção de identidade, que são identidades legitimadora e de resistência.

Para Castells (2013) a identidade legitimadora foi criada pelas instituições dominantes da sociedade com o objetivo de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais. A legitimidade refere-se à aceitação e reconhecimento de uma autoridade ou poder por parte dos sujeitos e grupos dentro de uma sociedade. Castells explora como a legitimidade é estabelecida e mantida em diferentes contextos, destacando a importância da comunicação e da construção de narrativas para legitimar certas estruturas de poder. Ele também aborda a crise de legitimidade que pode ocorrer quando as instituições e as elites não conseguem corresponder às expectativas e demandas dos cidadãos, o que pode levar a movimentos de resistência e contestação.

A identidade de resistência, para Castells (2013), são identidades onde os atores que estão em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, criando dessa forma trincheiras de resistências e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que norteiam as instituições da sociedade. Seria uma resposta coletiva ou individual a situações de desigualdade, injustiça ou opressão. Nas sociedades em rede, a resistência pode ser potencializada e organizada por meio de redes de comunicação e mobilização, como as redes sociais e a internet. Castells explora como os movimentos sociais e ativistas podem usar essas ferramentas de comunicação para se organizarem, coordenarem ações e construir formas de resistência e contestação ao status quo. Ele destaca que a resistência pode ser diversa e variar em suas formas e objetivos, desde protestos políticos até movimentos culturais e identitários.

A identidade de projetos refere-se a aspirações, ideias e visões para o futuro de um grupo ou sociedade. Castells (2013) argumenta que a capacidade de desenvolver e articular projetos seria fundamental para a transformação social e para a construção de alternativas às estruturas de poder existentes. Ele explora como os projetos podem emergir a partir de dinâmicas de identidade e resistência, e como eles podem ser facilitados e influenciados pelas redes de comunicação e informação nas sociedades em rede.

Esses conceitos de identidade, legitimidade, resistência e projetos são parte central da análise de Castells sobre a sociedade contemporânea e sua transformação na era da informação. Ele explora como essas dimensões interagem e se manifestam em diferentes contextos sociais, políticos e culturais.

Charlotte Woodward é uma renomada teórica britânica que se destacou em seus estudos sobre questões de gênero e identidade. O conceito de identidade na perspectiva de Woodward, como apresentado em seu livro "Identidade e Diferença: uma introdução teórica e

conceitual" (2019), está relacionado a uma construção social e cultural da subjetividade individual e coletiva.

Em suma, o conceito de identidade de Woodward enfatiza a natureza social e dinâmica das identidades, bem como sua relação com a diferença e as lutas políticas. Sua obra tem sido relevante para os estudos culturais e de gênero, oferecendo uma compreensão crítica das complexidades envolvidas na formação e articulação das identidades individuais e coletivas.

Woodward (2019) enfatiza que a identidade como construção social não seria uma característica fixa ou inata, mas sim um processo construído socialmente e culturalmente que se desenvolve ao longo do tempo. Ela explora como a identidade seria formada por meio de práticas discursivas, relações de poder e processos de subjetivação. O processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos em que se baseiam oferecem possíveis respostas para as perguntas: quem sou? O que poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e representações criam os lugares em que os sujeitos podem se posicionar e falar a partir deles. Essas representações não somente pela gama de possibilidades que a cultura oferece (variedade de representações simbólicas), mas também pelas relações sociais.

Ao abordar as implicações políticas da construção da identidade, Woodward (2019) observa como os processos de identificação podem ser usados tanto para fortalecer as lutas por direitos e reconhecimento, quanto para a exclusão e marginalização de certos grupos sociais. Para a autora, identidade representa o encontro do nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas que vivemos, seria a interação de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação

O conceito de identidade torna-se especialmente relevante quando entra em crise. Woodward (2019) enfatiza que a identidade se torna problemática quando confrontada com dúvida e incerteza, quando algo que se esperava ser fixo, coerente e estável é modificado pela experiência da dúvida e da incerteza. Identidade e crise de identidade são termos e ideias comumente utilizadas atualmente e parecem ser considerados por sociólogos e teóricos como características das sociedades contemporâneas ou da modernidade tardia. A modernidade tardia é um conceito utilizado para descrever uma fase posterior do desenvolvimento da sociedade moderna. Esse termo foi cunhado por teóricos sociais para abordar as mudanças ocorridas nas últimas décadas do século XX e no início do século XXI. Entre os principais sociólogos que abordaram esse conceito, destaca-se o já mencionado Manuel Castells.

Algumas das razões pelas quais a modernidade tardia pode estar relacionada a crises de identidade incluem mudanças sociais e culturais rápidas, onde as transformações aceleradas

nas estruturas sociais, nas normas culturais e nos valores podem levar a um sentimento de desorientação e perda de referências identitárias; A Globalização e pluralidade cultural, na qual a intensificação da interconexão global e a circulação de culturas podem provocar dilemas identitários à medida que as pessoas buscam equilibrar suas identidades culturais tradicionais com influências externas; As Desigualdades e fragmentação social, na qual a modernidade tardia também seria caracterizada por disparidades econômicas e sociais, o que pode gerar sentimentos de exclusão e marginalização em certos grupos sociais; Dilemas de pertencimento, onde a mobilidade geográfica e a diversidade cultural, propiciam as pessoas se depararem com dilemas de pertencimento a grupos específicos ou à própria sociedade e por fim, crises de valores e crenças: Mudanças nas crenças e nos sistemas de valores podem levar a uma reavaliação da própria identidade e do lugar na sociedade (Woodward, 2019).

É importante ressaltar que a crise de identidade pode ser uma experiência individual ou coletiva, e seus efeitos podem variar entre diferentes pessoas e grupos. Além disso, nem todas as sociedades ou sujeitos experimentam uma crise de identidade na modernidade tardia; no entanto, o conceito oferece um viés para entender como as mudanças sociais e culturais podem afetar a forma como as pessoas se percebem e se relacionam com o mundo à sua volta.

Para Woodward (2019), a identidade é um processo contínuo e dinâmico, sujeito a mudanças e transformações ao longo da vida das pessoas. Ela argumenta que as identidades são moldadas pelas experiências individuais e coletivas, bem como pelas mudanças nas estruturas sociais e culturais. Enfatiza que a construção da identidade muitas vezes envolve a construção de diferenças em relação aos outros. As identidades são frequentemente demarcadas através de categorias como gênero, raça, etnia, classe social, sexualidade, entre outras, o que pode levar à formação de grupos sociais e culturais distintos. Mas ao mesmo tempo, a autora reconhece a complexidade da identidade humana, argumentando que as pessoas podem possuir várias identidades que se cruzam e se sobrepõem, trazendo assim a discussão para identidades múltiplas e fragmentadas. Ela destaca que as identidades não são unificadas e coesas, mas podem ser fragmentadas e contraditórias, dependendo dos contextos e das relações sociais.

As relações familiares também têm mudado, especialmente com o impacto das mudanças na estrutura do emprego. Têm havido também mudanças nas práticas de trabalho e na produção e consumo de bens e serviços, as identidades sexuais também estão mudando, tornando-se mais questionadas e ambíguas, sugerindo mudanças e fragmentações que podem ser descritas em termos de uma crise de identidade. Em sociedades contemporâneas, as pessoas frequentemente se envolvem em múltiplos papéis e identidades, que podem ser influenciados por sua família, trabalho, amigos, cultura, comunidade e outras esferas sociais. Essa

multiplicidade de identidades pode levar a conflitos internos, já que as diferentes identidades podem ter valores, crenças e expectativas divergentes, esses impactos também podem gerar a crise de identidade (Woodward, 2019).

Na perspectiva de Tomaz Tadeu da Silva (2014), não considera a identidade como algo fixo, coerente e autossuficiente. Pelo contrário, ele argumenta que a identidade seria um processo dinâmico e em constante construção, que se relaciona com diferentes fatores, tais como contexto histórico, social, cultural e político. Nesse sentido, a identidade não pode ser considerada como algo autocontido, mas como algo que estaria sempre em diálogo e interação com os outros e com o contexto em que se insere. Tomaz Tadeu da Silva é um teórico brasileiro reconhecido por seus trabalhos nos campos da educação, cultura e estudos culturais. Sua abordagem sobre identidade se enquadra em perspectivas pós-estruturalistas e pós-modernas, que enfatizam a complexidade e fluidez da construção identitária.

Para Silva (2014), a identidade seria, simplesmente, definida como a identidade de um sujeito: sou brasileiro, sou negro, sou heterossexual, sou jovem, sou homem. Essa perspectiva é comum em muitos discursos sociais e culturais, onde as pessoas são frequentemente identificadas e rotuladas com base em características como nacionalidade, etnia, orientação sexual, idade, gênero e assim por diante (aquilo que sou), uma característica independente, um fato autônomo. Essa forma de conceber a identidade pode parecer uma positividade, pois é uma forma simples de nos definirmos ou de sermos identificados pelos outros. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente.

Ao afirmar casos como sou brasileiro, sou negro ou sou heterossexual, expressa a pertença a um grupo específico e as características individuais. Esse tipo de identidade por muitas vezes, vem reforçado por normas sociais e estereótipos que associam certas características a determinados grupos. Assim, Silva (2014) considera que a forma afirmativa como se expressa a identidade tende a esconder qualquer relação. Quando se diz sou brasileiro, parece que se estaria fazendo uma referência a uma identidade que se limita em si mesma, ou seja, sou brasileiro e ponto final. Entretanto, essa afirmação porque existem outros ocorre somente porque existem outros seres humanos que não são brasileiros.

Segundo Silva (2014), quando se afirmar sou brasileiro, na realidade o que existe escondido nesse termo seria uma cadeia de negações, de expressões negativas de identidade, de diferenças. Nas entrelinhas da afirmação sou brasileiro, deve-se ler: não sou argentino, não sou chinês, não sou japonês e assim por diante. Para o autor, as afirmações sobre a diferença só são válidas se forem compreendidas em sua relação com as afirmações a respeito da identidade. Da

mesma forma que a identidade estaria relacionada com à diferença, a diferença estaria relacionada com a identidade. Identidade e diferença são inseparáveis.

Abordaremos ainda, como a globalização tem transformado as configurações da modernidade e como tal transformação tem refletido nas configurações identitárias. Demonstrando que a globalização possibilitou uma maior interação dos sujeitos e destes com o mundo, possibilitando assim, um grande impacto sobre a identidade cultural.

Uma ideia apresentada por Stuart Hall (2014) em seu texto "A identidade cultural na pós-modernidade", discute como a globalização trouxe mudanças significativas na forma como a cultura é produzida e consumida em escala global, especialmente com o advento dos meios de comunicação modernos, como a televisão, a internet e outros meios digitais.

O que é esse novo tipo de globalização? O novo tipo de globalização não é inglês, mas americano [norte americano]. Em termos culturais, o novo tipo de globalização tem a ver com uma nova forma de cultura de massa global, muito diferente daquela associada com a identidade inglesa e as identidades culturais associadas ao Estado-nação numa fase anterior. A cultura de massa global é dominada pelos meios modernos de produção cultural, dominada pela imagem que atravessa e reatravessa fronteiras linguísticas muito mais rápida e facilmente, e fala através de linguagens de um modo muito mais imediato (Hall, 2014, p. 27).

De acordo com Hall (2014), a globalização trouxe uma nova forma de cultura de massa global que diferencia daquela associada às identidades culturais nacionais. A cultura de massa global é caracterizada por sua dominância nos meios modernos de produção cultural e na rápida circulação de imagens, informações e discursos além das fronteiras linguísticas. Essa cultura global é influenciada por uma linguagem visual mais imediata e universal, permitindo que suas mensagens sejam difundidas de forma mais rápida e fácil.

Para Hall, a cultura de massa global em muitos casos, poderia ser considerada homogeneizadora, pois pode resultar em uma padronização de produtos culturais e a uma perda de diversidade cultural local. No entanto também reconhece que essa cultura global não é homogênea em si mesma e que ainda convive com diversas formas de expressão cultural local e resistência cultural

A globalização também seria uma época do surgimento do nacionalismo, que se manifesta através do desafio que enfrenta os estado-nação estabelecidos, como pela ampla (re) construção da identidade com base na nacionalidade, que, quase sempre, seria definida por oposição ao estrangeiro. Essa tendência histórica surpreende alguns observadores, pois após a morte do nacionalismo ser anunciada por uma causa tripla (globalização da economia, a

internacionalização das instituições políticas e o universalismo de uma cultura compartilhada). No entanto, nota-se que a morte do nacionalismo não significa que o nacionalismo desapareceu completamente. Embora a globalização tenha impactado a importância das fronteiras nacionais e tenha gerado desafios para o conceito tradicional de nação-estado, o nacionalismo ainda é uma força significativa em muitos lugares e tem se manifestado de diferentes maneiras em resposta à globalização (Castells, 2013).

Castells (2013) destaca a importância crescente dos movimentos nacionalistas e da busca por identidade na segunda metade do século XX, em meio às transformações tecnológicas e globais. Reconhece a força dessas aspirações identitárias em um contexto globalizado e ressalta a complexidade das dinâmicas sociais e políticas desse período histórico.

A segunda metade do século XX entrará para os anais da história como uma nova era de proliferação de movimentos nacionalistas turbulentos, de natureza mais duradora, sem apresentar contudo a características das terríveis tiranias, ora banidas, que também marcaram nosso século. Os anseios de expressar a própria identidade e de tê-la reconhecida de forma concreta pelos outros são cada vez mais contagiantes, e têm de ser admitidos como força elementar, mesmo no mundo restrito e aparentemente homogeneizador da alta tecnologia do final do século (Castells, 2013).

Ao enfatizar que os anseios de expressar e ter a própria identidade reconhecida pelos outros são cada vez mais contagiantes, mesmo em um mundo dominado pela alta tecnologia e aparente homogeneização cultural. Isso implica que, apesar das influências globalizadoras e tecnológicas, a necessidade de afirmação identitária permanece uma força elementar e significativa na sociedade (Castells, 2013).

Vale destacar uma questão importante relacionada aos efeitos da globalização sobre a identidade cultural. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode resultar na perda da identidade em relação à comunidade e a cultura local, ou seja, caracterizada pelo aumento da interconexão e interdependência entre as sociedades em escala global, pode ter consequências ambíguas no que diz respeito à identidade e à cultura local (Woodward, 2019).

Para Woodward (2019), a globalização pode ter efeitos diversos em termos de identidade. Enquanto a homogeneização cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade em relação à comunidade e cultura local, também pode ocorrer um processo de hibridização cultural que possibilita a criação de identidades complexas e dinâmicas. Importante considerar esses aspectos ao analisar as consequências da globalização sobre a diversidade cultural e identitária em nosso mundo contemporâneo. Reforça ainda, que a globalização estimula processos de hibridização cultural, nos quais elementos culturais

globais se fundem com elementos locais, criando novas formas de expressão cultural. Essa interação entre culturas pode ser enriquecedora e levar à criação de identidades híbridas que combinam elementos locais e globais.

A migração de trabalhadores obviamente não se conhece como um processo novo, mas a globalização tem sido um importante catalisador para a aceleração da migração de trabalhadores em escala global, criando novos desafios e oportunidades para os migrantes e as sociedades que os recebem. A migração de trabalhadores pode ser considerada um fenômeno complexo e multifacetado, e entender suas causas e consequências seria essencial para lidar de forma adequada com as questões migratórias contemporâneas (Woodward, 2019).

Para Woodward (2019), a migração expressaria um processo característico da desigualdade em termos de desenvolvimento. Nesse processo, a migração passa a ser frequentemente impulsionada por desigualdades econômicas e sociais, sendo fator de “expulsão” dos países pobres mais influente do que o fator de “atração” das sociedades pós-industriais e tecnologicamente avançadas (Woodward, 2019).

Ao destacar o papel da dispersão das pessoas ao redor do globo na formação de identidades que são moldadas e localizadas em diferentes lugares e por diferentes lugares, Woodward (2019) destaca que nesse contexto, surgem novas identidades que podem ser tanto desestabilizadas quanto desestabilizadoras. Cita o conceito de diáspora, feita por Paul Gilroy em sua obra "The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness" (1993), onde o termo "diáspora" originalmente era utilizado para se referir ao deslocamento forçado e dispersão de um grupo étnico ou cultural de sua terra natal. No entanto, em contextos contemporâneos, a diáspora pode ser entendida como a dispersão de grupos de pessoas para diferentes partes do mundo, independentemente das razões para essa dispersão.

As diásporas podem ser formadas por comunidades que são deslocados de forma voluntária ou involuntariamente por razões econômicas, políticas, sociais ou culturais. Esses grupos étnicos ou culturais podem manter uma conexão compartilhada com sua cultura de origem e criar identidades híbridas e transnacionais ao interagir com diferentes culturas e contextos nos locais de destino (Woodward, 2019).

Essas identidades diaspóricas, de acordo com Woodward (2019) são frequentemente caracterizadas pela falta de uma pátria ou uma fonte única. Os diaspóricos podem experimentar uma sensação de pertencimento e conexão a múltiplos lugares e culturas, mas também podem apresentar dificuldades em se encaixar em uma delas. Isso pode tornar essas identidades complexas, fluidas e em constante evolução. Para a autora, o conceito de diáspora contribui na compreensão de como a globalização e a dispersão das pessoas ao redor

do mundo têm impactado a formação de identidades que transcendem fronteiras nacionais e culturais. As identidades diaspóricas desafiam as noções tradicionais de identidade como algo fixo e localizado, mostrando como a interação entre diferentes culturas e lugares pode resultar em identidades ricas e diversificadas.

A identidade diaspórica pode influenciar e modificar a identidade étnica dos grupos envolvidos. A experiência de viver em outros lugares e interagir com diferentes culturas pode levar a uma hibridização cultural, onde elementos da cultura de origem se misturam com influências locais, resultando em identidades diaspóricas complexas e únicas. Nesse sentido, a etnicidade e a diáspora estão interligadas, pois a diáspora muitas vezes envolve a dispersão de grupos étnicos e, ao mesmo tempo, a experiência de diáspora pode moldar e transformar a identidade étnica dos grupos e sujeitos envolvidos. Ambos os conceitos são importantes para entender a diversidade e a dinâmica das identidades culturais e étnicas em um mundo globalizado.

O termo etnicidade para Escosteguy (1998) permite compreender o papel da história, da linguagem e da cultura na construção da subjetividade e da identidade, ou seja, significa reconhecer que todos nós falamos a partir de um lugar, de uma história, de uma experiência, de uma cultura particular. Assim sendo, todos nós somos etnicamente situados e nossas identidades étnicas são fundamentais para nosso senso subjetivo de quem somos. A etnicidade refere-se à pertença de um sujeito ou grupo a uma comunidade com base em fatores como ancestralidade compartilhada, língua, cultura, costumes e tradições. Consiste em uma dimensão da identidade que reflete a conexão e o pertencimento de uma pessoa a um grupo étnico específico

Para Escosteguy (1998), vale destacar alguns pontos importantes sobre etnicidade, como o espaço da história, onde a história de um grupo étnico seria considerado fundamental na construção de sua identidade, assim como a narrativa histórica, incluindo experiências de migração, lutas, resistência e conquistas, que desempenham um papel significativo na formação da identidade étnica; outro ponto seria o espaço da linguagem, onde considera a língua como um elemento essencial na formação da identidade étnica. Para a autora, através da língua, as pessoas compartilham e preservam conhecimentos, valores e tradições culturais, e a preservação da língua muitas vezes é vista como um elemento importante na manutenção da identidade étnica; sobre espaço da cultura, discorre que a cultura abrange um conjunto de práticas, crenças, símbolos, valores e costumes que são compartilhados por um grupo. A cultura se torna um fator importante na formação da identidade étnica e contribui para a construção da subjetividade individual e coletiva e por fim, fala sobre o reconhecimento e singularidade, onde

destaca que a etnicidade envolve o reconhecimento de que cada sujeito e grupo tem uma história, experiência e cultura específicas. Isso ressalta a singularidade e diversidade das identidades étnicas, reconhecendo a importância de não homogeneizar ou generalizar experiências culturais e históricas distintas.

Castells (2013) corrobora com essa discussão, descrevendo como essas questões étnicas e raciais podem ser fatores importantes na formação de identidades coletivas e como podem influenciar a luta por justiça social e igualdade. Destaca que as tendências sociais atuais podem moldar a forma como essas questões se manifestam e são enfrentadas na sociedade em rede, onde a conectividade e a comunicação global podem facilitar a mobilização e a visibilidade desses movimentos. Menciona o exemplo dos Estados Unidos da América (EUA) como um caso em que a identidade étnica e racial desempenha um papel importante na dinâmica social. Para o autor, os EUA são um exemplo de um grande movimento de identidade sem um único país, pois da mesma forma que existem movimentos que defendem o negro em relação a defesa dos direitos civis, por outro lado são oprimidos por pelo Clã em defesa da raça branca superior

Para Silva (2014) a identidade, tal como a diferença, consiste em uma relação social, ou seja, significa que sua definição, tanto discursiva como linguística, está diretamente subordinado a vetores de força e a relações de poder. Não são simplesmente definidas, mas impostas. Acrescenta que não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias, resumidamente elas são disputadas. Grupos dominantes podem impor suas representações culturais e estabelecer hierarquias que reforçam certas identidades em detrimento de outras. Isso pode levar à marginalização de grupos minoritários e à perpetuação de desigualdades.

As identidades são produzidas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença pode ocorrer tanto por meio de sistemas simbólicos de representação, como linguagem, narrativas, estereótipos e representações culturais, que atribuem significados distintos a diferentes grupos e suas características, assim como por meio de forma de exclusão social, onde determinados grupos são marginalizados, discriminados ou tratados como "outros" com base em suas características culturais, étnicas, sociais, de gênero, entre outras. Deve-se deixar claro que a identidade não existe de forma isolada ou independente da diferença, não seria o oposto da diferença, mas sim, que a identidade depende da diferença, ou seja, definida e construída em relação as características distintas que marcam a diferença entre sujeitos ou grupos. Essa relação de diferenciação torna-se essencial para a formação das identidades, pois destaca o similar ou diferente entre eles. Um sistema classificatório cria um princípio de

diferença a uma população dividindo-as em todas as suas características, ao menos em dois grupos opostos: nós/eles; eu/outro (Woodward, 2019).

Onde existe diferenciação, ou seja, identidade e diferença, também existe a relação de poder. Para Silva (2014), diferenciação consiste no processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Porém considerada existir diversos processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: p poder determina quem pertence a determinados grupos ou categorias e quem estaria excluído deles, com base em critérios culturais, étnicos, sociais ou outros (incluir/excluir, esses pertencem, aqueles não); O poder estabelece fronteiras entre "nós" e "eles", destacando as diferenças entre diferentes grupos ou comunidades; O poder impõe classificações hierárquicas, onde certos grupos são considerados "bons", "puros" ou "superiores", enquanto outros são rotulados como "maus", "impuros" ou "inferiores"; O poder define o que é considerado "normal" ou "padrão" em uma sociedade, reforçando as normas culturais dominantes e excluindo ou marginalizando aqueles que não se encaixam nessas normas (nós somos normais; eles são anormais).

Woodward (2019) pontua que diferença pode ser construída negativamente, isso pode ocorrer por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como “outros” ou forasteiros. Pode ser usada como uma ferramenta para estabelecer hierarquias e desigualdades sociais. Nesse contexto, grupos ou sujeitos que são percebidos como diferentes são muitas vezes estigmatizados, marginalizados ou excluídos da sociedade dominante. A construção negativa da diferença pode levar a preconceito, discriminação e conflitos entre grupos. Negativamente ela passa a ser prejudicial e pode resultar em injustiças sociais, perpetuação de desigualdades e violação dos direitos humanos. A marginalização de grupos minoritários com base em suas diferenças pode limitar suas oportunidades e acesso a recursos, levando a uma exclusão ordenada e prejudicando o desenvolvimento de uma sociedade inclusiva e equitativa.

Por outro lado, Woodward (2019) também pontua a diferença de forma positiva, pois poder ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e Hibridismo, sendo vista como enriquecedora. Quando reconhecida como uma característica efetiva da sociedade e abraçada como uma parte essencial da identidade humana, ela pode contribuir para a formação de uma sociedade pluralista e inclusiva. O reconhecimento da diferença permite a valorização das diversas experiências, perspectivas e conhecimentos que os grupos e sujeitos trazem para a sociedade. O Hibridismo cultural, onde diferentes culturas se entrelaçam e enriquecem umas às

outras, torna-se um exemplo de como a diferença pode ser vista como uma força positiva na sociedade.

Woodward (2019) destaca a estreita relação entre identidade e subjetividade e como a compreensão que temos de nós mesmos influencia a maneira como nos identificamos e nos apresentamos ao mundo. Ambos os conceitos são cruciais para a compreensão da complexidade da autopercepção humana e da construção de identidades individuais e coletivas. Subjetividade implica na compreensão que temos sobre o nosso eu. Para melhor compreensão os termos identidade e subjetividade embora possam ser utilizados de maneira intercambiável, eles possuem nuances distintas. A identidade refere-se à maneira como nos identificamos e como somos reconhecidos por outros, seja com base em características como etnia, gênero, religião, orientação sexual, profissão, entre outros. Em contrapartida a subjetividade encontra-se diretamente relacionada ao entendimento que temos sobre nós mesmos, como percebemos e experimentamos nossos pensamentos, emoções e experiências internas.

A subjetividade engloba sentimentos e pensamentos mais pessoais, as emoções conscientes e inconscientes que moldam nossa concepção sobre quem somos. A maneira como percebemos nossa identidade e como construímos narrativas internas sobre nossa história de vida, crenças, valores e desejos (Woodward, 2019).

Desta forma, percebe-se que a construção da identidade se encontra intimamente ligada à subjetividade, pois por meio de nossa compreensão subjetiva de nós mesmos que construímos nossas identidades. Nossas experiências internas e auto percepções moldam como nos identificamos e nos apresentamos ao mundo. A subjetividade também inclui elementos inconscientes que podem influenciar nossa percepção de nós mesmos. Desta forma, quando pensamos em nossas crenças, traumas não resolvidos e como motivações internas podem ter um papel na formação da subjetividade e, conseqüentemente, na construção da identidade.

A subjetividade e a diferença são conceitos importantes na obra de Stuart Hall (2014), que aborda temas em sua análise crítica sobre identidade, cultura e sociedade. Para o autor, a subjetividade refere-se à formação do "eu" individual, a maneira como as pessoas constroem e percebem a si mesmas como sujeitos. Argumenta que a subjetividade não seria um dado natural, mas sim socialmente construída e moldada por processos culturais, políticos e históricos. As representações culturais influenciam a subjetividade pelas ideias, valores e práticas que circulam na sociedade, bem como pelas posições de poder e pelas estruturas sociais em que as pessoas estão inseridas.

Um dos conceitos de Hall (2014) relacionados a esse tema seria o conceito de "identidades híbridas" ou "identidades cruzadas" (hybrid identities ou cross-cutting identities).

Sobre identidades híbridas conjectura que muitas pessoas, especialmente na era da globalização, desenvolveram identidades complexas e multifacetadas, incorporando elementos de várias culturas e contextos sociais. Essas identidades híbridas são criadas na interseção de diferentes culturas e não são facilmente enquadradas em categorias fixas. O autor também discutiu como o racismo, o preconceito e a discriminação podem afetar a subjetividade e a formação da identidade de grupos minoritários, ressaltando a importância de reconhecer e combater essas questões sociais.

Sobre o conceito de Hibridismo tratado por Hall (2014), também conhecido como "identidades híbridas" ou "identidades cruzadas", argumenta que, na era da globalização e dos intensos fluxos culturais, as identidades não são mais vistas como pertencendo a categorias culturais ou étnicas fixas e homogêneas. Em vez disso, as pessoas desenvolvem identidades complexas que incorporam elementos de várias culturas e contextos sociais.

Segundo Hall (2014) Hibridismo consiste na mistura e combinação de diferentes elementos culturais e identitários. Pode acontecer em nível individual, quando as pessoas incorporam influências culturais diversas em sua identidade, mas também pode ocorrer em nível coletivo, quando grupos ou comunidades adotam práticas, crenças ou estilos de vida de diferentes origens. Enfatiza que o Hibridismo é uma característica comum na vida contemporânea, especialmente nas sociedades cada vez mais conectadas globalmente.

O Hibridismo era analisado, sobretudo em relação ao processo de produção de identidades nacionais, raciais e étnicas. Porém, na perspectiva da teoria cultural contemporânea, o Hibridismo refere-se ao processo de mistura, conjunção e interação entre diferentes nacionalidades, etnias e raças, sendo a combinação de elementos culturais, sociais e históricos de diferentes origens que ocorre quando grupos ou sujeitos de diferentes identidades se encontram e interagem (Silva, 2014).

Para Silva (2014), a hibridização, embora seja vista como uma mistura e interação cultural enriquecedor, também se encontra enraizada nas relações de poder. A mistura e o encontro de diferentes identidades muitas vezes ocorrem em contextos de dominação, ocupação, colonização e destruição. Isso significa que a hibridização pode ser forçada, onde grupos culturais menos poderosos são subjugados e suas identidades são influenciadas ou moldadas pelas culturas dominantes. Essa imposição pode levar a perda de identidade, assim como a negação das próprias culturas e história desses grupos. Portanto, a hibridização é um fenômeno complexo, que abrange tanto a riqueza da mistura cultural quanto a exploração do poder.

Stuart Hall (2014) também discutiu a relação entre diáspora e diferença em seus estudos culturais e teorias sobre identidade. Abordou como a diáspora pode criar uma rica interação entre as culturas de origem e as culturas de destino, gerando novas formas de identidade e expressão cultural. Essa interação constante entre diferentes culturas e a negociação contínua de identidade são componentes essenciais da realidade diaspórica.

A diferença, para Hall (2014), não significa simplesmente uma questão de características individuais, mas ocorrendo influência por questões sociais mais amplas. As interações entre diferentes grupos e culturas moldam as identidades das pessoas e como elas se veem em relação aos outros. Enfatiza que a diferença não deve ser superada ou homogeneizada, mas sim algo a ser valorizado e reconhecido. As diversidades culturais e sociais trazem riqueza para a sociedade e são fundamentais para uma coexistência harmoniosa.

Percebe-se que a relação entre Hibridismo e diferença, o Hibridismo surge como uma resposta a complexidade das interações culturais e sociais que levam a formação de identidades híbridas e multifacetadas. O conceito de diferença se torna um dos temas para entender como essas identidades se desenvolve e como as diferenças culturais são valorizadas e reconhecidas em meio a uma sociedade diversa e globalizada.

Ao da continuidade a esta pesquisa, foi necessário e oportuno conjecturar sobre a história oral como uma metodologia valiosa e amplamente utilizada nos estudos culturais para coletar informações e compreender a cultura e a identidade de grupos específicos. Essa abordagem envolve a coleta de relatos e depoimentos de pessoas que vivenciaram eventos, experiências e mudanças culturais ao longo do tempo. É especialmente útil quando a história e a cultura de um grupo não foram adequadamente documentadas em fontes escritas convencionais.

3.4 A reconstrução/renovação da identidade

Em relação aos questionamentos que instigaram a pesquisa sobre questões relacionadas ao fenômeno migratório e como ele interfere e influência nas experiências dos sujeitos na sociedade e na sua vida, como lembranças, sentimentos e traumas, se buscou descrever e pontuar sobre as consequências que esse exílio acarretou nessas pessoas. Para tanto, alguns autores foram consultados, como Stuart Hall, trazendo uma discussão sobre a diáspora e a identidade cultural de migrantes caribenhos; Spivak, onde exemplifica sobre a violência de

calar o “outro”; Mbembe, que traz à tona uma discussão sobre a desvalorização da vida em reflexões sobre a escravidão, a colonização e o apartheid, assim como outros autores. Como todas essas violências vão moldando e construindo as novas populações,

Do ponto de vista sociológico toda e qualquer identidade é construída, seu princípio se baseia nas premissas de respeito a como, a partir de que, por quem, e para que isso acontece. É construída da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos do poder e revelações de cunho religioso (Castells, 2013).

Segundo Woodward (2019) as “crises de identidade” são decorrentes da modernidade tardia e faz sentido quando inseridas no contexto das transformações globais, que são características da vida contemporânea. A globalização também produz diferentes resultados em termos de identidade, pois a heterogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode afetar a identidade da cultura local, nesse sentido, pode ocorrer uma resistência que fortalece e reafirma algumas identidades nacionais e locais, assim como levar ao surgimento de novas oposições de identidade.

A migração de trabalhadores não é uma movimentação nova, porém seu aceleramento está ligado diretamente à globalização, motivada por necessidades econômicas, tem ocorrido a migração internacional, permitindo assim a remodelação das sociedades e a política ao redor do globo. Nesse sentido, o passado e o presente são eventos importantes para a justificação de novas e futuras identidades nacionais (Woodward, 2019).

Vale destacar a Identidade de Resistência, que surge quando sujeitos em condições desvalorizadas e ou estigmatizadas pela lógica da dominação, criam frentes de resistência e sobrevivência princípios que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos. Quando destinada a resistência, leva à formação de comunidades. Nesse sentido, se torna importante na construção de identidade em sociedade, pois forma a resistência coletiva diante da opressão, que do contrário não seria suportável. Um exemplo seria o nacionalismo fundado na etnia, pois “surge, por um lado, a partir de um sentimento de alienação e, por outro, de um ressentimento contrário à exclusão injusta, de natureza política, econômica ou social (Castells, p. 25, 2013).

A expressão comunidade imaginada, (Anderson, 1983, *apud* Woodward, p. 24, 2019) considera que:

[...] a identidade nacional é inteiramente dependente da ideia que fazemos dela. Uma vez que não seria possível conhecer todas aquelas pessoas que partilham de nossa identidade nacional, devemos ter uma ideia partilhada sobre aquilo que a constitui. A diferença entre as diversas identidades nacionais reside, portanto, nas diferentes formas pelas quais elas são imaginadas.

Essas comunidades imaginadas estão sendo contestadas e reconstruídas no mundo contemporâneo. Vale ressaltar como exemplo a ideia de uma identidade europeia, defendida recentemente por partidos políticos de extrema-direita, foi registrada como uma reação à hipotética ameaça do “outro”. No caso o outro considerado por eles se refere a trabalhadores da África do Norte (Marrocos, Tunísia e Argélia), ameaça baseada nas origens desses sujeitos, ou seja, no seu suposto fundamentalismo islâmico (Woodward, 2019).

Woodward (2019) destaca que essa atitude encontrada nas políticas oficiais de imigração da União europeia é uma projeção do “orientalismo” definido por Edward Said em 1978, onde basicamente a cultura ocidental produz um conjunto de pressupostos e representações sobre o Oriente, porém o construindo como uma fonte de fascinação, perigo, exótico e ameaçador. Nesse sentido, as representações do oriente na realidade produzem o saber ocidental sobre ele, fundamentado mais sobre os medos e as ansiedades ocidentais do que sobre a vida no Oriente e na África do Norte, gerando assim um suposto fundamentalismo islâmico como a principal e nova ameaça às tradições liberais.

Nesse sentido, as formas como as fronteiras são estabelecidas pela cultura constitui novas fronteiras e assinala diferenças que são cruciais para compreender as identidades. Para tanto, vale destacar que diferença é o balizador que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, repetidamente na forma de oposições. Um exemplo a ser citado é o caso da Bósnia, onde as identidades foram construídas nitidamente na oposição entre “nós” e “eles” (Woodward, 2019).

Stuart Hall (2006) a partir da noção de identidade cultural dos migrantes caribenhos descreve que em 1948 desembarcaram migrantes civis caribenhos no Reino Unido, do navio-transporte SS Empire Windrush. Esse período era o pós-guerra, nesse sentido, iniciou-se a migração caribenha para a Grã-Bretanha, o que significou o nascimento da diáspora negra afro-caribenha, resultando nos assentamentos negros caribenhos no Reino Unido, destaca a era da globalização crescente e como relacionar as complexidades da nação e a identidade caribenha nessa nova era.

Hall (2006) ao tratar questões sobre a identidade cultural na diáspora, discorre sobre as sociedades que são compostas por muitos povos; de origens diversas. Pois os que possuíam as terras já deixaram de existir há muito tempo. Sugere que todos que a ocupam atualmente são oriundos de outro local, e estão longe de estabelecer uma sequência com seu próprio passado; o que leva a considerar que essa história está profundamente marcada por conflitos, rupturas aterradoras, abruptas e violentas. Assim, o autor destaca que o território tal qual chamamos de Caribe, surgiu por meio desta violência e através dela. Caracterizada pelo genocídio, sistema de engenho, conquista, expropriação, escravidão e longa tutela de dependência colonial que caracteriza a sociedade na nossa atual modernidade.

A migração não é uma movimentação nova, porém seu aceleração está ligado diretamente à globalização, motivada por necessidades econômicas, tem ocorrido a migração internacional, permitindo assim a remodelação das sociedades e a política ao redor do globo. Nesse sentido, o passado e o presente são eventos importantes para a justificação de novas e futuras identidades nacionais (Woodward, 2019).

As questões geradas pela diáspora, por serem centrais não apenas para seus povos, mas também para as artes e culturas que são geradas, onde o sujeito imaginado se encontra sempre em jogo. Segundo Hall (2006), a obra de Mary Chamberlain, o livro “Narratives of Exile and Return”, salienta como os inimigos dos povos continuam fortes, apesar de existir um distanciamento da terra natal, fato esse confirmado por pesquisas sobre os migrantes caribenhos que residiam no Reino Unido. Os entrevistados na referida obra discorrem sobre a dificuldade dos que retornam em se conectar novamente com a sociedade de origem. Nesse sentido Stuart Hall assegura que em relação a diáspora, as identidades tornam-se múltiplas.

Assim, compreendemos que cada identidade é própria, se forma a partir da hibridização, não possui uma forma acabada, completa, pois por meio de encontros que causam choque e entrechoques das culturas, torna-se provisória.

Hall (2006) cita Benedict Anderson que em sua narrativa afirma que as nações não são somente como políticas e soberanas, são na realidade “comunidades imaginadas”. Destaca como, após trinta anos de independência, como são imaginadas as nações caribenhas? Esse questionamento nos leva a reflexão que a discussão não é somente central, não apenas para seus povos, mas também engloba a arte e a cultura, que acarretam na produção de um certo “sujeito imaginado”. Traz para a discussão onde se iniciam e terminam as fronteiras, levando-se em conta que regionalmente, podem ser cultural e historicamente próximas de sua vizinha, porém milhares de sujeitos vivem quilômetros de casa. A partir desse ponto, questiona como se pode

imaginar uma relação do sujeito que vive longinquamente com a sua terra de origem, como fica a natureza de seu “pertencimento” no Caribe sob a ótica dessa experiência de diáspora?

Spivak (2010) pondera sobre a discussão da representação da literatura, como instituição composta a partir de padrões repressores e violentos, poder esse, considerado ser o ideal e justo representante do outro, o subalternizado. Porém, há de se considerar que a violência maior talvez emergja na exclusão, ou seja, quando se tenta apagar a narrativa do outro na literatura, mesmo quando se considera que ela apareça de forma indireta, como uma história infiltrada, como considerada a autora, pois é a partir desse “outro” que se pretende formar a tradição literária. Reforçando essa discussão, essa neutralização do outro (subalterno ou colonizado) consiste em torna-lo imperceptível, desapropriando-o da possibilidade de qualquer representação, silenciando-o. Este silêncio, julgado como secundário, como resto de linguagem se configura como silêncio que traz implicações estrepitosa sobre a vida dos sujeitos.

Spivak (2010) traz a reflexão de Walter Benjamin, em relação a leitura que os materialistas históricos realizam sobre os bens culturais, onde classifica que os vencedores participam do cortejo triunfal, caracterizado pelos os dominadores de hoje que pisoteiam os corpos dos que estão humilhados no chão. Os restos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses restos, de acordo com o autor, são os considerados bens culturais. O materialista histórico os consideram com um certo distanciamento, pois esses bens culturais têm uma procedência na qual ele não pode conjecturar sem horror. Há de se pensar, que jamais existiu um monumento da cultura, cuja criação fosse baseada ou construída como um monumento da barbárie.

Em sua ponderação, Spivak (2010) ainda questiona sobre o que fazer, a partir do momento que se constata a violência da apropriação da narrativa do “outro” pelo discurso Ocidental? Assim, tanto a reflexão de Spivak sobre impossibilitar a fala do subalterno, como a constatação dos bens culturais como monumentos da Barbárie por Benjamin, podem ser desalentadores para a leitura dos textos literários como bases democráticas.

Mbembe (2014) discute sobre o negro, onde avalia que o termo seria um exemplo do “ser-outro”, representando assim um símbolo de inferioridade, de acordo com o ideal colonialista. Da mesma forma, a África, representaria um “não-lugar”, símbolo de retrocesso, de ausência de civilização e que não possuía nenhuma contribuição à humanidade. Outro exemplo citado está relacionado com a visão eurocêntrica do colonizador, as obras, conhecimento, todas as contribuições africanas, assim como a luta de seus povos na diáspora para o desenvolvimento histórico das Américas, foram desconsideradas e, mais agravante, foram simplesmente desconstruídas, caladas ou apagadas. Historicamente, somente quando a

Europa deixa de ser o centro da civilização e da produção do saber que se constrói um pensamento com maior criticidade em relação ao negro. Vale ressaltar que com a escravidão no colonialismo (a partir do século XVI), cria-se o conceito negro, definição que vigora até os dias atuais. Deste momento em diante, a colônia passa a ser o lugar onde o negro deixa de existir enquanto pessoa, se tornando invisível para a sociedade.

Em relação ao sofrimento Mbembe (2014), pontua algumas questões consideradas propriamente filosóficas e desprezadas pela crítica africana em reflexões sobre a escravidão, a colonização e o apartheid. Sobre a escravidão discorre sobre o status do sofrimento ocasionado na história, sobre como a violência molda a subjetividade, através das diversas maneiras que as forças históricas contribuem no dano psíquico aos corpos coletivos. Nesse sentido, busca comparação com outras experiências históricas, como o Holocausto judeu, a escravidão e o apartheid, pois representam genuínas e puras formas de sofrimento. Considera que todas essas formas são representadas pela desapropriação do eu por forças inomináveis.

Nos três casos, analisa que as forças ali existentes assumem várias formas. Porém, em todos, o ponto central é o mesmo: desde a administração da morte em massa, que reflete abruptamente na vida dos sujeitos, causando assim uma divisão, de tal forma que o sujeito não sabe mais se está morto ou vivo. Mesmo considerando esses eventos separados no tempo, possuem um ímpeto destrutivo e uma separação do eu com toda a individualidade, assim como criam uma situação caótica, porém estão conectados pelo mesmo enredo: a extrema desvalorização da vida, ou seja, fragilizam a vida. Mbembe (2014) ainda acrescenta a essa discussão, o argumento utilizado nessas críticas filosóficas, sobre o pretexto de que a origem, assim como a raça são critérios para qualquer tipo de avaliação, fazendo desta forma, ainda a interdição da vida. Desta reflexão deixa o questionamento de como redimir a vida/resgatá-la diante da incessante operação de sua negação?

Canclini (1998) em sua obra, onde trata especialmente sobre a América Latina, questiona quais seriam, na década de 1990, as estratégias para entrar e sair da modernidade, onde as tradições são fortes e não se foram e a modernidade não chegou totalmente. Considera que a abrupta interpenetração e coexistência de culturas estrangeiras, em diferentes tempos do século XX gerou processos de mistura dessas culturas, resultando assim a ocidentalização, aculturação, transculturação, heterogeneidade cultural, globalização e Hibridismo.

Considera a heterogeneidade dos países, assim como suas diferentes culturas na modernização nos países latino-americanos ao buscar conceituar Culturas híbridas, pois, essa

cultura surge ao ocorrer o rompimento entre as barreiras que separam o tradicional e o moderno, o popular e o massivo, permitindo assim a miscigenação de diferentes culturas:

[...] considera como exemplo de uma construção de hibridez cultural presente nas sociedades latino-americanas. As buscas mais radicais sobre o que significa estar entrando e saindo da modernidade são as dos que assumem as tensões entre desterritorialização e reterritorialização. Para documentar essa transformação das culturas contemporâneas, ele analisa primeiro a transnacionalização e a migrações (Canclini, 1998, p. 309).

O conceito de Hibridismo, segundo Canclini (1998) ainda permite conjecturar novas perspectivas de análise, assim como de repensar os vínculos entre cultura e poder.

Levando-se em conta o fronteiroço, o intermédio, Bhabha (1998) conceitua o termo entre -lugar, relacionado diretamente com o modo dos grupos subordinados de organizarem-se em relação ao poder e como concretizam estratégias de “empowerment” (aquisição de poder) dentro da lógica dessas estruturas de poder. É justamente nesse processo (consequência das diferenças culturais) que são gerados os entre-lugares. Esse ponto de vista fronteiroço permite clareza em relação às estruturas de poder e saber e, por conseguinte, uma visão mais aguçada sobre subjetividades que resumem nas identidades de povos subordinados.

Finalizando essa discussão, se buscou evidenciar as migrações, em variadas formas de ocorrência, como a conquista e colonialismo, escravidão, movimentos massivos e as diásporas, assim como na forma como interagiram com os ambientes, pois esses processos também fazem parte da formação histórica da América Latina. Vale ressaltar a importância de debater sobre diáspora e fluxo populacional, movimento constante desde os primórdios da humanidade, em decorrência de perseguições a sujeitos ou grupos por questões: políticas, étnicas, religiosas e sociais. Sobre esses movimentos a identidade vai sendo reconstruída/renovada nesse deslocamento contemporâneo. Ao apresentar esses temas na pesquisa, que juntamente com a História Oral de vida, onde o registro da narrativa de sujeitos que vivenciaram o deslocamento de um país para o outro, onde são destacadas suas experiências, assim como seus traumas, medos, silêncio e negação dessa identidade, pois para o lugar que se deslocaram, foram considerados o “outro” vem complementar o referencial teórico e as discussões da desta pesquisa.

4 TRILHANDO OS CAMINHOS DA HISTÓRIA: IMPACTO NA VIDA E MODO DE VIVER

As consequências de guerras e o êxodo forçado são temas complexos e variam dependendo do contexto histórico específico. Cada contexto histórico traz desafios únicos e efeitos duradouros que merecem análises. Na sociedade contemporânea, ou seja, nos tempos atuais, elas continuam causando um impacto significativo em diversas áreas, influenciando não apenas questões geopolíticas, mas também econômicas, sociais, culturais e humanitárias. Geralmente causam a um grande número de deslocamentos forçados e refugiados, criando assim crises humanitárias, onde pessoas deixam suas casas em busca de segurança, muitas vezes enfrentando condições precárias em outros países.

Neste capítulo se apresenta um delineamento sobre as guerras na sociedade contemporânea, assim como o período da Revolução de 1947 ocorrida no Paraguai e trazendo ainda para essa discussão alguns impactos que elas produzem na vida e no modo de viver de sujeitos, assim como na sociedade contemporânea.

4.1 As Guerras na sociedade contemporânea

As guerras do Século XX, sendo consideradas locais, regionais ou globais, foram de uma escala muito mais vasta do que qualquer coisa experimentada antes. Das 74 guerras internacionais travadas no período compreendido entre 1816-1965, classificadas pelo número de vítimas por especialistas americanos, as quatro primeiras ocorreram no século XX, que consiste nas duas guerras mundiais, a guerra do Japão contra a China em 1937-1939 e a Guerra da Coreia. Cada uma dessas guerras matou mais de um milhão de pessoas em combate. No século XIX pós-napoleônico, a maior guerra internacional registrada se deu entre Prússia, Alemanha e França, no período de 1870-1871, na qual matou em torno de 150 mil pessoas, números mais ou menos comparável às mortes da Guerra do Chaco (Paraguai e Bolívia), ocorrido no período de 1932-1935, na época a Bolívia com a população estimada de 3 milhões e o Paraguai, com 1,4 milhão (Hobsbawn, 1995).

O mesmo autor Hobsbawn (1995), destaca a democratização da guerra, pois conflitos totais viraram “guerras populares”, pelo fato de civis e a vida civil se tornarem alvos estratégicos certos, e por muitas vezes, as principais, quanto porque em guerras democráticas

ou na política democrática, os adversários são naturalmente demonizados para que sejam devidamente odiosos e ao menos desprezíveis.

Nesse sentido, o mundo se acostumou, em grandes escalas, a conviver com a expulsão e matança compulsória, acontecimentos tão conhecidos em escala internacional que ocorreu a necessidade de conceituar novas palavras como “sem estado” (“apátriada”) ou “genocídio”. Considera que a humanidade normalizou como experiências do dia a dia o fato de viver num mundo onde a matança, a tortura e o exílio em massa se tornaram notícias corriqueiras nos nossos noticiários (Hobsbawm, 1995).

Na mesma obra, cita a Primeira Guerra Mundial, que levou a matança um incontável número de armênios pela Turquia (em torno de 1,5 milhão) e a ilustra como a primeira tentativa moderna de eliminar toda uma população. Cita ainda a conhecida matança nazista (cerca de 5 milhões de judeus). Nesse sentido, considera que a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa obrigaram milhões de pessoas a se deslocarem como refugiados/trocas de população entre Estados, que equivalem à mesma coisa. A Grécia repatriou cerca de 1,3 milhão de gregos; 400 mil turcos foram decantados no Estado que os reclamava; cerca de 200 mil búlgaros passaram para o diminuído território que tinha seu nome nacional; enquanto 1,5 ou talvez 2 milhões de nacionais russos, fugindo da Revolução Russa ou do lado perdedor da Guerra Civil Russa, se viram sem pátria. Foi sobretudo para estes, mais do que para os 300 mil armênios que fugiam ao genocídio, que se inventou um novo documento, ou seja, numa estimativa aos anos 1914-22 geraram entre 4 e 5 milhões de refugiados.

Ao destacar a magnitude dos deslocamentos populacionais causados por eventos como a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa, que resultaram em uma enorme quantidade de refugiados. Esses eventos históricos não apenas causaram devastação direta em termos de morte e destruição, mas também forçaram milhões de pessoas a abandonarem suas casas em busca de segurança e sobrevivência.

É importante reconhecer que os refugiados enfrentam uma série de desafios significativos ao buscar refúgio em outros países, incluindo dificuldades no acesso a abrigo, alimentos, cuidados de saúde e educação. Além disso, eles muitas vezes enfrentam barreiras legais, sociais e culturais que dificultam sua integração e aceitação nos países de acolhimento.

Fundamental que a comunidade internacional reconheça o direito dos refugiados à proteção e assistência, de acordo com os princípios estabelecidos no direito internacional dos direitos humanos e no direito internacional dos refugiados. Além disso, é necessário abordar as causas subjacentes dos deslocamentos forçados, incluindo conflitos armados, perseguições e violações dos direitos humanos, a fim de prevenir novas crises de refugiados no futuro.

Hobsbawm (1995, p. 58) considera que a “enxurrada de destroços humanos” nem se compara à Segunda Guerra Mundial, com a estimativa que em maio de 1945, existia na Europa em torno de 40,5 milhões de pessoas desenraizadas, sem considerar nesses números os trabalhadores forçados dos alemães que fugiram em decorrência do avanço dos exércitos soviéticos. Quase 13 milhões de alemães foram expulsos da Alemanha ocupadas pela Polônia e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS)⁵, assim como da Tchecoslováquia e parte do Sudeste europeu onde haviam sido assentados. Esses alemães foram absorvidos pela Nova República Federal da Alemanha, assim como o novo Estado de Israel ofereceu um “direito de retorno” a qualquer judeu. Das 11.332.700 “pessoas deslocadas” de várias nacionalidades encontradas pelos exércitos vitoriosos na Alemanha em 1945, 10 milhões retornaram a suas pátrias (a metade retornou de forma obrigada).

Os refugiados citados na obra não estão somente na Europa, continuam com a descolonização da Índia em 1947 (15 milhões) que foram obrigados a cruzar as novas fronteiras entre a Índia e o Paquistão (nas duas gerações). Considerado como um subproduto da Segunda Guerra Mundial, a Guerra da Coreia gerou em torno de 5 milhões de coreanos deslocados e o estabelecimento de Israel, cerca de 1,3 milhões de palestinos foram registrados na Agência de Socorro e Trabalho das Nações Unidas para os Refugiados da Palestina (UNRWA); no início da década de 1960, e registra 1,2 milhão de judeus migrando para Israel, a grande maioria desses refugiados. Ou seja, em síntese, as consequências da catástrofe humana gerada pela Segunda Grande Guerra Mundial é provavelmente a maior da história humana. Desta forma, a humanidade normatizou a viver num mundo onde a matança, a tortura e o exílio em massa se tornaram experiências do dia a dia, corriqueiras nos nossos noticiários.

Segundo Hobsbawm (1995), após a Segunda Guerra Mundial, a ascendência ou tendência de regimes militares unia estados do Terceiro Mundo de diversas filiações constitucionais e políticas. Desta forma, várias repúblicas vivenciaram episódios de regimes militares depois de 1945, assim a política de golpes militares foi a consequência da nova era de governo incerto ou ilegítimo. O Terceiro Mundo oferecia condições “convidativas” para as intervenções militares, como Estados novos, fracos, minúsculos, com centenas homens armados, inclusive reforçados por estrangeiros, com governos inexperientes produzindo assim

⁵ A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas tinha se formado em 1922, através do Tratado de Criação da URSS. Em 1991 ocorre a dissolução da URSS, grande potência durante meio século e a principal referência do movimento comunista internacional. Várias Repúblicas passaram a decretar independência com base no direito de secessão. A Federação da Rússia (Capital Moscou) foi criada na sequência da dissolução da União Soviética, em 1991, mas é reconhecida como o Estado sucessor da URSS (Rodrigues; Fernandes, 2019).

recorrentes estados de caos, corrupção e confusão.

Para o autor, a década após a Segunda Guerra Mundial, especialmente entre 1945-1950 também foi marcada por um grande número de reforma agrária, pois era prática ao longo de todo espectro político. Nesse período quase metade da raça humana presenciou/vivenciou países que passavam por algum tipo de reforma agrária: comunista na Europa Oriental, na China, no Japão, Taiwan e Coreia, Iraque, Síria e Argélia e Cairo. Em 1952, com a Revolução Popular na Bolívia, a reforma agrária na América do Sul passa a ter um fortalecimento.

4.2 Paraguai, breve história política do Paraguai e a Guerra Civil de 1947

No início do século XX, a América Latina atravessava um período de intensas mudanças políticas, sociais e econômicas. A região era caracterizada por uma diversidade de sistemas políticos, incluindo ditaduras, regimes autoritários e movimentos sociais em busca de independência e autonomia. Após o término do domínio colonial espanhol e português, muitos países latino-americanos alcançaram sua independência, mas enfrentavam desafios consideráveis na consolidação de suas estruturas governamentais e na construção de instituições estáveis. As elites políticas e econômicas exerciam um domínio substancial sobre o poder, enquanto vastas porções da população sofriam com a pobreza, desigualdade social e marginalização política (Donghi, 2005).

Dentro desse contexto, a política desempenhou um papel crucial na compreensão das transformações sociais, econômicas e políticas que ocorriam na região. Durante o período colonial, a América Latina estava sujeita a sistemas políticos autoritários e centralizados, controlados pelas metrópoles coloniais como Espanha e Portugal. Após os processos de independência, as experiências políticas variaram amplamente entre os países latino-americanos. Enquanto alguns conseguiram estabelecer democracias representativas estáveis, outros enfrentaram períodos de instabilidade política, golpes de Estado e ditaduras militares (Donghi, 2005).

Um exemplo ilustrativo é o México, que após conquistar sua independência em 1821, enfrentou um período tumultuado com diversas mudanças de governo e conflitos internos, como a Guerra Mexicano-Americana e a Guerra da Reforma. Entretanto, a partir da segunda metade do século XIX, o país começou a trilhar o caminho rumo a uma república democrática, embora ainda enfrentasse desafios persistentes relacionados ao autoritarismo e à

corrupção política (Donghi, 2005).

Por outro lado, países como Argentina e Brasil experimentaram regimes oligárquicos, dominados por elites políticas e econômicas, com uma significativa exclusão da participação política das classes mais pobres. Isso resultou em períodos de instabilidade política e conflitos sociais, como a Revolução Federalista na Argentina e a Guerra de Canudos no Brasil (Donghi, 2005).

Além disso, Donghi (2005) destaca as dificuldades e desafios enfrentados pela América Latina no início do século XX, incluindo a persistência da pobreza e da desigualdade social, a influência política e econômica de elites locais e estrangeiras, e a instabilidade política resultante de conflitos internos e externos. A dependência econômica em relação às potências estrangeiras, como os Estados Unidos e as potências europeias, também foi uma questão significativa, exercendo uma influência desproporcional sobre os assuntos internos da região.

No contexto específico do Paraguai, a história política foi marcada por uma série de desafios únicos. Durante o período colonial, o país era uma das colônias mais isoladas do império espanhol na América do Sul, caracterizado por um sistema político centralizado e autoritário. Após sua independência em 1811, o Paraguai enfrentou uma série de conflitos internos e externos, culminando na devastadora Guerra do Paraguai (1864-1870), que teve consequências para o país em termos de perdas humanas e econômicas. Este cenário complexo e multifacetado da América Latina no início do século XX apresentado proporciona uma análise para compreender as dinâmicas políticas, sociais e econômicas da região (Donghi, 2005).

Antes de adentrar nas profundas e duradouras consequências da Guerra do Paraguai, é crucial compreender o contexto político da época, marcado pela rivalidade entre os partidos Colorado e Liberal no Paraguai. Esses dois partidos desempenharam papéis significativos na política paraguaia durante o século XIX, cada um representando interesses distintos e competindo pelo poder.

No período de 1869 a 1904, o Paraguai segundo Moraes (2003) teve 14 presidentes, ou seja, uma média de dois anos e meio para cada mandato. Entre os aspectos marcantes desse período está a dissolução do Congresso, fato este realizado tanto por presidentes que assumiram o poder como por meio de golpes ou revoltas por aqueles que foram eleitos. Vale destacar ainda, que desde o início desse período somente um partido político exercia o poder sem permitir espaço para uma efetiva participação da oposição. No decorrer de sua história, o Paraguai não conseguiu estabelecer as instituições democráticas.

Francisco Solano López Carrillo, foi o segundo presidente constitucional da

República do Paraguai, exercendo o cargo de 1862 até sua morte em 1870, assim, nos anos seguintes, em torno do final de 1880 nasce dois grandes tradicionais e rivais partido político paraguaio, Partidos: Colorado e Liberal (Chiavenato, 1991; Moraes, 2003).

O Partido Liberal emergiu como uma força política no Paraguai durante um período conturbado de sua história, caracterizado pela guerra e pela instabilidade política. Este partido ficou associado ao estigma de traição devido às circunstâncias de sua formação e ascensão ao poder. Os Liberais, também conhecidos como legionários, eram vistos como oposição ao governo de López, líder do Paraguai na época. Para alcançar o poder, eles se aliaram às forças da Tríplice Aliança, composta por Brasil, Argentina e Uruguai, que estavam em guerra contra o Paraguai (Moraes, 2003).

Os legionários se destacaram por recrutar paraguaios para lutar nas legiões, o que lhes rendeu o apelido de "legionários". Esta aliança com as forças da Tríplice Aliança e sua participação nos exércitos que combatiam o Paraguai foram fundamentais para a sua posterior ascensão ao poder político. Em 1869, após a ocupação de Assunção pelas tropas brasileiras, os legionários foram colocados no governo provisório, lançando as bases para o futuro Partido Liberal. Sob a liderança de líderes como Cirilo Antonio Rivarola e Bernardino Caballero, o partido implementou reformas significativas, incluindo medidas para modernizar a economia paraguaia, promover a educação e expandir a infraestrutura do país (Moraes, 2003).

A ascensão do Partido Liberal ao poder marcou uma mudança significativa na política paraguaia, representando uma ruptura com o regime anterior e as políticas de López. No entanto, o estigma de traição associado à sua formação continuou a influenciar a percepção pública do partido e suas ações políticas subsequentes (Moraes, 2003).

Naturalmente impopular, o Partido Colorado tem sua origem muito parecida com a dos Liberais, porém mantém uma resistência psicológica aos conquistadores e se opõem aos legionários. Os dois partidos são filhos do latifúndio, se tornam popular quando estão no poder, fora dele são perseguidos; ambos entregam terras; se alinham ao imperialismo dominante e utilizam a violência como método (Moraes, 2003).

O Partido Colorado, um do mais influente partido político do Paraguai, foi estabelecido em 11 de setembro de 1887 por Bernardino Caballero, consolidando sua presença predominante na esfera política do país desde então. Reconhecido por sua estrutura hierárquica robusta, o partido foi liderado por figuras proeminentes como Alfredo Stroessner, cujo regime autoritário perdurou por mais de três décadas (Rolon, 2010).

Caracterizado por um estilo de governo centralizado e autoritário, o Partido

Colorado tornou-se conhecido por suas práticas clientelistas e nepotismo durante o período de Stroessner. Sob sua liderança, o partido exerceu amplo controle sobre a máquina estatal, garantindo sua continuidade no poder através de eleições fraudulentas e repressão política (Rolon, 2010).

Apesar de sua longa permanência no poder, o Partido Colorado enfrentou críticas devido à corrupção e à falta de transparência. No entanto, manteve uma base de apoio sólida em áreas específicas do país, especialmente nas zonas rurais (Rolon, 2010).

Entre 1904-1912, praticamente nenhum Presidente cumpre integralmente seu mandato, tendo sido deposto ou assassinado. Após esse conturbado período, os 10 anos seguintes tem uma certa estabilidade política em relação à Presidência da República. Porém esta estabilidade institucional não restabelece os princípios democráticos, considerando que apenas o Partido Liberal participava dos processos eleitorais. Nos anos seguintes, se caracteriza politicamente como um período de grandes e permanentes conflitos até o final de 1950: Guerra Civil de 1922 entre as duas facções do Partido Liberal, o Golpe Febrerista de 1936, a Guerra do Chaco e posteriormente, a Guerra Civil de 1947 (Moraes, 2003).

No período de 1936-1937, ocorreu a “Revolução Febrerista”, quando tiraram o Partido liberal do poder e se abre o caminho para o Partido Colorado. Durante 18 meses no poder, lançaram projeto de reforma agrária e o reconhecimento de direitos trabalhistas, o movimento Febrerista representa a insatisfação de setores militares nacionalistas com o resultado da Guerra do Chaco. Em agosto de 1937 os Liberais retornam ao poder, tendo como Presidente o General Estigarribia, porém o General morreu em um acidente. Em seguida, assume Higinio Morinigo que vai até 1947, contando com apoio intermitente do Partido Colorado.

Quando assumiu o governo em setembro de 1940, Higinio Morinigo inicia um novo processo de repressão às organizações operárias, decreta censura à imprensa e coloca o Partido Liberal na ilegalidade. Inicia assim, uma longa e violenta ditadura sem compromisso com qualquer partido político, tendo como base nas forças armadas. Em 1943 ocorre eleição para presidente com Higinio Morinigo sendo o único candidato e um país em estado de sítio na maioria do tempo, este período se constituiu em regime ditatorial, marcado pela violência e perseguição aos opositores, repressão aos trabalhadores e a manutenção de elementos de tendência nazi-facista. Quando eclode a Guerra Civil os colorados se unem ao governo, garantido assim sua vitória oficial (Moraes, 2003).

O Paraguai não consegue impulsionar o setor econômico, pois em decorrência do conflito mundial e mesmo com o aumento das exportações, as indústrias não correspondem à

realidade do período. Em relação a propriedade da terra, de acordo com o censo publicado pelo Serviço Interamericano fr Cooperação Agrícola (STICA):

[...] acusava que 48,5% dos lotes recenseados, tinham menos de 5 hectares. Dos 944.498 produtores agrícolas, somente 1.580 eram proprietários, 6.130 eram arrendatários e 70.247 eram simples posseiros, sendo que apenas 3,8% do território era cultivado, apesar de o país ser considerado agrícola. Em 71,8% das chácaras, não existiam arados de ferro e, em 48,6%, não tinha nem tipo de arado e de carreta” (Arce, 1988, p.251 *apud* Moraes, 2003 p. 32).

Em 1944 em decorrência do processo de concentração de terras e a permanente instabilidade política, o Paraguai não conseguia sair da miséria, desta forma vivendo com péssimas condições de vida, baixos salários e concentração dos meios de produção e, principalmente em protesto à lei de regulamentação das atividades sindicais, mesmo diante de forte repressão, os trabalhadores organizam uma greve geral. Paralelo a greve, crescia a mobilização pelo fim do estado de sítio, anistia geral, reconhecimento de partidos e uma Assembleia Constituinte (Moraes, 2003).

Em 1945, sob pressão das tensões sociais estimuladas pelo fim da Segunda Guerra Mundial, Morinigo iniciou a liberação política e social do país. Assim, sob forte pressão, organizou uma coalizão de governo entre o Partido Colorado e a Concentración Revolucionária Febrerista, conhecida também como a “primavera democrática”. A coalizão durou apenas 6 meses e com o rompimento das relações, os febreristas aliaram-se com o Partido Liberal e o Partido Comunista e com apoio de uma parte das forças armadas, organizando assim um levante com o intuito de derrubar o presidente colorado. Esta Guerra culminou com a vitória do presidente Morinigo e do Partido Colorado, marcando assim o início da hegemonia absoluta do Partido Colorado no comando do país (Moraes, 2003; Goiris, 2000).

A abertura permitida pelo Governo de Coalisção não resulta de um acordo ou consenso entre as várias frentes que resistiram e lutaram contra a ditadura militar, e longe de ser uma concessão do poder opressor. Na realidade a crise que o país vivia em decorrência do colapso prematuro de seu sistema repressivo, cuja força foi subitamente extinta sob a pressão de uma série de fatores internos e externos que estavam além de seu controle e desejos. Apesar da expectativa gerada, esse novo processo político não resulta na consolidação da ordem democrática desejada. Ocorreu justamente o contrário, e como consequência explode uma sangrenta guerra civil, cujas consequências trágicas afetaram tanto vencedores quanto perdedores (Ashwell, 2007).

Segundo Moraes (2003), com a coalização consolidada, durante seis meses, o

Paraguai consegue viver ares da democracia. Ocorre a organização sindical e de Partidos, inclusive o partido Comunista sendo legalizado, retorno de exilados e libertação de presos políticos. No entanto, essa situação não era tão tranquila, pois grupos com sentimento de se manterem no poder pela violência e truculência se organizavam, conhecidos como *Guión Rojo*, oriunda de uma facção do Partido Colorado, grupo armado semelhante às falanges (tinham uma organização política espanhola de inspiração fascista no período de 1913-1934) que atuavam na Espanha. Os guionistas eram tropas de choque bem treinadas com características violentas de suas ações: invasões de reuniões sindicais, agitações e enfrentamentos das reuniões estudantis e ataque aos participantes de manifestações de outros partidos. Nesse sentido, as organizações coloradas paramilitares, paralelas à Polícia e ao Exército, tentam transformar o autoritarismo em ditadura do Partido.

Em janeiro de 1947, se encontra um Paraguai cheio de confusões promovidas pelos guionistas e um governo que não esboçava nenhuma atitude para detê-los, pois se aproveitava também da situação. Diante de um quadro de extrema tensão, os febreristas se retiram do Governo de coalisão, assim como demais organizações políticas paraguaias, e por considerarem o Exército como verdadeiro juiz da política nacional, propõem que um gabinete militar assumisse o governo, acreditando ser essa única forma de garantir a realização das eleições previstas para aquele ano. Desta forma, no dia 14 de janeiro, Morinigo dissolve o governo, decreta o estado de sítio e nomeia um novo gabinete, sendo formado por colorados e militares, ao mesmo tempo que desencadeia um período de repressão aos febreristas, liberais e comunistas (Moraes, 2003).

Morinigo passa a ser considerado um dos mais autoritários Presidente do Paraguai, pois desorganiza a frágil estrutura social e econômica do país, assim como exerce um terror crescente contra a oposição. Seu governo se torna um grande retrocesso ao país, fechando escolas, por insuficiência de meios para mantê-las ou como forma de perseguir povoados. Como consequência, 40% da população infantil, entre 7 a 14 anos ficaram sem alfabetização. A moeda, em menos de cinco anos tem a desvalorização de mais de 500%, em decorrência da sua má gestão somado a herança da Guerra do Chaco, entre outras coisas. O sistema financeiro do país é alterado, criando novos problemas, e aliado à violenta repressão política, nutriu a anarquia, o descontentamento e a conspiração, gerando tudo isso a Rebelião de 1947, em Concepción (Chiavenato, 1991).

Gonzalez (2010), considera a Guerra Civil de 1947 como sendo uma das eras mais caóticas e anárquicas vivida pela república Paraguai, revolução essa que permitiu ao Partido Colorado de se estabelecer no poder por décadas, pois com o triunfo do partido, se dedicaram,

de acordo com as palavras do autor, a uma tarefa de canibalismo interno que divide e mergulha profundamente o Paraguai em um tremendo atraso econômico e social.

Morinigo, com a lealdade de alguns oficiais e apoio do Presidente argentino, recebe armas e munições, gerando um conflito conhecido como Revolução de 1947 ou Guerra Civil de 47, se estende até 19 de agosto do mesmo ano, com a vitória do Governo contra os rebeldes, tendo alguns combatentes presos e, porém, a maioria fugindo para Argentina (Moraes 2003).

Segundo Campos e Ferreira (2007), para entender a origem desse conflito civil armado, conhecido como Guerra Civil de 1947 ou Revolução de 1947, onde ocorreu centenas de mortes, milhares de detentos e cerca de 40 mil exilados, se deve reportar e entender o processo iniciado no final da Guerra do Chaco (1932-1935). Considerada uma história de confronto sangrento que dividiu os paraguaios por muito tempo e destacam que foi muito pouco divulgada até os dias atuais.

Em março de 1947, ocorreu o ataque de jovens febreristas a delegacia Central de Polícia e o Colégio Militar. O ataque, mesmo não sendo violento, poucas horas depois, o grupo é obrigado a se render às forças do governo. Liderada por militares febreristas, em Concepcion, a rebelião recebe rápidas adesões e desde o início recebem o apoio de estudantes, do Partido Comunista e, em seguida, dos Liberais (Moraes, 2003).

Para Chiavenato (1991), a Guerra Civil de 1947, não tinha na sua essência sentido político, era apenas uma revolta contra a tirania de Morinigo. Porém a condição de insatisfação social era tão grande que praticamente todo o Paraguai lutou. A capital sitiada e com muito mortos, Morinigo teve que deixar o poder e assim, se instala isoladamente as ditaduras do Partido Colorado.

Segundo Moraes (2003), a rebelião militar, com apoio de unidades militares localizadas no Chaco pretendiam derrubar a ditadura imposta por Morinigo. O país e as Forças armadas se dividem, a guerra civil se torna inevitável. Grupos políticos organizavam tropas não-regulares, em contrapartida o Partido Colorado organiza as milícias coloradas formadas pelos py nandis (em guarani significa camponeses descalços) que lutam em troca de promessas de distribuição de terras no final da guerra. Os camponeses bloqueavam as vias de acesso a Assunção evitando que rebeldes chegassem à capital. Se lidava ainda com o grupo *Guión Rojo*, considerado como “guarda urbano”, com autorização para buscar armas e munições, entrar nas residências dos simpatizantes ou suspeitas de simpatizarem com a rebelião. Essa situação gera na população total insegurança, assim como desrespeito aos direitos humanos. Esses atos, praticados pelas milícias coloradas e a própria polícia, são descritos em ofício da Embaixada Brasileira datada de 20 de maio de 1947:

[...]no bairro Sajonia, fechou-se o tráfego das ruas mais vinculadas à resistência rebelde, e todos homens válidos, que não estivessem absolutamente acima de qualquer suspeita ou não apresentassem carteira de filiação ao Partido Colorado, eram considerados ao cárcere.

(...) era comum se encontrarem, nas ruas, sujeitos algemados ou com as mãos amarradas para atrás, que uma pequena escolta conduzia ao cárcere, onde os mais visados pela cólera dos beaguins policiais – veteranos e improvisados – ou sofriam brutalidades, ou passavam pelo vexame da tortura, ora completa, ora parcial, ora em cruz, para dar à vítima um aspecto ridículo (Moraes, 2003, p. 35)

Controlada pelos guiones, instaura-se o pânico, o terror, a delação e a violência que tomam conta de Assunção. Inicia-se um período de terrível repressão e terror, a guarda urbana, representada pelo “Guión Rojo” revistava rua por rua em busca de opositores. Neste período, foram presos militares, civis, combatentes suspeitos de oposição (em torno de 4.000 pessoas), além de vários assassinados, entre eles, o Secretário Geral do Partido Febrerista (Moraes, 2003).

Com o retorno dos Colorados ao poder, se tornam os donos do Estado, controlam todos os empregos públicos e o Exército (somente oficiais colorados no comando militar) e ocorre a fuga de milhares de pessoas para a Argentina. A emigração em massa ocorre em consequência de questões políticas (fugiam da violência colorada) e questões econômicas, em decorrência da miséria que assolava o país (Moraes, 2003).

A minha família toda era perseguida, meus tios, meus irmãos, todos fugiram pra cá, uns foram pra Argentina e outros ficamos aqui. Passamos de canoa por Presidente Franco, pois não tinha a ponte ainda, a ponte estava para ser construída. Aqui nós já tínhamos vários parentes, tinha nossos tios que já tinham trabalho, então meu marido e eu decidimos ficar aqui, e um outro tio meu decidiu ir pra Argentina, conseguiu trabalho lá. Tanto é que nossa família tem sobrenome Gimenez, tem Gimenez argentino, tem Gimenez brasileiro e tem Gimenez paraguaio, se você vai lá por Corrientes e acha um Gimenez, esse é um dos nossos (risos). (Margarita Báez Gimenez, 83 anos, exilada em 1959, vinculada ao Partido Liberal) (Silva, p. 76, 2021).

Em 1953, período da Hegemonia do Partido Colorado ocorre a partidarização do Exército e Polícia, almejando obter e assegurar a lealdade desses segmentos, se fortalecendo com a filiação maciça dos militares ao Partido Colorado, determinada pelo Comandante Chefe das Forças armadas, Emilio Diaz de Vivar. Essa partidarização favorece a Alfredo Stroessner, tanto durante o processo de consolidação de sua ditadura como para se manter no poder, por

décadas. As mortes ocorridas no Paraguai durante a Guerra Civil estão estimadas em mais de trinta mil, entre civis e militares (Moraes, 2003).

Em 1954, quando Stroessner assume o poder, estavam exilados 500 mil cidadãos, a grande maioria por questões absolutamente políticas, uma outra parte por não ter condições de sobrevivência econômica. A ditadura de Stroessner aumenta enormemente este número. Chiavenato (1991) registra que em Buenos Aires viviam 800 mil paraguaios, se calcula que existiam 300 mil no Brasil e em torno de 200 mil espalhados por vários países, formando assim um total de 1 milhão e 300 mil paraguaios no exílio, outras estatísticas elevam esses números para 2 milhões, números esses que fazem frente a uma população interna no Paraguai de 3 milhões de habitantes. Ou seja, 43% da população de paraguaios estava no exílio, sem considerar seus filhos, nascidos na Argentina e no Brasil, que adquiriram nacionalidade desses países. Foi um conflito brutal que devastou o país e resultou em um dos maiores exílios da história proporcionalmente à população, com impactos duradouros na sociedade paraguaia. (Chiavenato, 1991).

O período da Guerra Civil de 1947 e da Ditadura Colorada foi marcada por fraudes eleitorais, forte repressão a opositores e crimes contra a humanidade, onde assassinatos, prisões ilegais, torturas, deportações e desaparecimentos estavam entre os principais delitos. E nas pessoas deportadas os traumas adquiridos foram profundos. Essas instabilidades criaram um clima de insegurança política e econômica no país (Doratioto, 2015).

No período de 1947 a 1989, o Paraguai viveu sob a hegemonia do Partido Colorado e uma ditadura militar liderada por Alfredo Stroessner. O Paraguai foi governado por um sistema de partido único, representado pelo Partido Colorado, que desfrutou do mais longo governo na América Latina. Essa era caracterizada por um controle rígido do Estado, com repressão política, censura e violações dos direitos humanos. O governo Stroessner consolidou um regime autoritário que governou o país com “mão de ferro”, silenciando qualquer forma de oposição e mantendo o poder através de eleições fraudulentas (Moraes, 2003).

Após a queda do regime de Stroessner em 1989, o Partido Colorado confrontou desafios de outros partidos e movimentos políticos emergentes, mas continuou a desempenhar um papel central na política paraguaia. Este período pós-Stroessner marcou uma fase de transição e competição política, que moldou significativamente a trajetória política subsequente do país, passando por um período de transição política. Stroessner foi deposto em 1989 por um golpe liderado pelo General Andrés Rodríguez, membro do Partido Colorado. Após a queda de Stroessner, Rodríguez assumiu o poder e se tornou presidente do Paraguai. Ele liderou o país durante um período de transição para a democracia e implementou várias reformas políticas e

econômicas. Andrés Rodríguez permaneceu no cargo de presidente até 1993, quando foi sucedido por Juan Carlos Wasmosy, membro também do Partido Colorado que se tornou o primeiro presidente eleito democraticamente no Paraguai após o fim do regime de Stroessner (Flecha; Martini, 1994).

Após Juan Carlos Wasmosy, vários presidentes do Partido Colorado foram eleitos, mantendo a continuidade do domínio desse partido na política paraguaia. Em 2008, essa hegemonia foi finalmente quebrada com a vitória de Fernando Lugo, candidato da Aliança Patriótica, nas eleições gerais. Isso marcou um ponto de inflexão na política paraguaia, representando uma mudança significativa no cenário político do país após décadas de domínio do Partido Colorado e do regime autoritário.

A eleição de Fernando Lugo no Paraguai em 2008 foi resultado de uma série de fatores políticos, sociais e econômicos que convergiram para uma mudança significativa no cenário político do país. Após décadas de governo autoritário liderado pelo Partido Colorado e a ditadura de Stroessner, cresceu um amplo descontentamento popular devido à falta de liberdades políticas, abusos de direitos humanos e corrupção no governo. Esse descontentamento foi alimentado pelo aumento da mobilização dos movimentos sociais e da oposição política, que clamavam por reformas democráticas e mudanças no sistema político vigente. Fernando Lugo conseguiu capitalizar esse sentimento de insatisfação ao unir diferentes setores da oposição em uma ampla coalizão conhecida como Aliança Patriótica para a Mudança. Sua plataforma política prometia combater a corrupção, promover a justiça social, implementar reformas agrárias e fortalecer a democracia. Além disso, o apoio da comunidade internacional, incluindo organizações regionais como o Mercosul e a OEA, reforçou a legitimidade do processo democrático no Paraguai e incentivou eleições livres e justas. Assim, a eleição de Fernando Lugo representou uma resposta ao anseio popular por mudança e democracia, encerrando décadas de domínio de um único partido político e abrindo caminho para uma nova era na política paraguaia (Albuquerque; Andrade; Cardeal, 2016).

As instabilidades internas reproduziam um clima de insegurança, perseguições, e, neste contexto esse fluxo construiu o trânsito transfronteiriços da territorialidade paraguaia. Este movimento gerou um enorme movimento de desterritorialização nos paraguaios que se mudaram para o Brasil e outros países da América Latina (Mondardo, 2013).

4.3 A Guerra e os impactos na vida e na sociedade contemporânea

As guerras têm um impacto profundo nas vidas das pessoas e nas sociedades

afetadas por elas. Os traumas resultantes das guerras podem ser tanto físicos quanto psicológicos, e suas consequências podem persistir por gerações. Elas podem gerar trauma físico, psicológico, deslocamento forçado e refúgio, destruição de economias, perdas de vidas, entre outros. No campo dos estudos culturais, compreender esses efeitos pode ser importante para entender como as culturas se adaptam, mudam ou resistem ao longo do tempo, como as narrativas culturais são transmitidas através das gerações e como a memória coletiva de um grupo pode ser moldada pelas experiências passadas.

Nos estudos culturais, o conceito de poder emerge como uma força central que permeia todas as análises e investigações, influenciando dinâmicas sociais, políticas e identitárias em uma sociedade. Ao examinar o papel do poder, é fundamental considerar as contribuições de teóricos importantes, como Stuart Hall (2014), cujo trabalho foi crucial na análise crítica das estruturas de poder em uma sociedade.

Hall (2014) adotou uma abordagem interseccional e sensível ao contexto histórico para entender como o poder opera nas relações sociais e culturais, destacando sua influência na construção de identidades, representações e significados na sociedade contemporânea. Suas análises não apenas revelam as formas pelas quais o poder é exercido e contestado, mas também enfatizam a importância de considerar as complexas interações entre poder, cultura e identidade.

Ao examinar o poder em uma perspectiva cultural, é essencial reconhecer que ele não é apenas uma estrutura hierárquica, mas também está presente nas práticas cotidianas, nas representações simbólicas e nas dinâmicas de dominação e resistência. Hall (2014) argumenta que o poder não é estático, mas dinâmico e negociado, sendo constantemente remodelado e contestado por diferentes grupos e indivíduos na sociedade.

As relações de representação e hegemonia, Hall (2014) examinou como o poder influenciava através da representação simbólica a cultura, a mídia, televisão, publicidade e outras formas de comunicação. Desenvolveu a noção de "hegemonia cultural", que se refere a dominação ideológica de um grupo ou classe sobre outros, exercida através da imposição de valores, crenças e narrativas culturais dominantes. Enfatizou que o poder não era apenas coercivo, mas também opera de forma sutil, moldando as percepções e valores das pessoas através da cultura.

As identidades consistem em processos de diferenciação, onde certos grupos são estigmatizados ou marginalizados em relação a outros. As identidades não são essências fixas, mas sim construções fluidas e em constante transformação, influenciadas por relações de poder. Na Cultura e subculturas também teve reflexões sobre o poder, pois na cultura popular era vista

como um espaço de resistência e de luta por significado. Nas subculturas, como a cultura dos jovens ou grupos minoritários, podem ser uma forma de resistência cultural contra a hegemonia dominante. Essas subculturas criam novas formas de identidade e significado que desafiam o poder estabelecido (Hall, 2014).

No contexto histórico e político, Hall (2014), ao considerar o poder em uma sociedade, o fez levando em conta o contexto histórico e político em que as relações de poder se desenvolvem. Reconhece a importância de entender as mudanças sociais, políticas e econômicas que moldam o exercício do poder e suas manifestações culturais.

Claval (1979) propõe que o poder se manifesta em sua forma mais pura quando está associado a um controle constante e a uma vigilância permanente, originando-se, por sua vez, do constrangimento físico. Por outro lado, Raffestin (1993) argumenta que o poder busca exercer controle e dominação sobre tanto os indivíduos quanto sobre os objetos.

Essas perspectivas destacam a natureza intrínseca do poder como uma força que busca impor sua vontade e influenciar o comportamento e as relações na sociedade. Claval enfatiza a importância do controle e da vigilância como mecanismos essenciais para o exercício do poder, enquanto Raffestin destaca a dimensão do poder como uma ferramenta de controle e dominação sobre os seres humanos e seu ambiente.

Ao considerar essas visões, é possível compreender o poder como uma força dinâmica que permeia diversas esferas da vida social e política, moldando as relações de poder e autoridade. Essas concepções também ressaltam a complexidade do poder como um fenômeno multifacetado, que pode se manifestar de maneiras diferentes em diferentes contextos e instituições.

Maira *et al.*, (1982) discorrem sobre o poder, como esse surge e se fortalece, destaca que a violência física é a última instância. Com a ameaça de morte se determina a vida. Para os autores não ocorre a necessidade efetiva e constante da violência física, basta sua ameaça efetiva. A violência deve ser considerada como um evento imprevisível e possível, que a qualquer hora e lugar pode ocorrer. Para caracteriza-lo mais ainda, deve ser um ato impune, com um segredo aparente ou um decreto de anistia, desta forma a sensação que se tem que ninguém sabe se comete um delito, se será demitido, torturado ou desaparecido.

Segundo Raffestin (1993), o conflito de dois Estados pela posse de uma região não é apenas um conflito pela aquisição de um pedaço de território, mas também pelo que ele contém de população e\ou de recursos. Esse processo migratório não apresenta só um processo de deslocamento, a fronteira tem seu papel importante para podermos entender e pontuar esse estudo sobre o fluxo dessas pessoas, há de ser analisados todas as questões que são as

consequências da migração, inclusive para se estabelecer o poder.

No abuso de poder por parte do Estado, isso quando o Estado ou seus agentes usam seu poder para exercer controle e coibição sobre os cidadãos. Pode acontecer em contextos de regimes autoritários, estados de emergência ou situações de conflito armado, onde as autoridades têm amplos poderes para suprimir os dissidentes e oposição político. Neste caso, a tortura seria uma forma extrema de violência e violação dos direitos humanos, frequentemente associada ao abuso de poder por parte do Estado ou de outras autoridades.

Segundo Maira *et al.*, (1982), a tortura é uma expressão privilegiada da violência, acompanhada de um terror latente, sempre presente. Ao interiorizar este saber, ou seja, a antecipação subconsciente do horror, canaliza o poder. Com a tortura, ocorre a violência invisível de ordem autoritária, é o ato que garante a ordem em ação e vigência da estrutura social, pois com ela ocorre o desemprego, a fome, a miséria, a solidão, já que as condições sociais fazem parte de uma sistemática ameaça da morte. “O corpo é o espaço onde se generaliza a norma abstrata. A tortura dá a conhecer a norma, para que o corpo sirva de memória” (Maira *et al.*, p. 149, 1982).

Discutem a tortura como a marca da propriedade do poder, pois com ela o poder diferencia e discrimina, marca a exclusão do ser humano. Assim, consideram a distinção do amo ao servo é justamente sobre aquele que não tem marcas. A tortura condena e reduz o mundo dos sem poder fazendo com que o torturado não seja apenas um derrotado e humilhado; mas sim o torna outra pessoa e, em determinadas pessoas, gera uma crise que leva à perda de identidade. “A incerteza corrói a identidade. O preso, sabendo dos desaparecimentos, nunca sabe seu futuro: é transferido de uma prisão secreta a outra, sem que nunca anunciem para onde vai (Maira *et al.*, 1982, p. 150).

Nos estudos culturais, a intersecção entre tortura, memória, silêncio e ressentimento constitui uma área de pesquisa crucial que lança luz sobre as complexidades das experiências individuais e coletivas em contextos de violência e opressão. A tortura, como forma extrema de violência, não apenas inflige dor física, mas também deixa marcas profundas na psique das vítimas e na memória coletiva da sociedade. A memória desempenha um papel fundamental na perpetuação do trauma e na construção de narrativas de resistência e sobrevivência. O silêncio, muitas vezes imposto pelas estruturas de poder, é tanto uma estratégia de controle quanto uma forma de proteção e preservação da dignidade. No entanto, o silêncio também pode ser um espaço carregado de ressentimento e dor não expressa, que ecoa através das gerações. Ao explorar esses temas sob uma perspectiva crítica e interdisciplinar, os estudos culturais

oferecem insights valiosos sobre como as práticas culturais refletem e perpetuam relações de poder desiguais, e como a resistência cultural pode servir como uma forma de confronto e transformação social.

Squinelo (2016) argumenta que a historiografia é um reflexo das relações de poder que permeiam os eventos históricos. Ressalta que, se os historiadores não documentarem esses eventos, eles correm o risco de serem esquecidos ou silenciados na arena política em que ocorrem os debates. Isso é corroborado pela observação de Michelle Perrot de que a história só pode responder às perguntas que lhe são feitas; se não houver questionamentos, não haverá respostas. Nos arquivos públicos, que são locais privilegiados de pesquisa histórica, existem lacunas significativas, onde as narrativas das mulheres estão ausentes. Geralmente, elas são destacadas apenas quando envolvidas em eventos de desordem ou quando desafiam as normas estabelecidas. No entanto, esse silenciamento não se restringe apenas às mulheres; muitos outros grupos sociais, inclusive homens, também são marginalizados na historiografia tradicional. Segundo Perrot, é essencial reconhecer essas lacunas e buscar preencher os vazios na narrativa histórica, a fim de promover uma compreensão mais completa e inclusiva do passado.

Bresciani (2014, p. 15) destaca que “é preciso considerar os rancores, as invejas, os desejos de vingança e os fantasmas da morte, pois esses são os sentimentos que representa o termo ressentimento”. Esses sentimentos representam uma dimensão complexa das experiências humanas, influenciando profundamente as interações sociais e as relações de poder.

Conforme Beatriz Sarlo (2007) argumenta, é através da memória que o passado se faz presente. Essa afirmação ressalta a importância da memória na construção da identidade individual e coletiva, assim como na compreensão e interpretação dos eventos passados. Primeiramente, a memória permite que eventos, experiências e emoções do passado sejam revividos e reconstruídos no presente. Ela atua como um mecanismo pelo qual os indivíduos e as comunidades mantêm uma conexão com suas histórias pessoais e coletivas, garantindo que o passado não seja esquecido ou negligenciado.

Além disso, a memória molda a forma como percebemos e entendemos o mundo ao nosso redor. Ela influencia nossas crenças, valores e identidade, pois somos moldados por nossas experiências passadas e pelas narrativas que construímos a partir delas. Assim, a memória não apenas nos conecta ao passado, mas também molda nossa percepção do presente e influencia nossas decisões e ações futuras (Sarlo, 2007).

Por fim, a memória desempenha um papel crucial na construção e na transmissão

da história. É através da memória que as histórias são contadas e preservadas ao longo do tempo, transmitindo tradições, valores e conhecimentos de geração em geração. Portanto, podemos dizer que é através da memória que o passado se faz presente, pois é ela que mantém viva a história e a identidade das sociedades humanas (Sarlo, 2007).

A sobrevivência das classes dominantes percorre entre uma massa anônima, que não observa e nem escuta, não pensa nem esboça uma reação. Nesse sentido, o silêncio passa a ser uma ação afirmativa, pois nele se entrecruzam a sobrevivência do dominado e os interesses do poder. Viver em uma sociedade autoritária implica em não somente permanecer em silêncio, mas reprimir qualquer ação que possa ser plausível de castigo (Maira *et al.*, 1982).

A miséria e o temor têm vergonha de aparecer e são-primos irmãos do silêncio. O silêncio revela-se, de um lado, como forma de ocultar, e de outro como incapacidade, provocando uma práxis inversa: não nomeando aquilo que não se quer finalmente saber. É a recusa instintiva a uma lucidez estéril e dolorosa. Recusa-se um saber que não proporciona os instrumentos necessários para negar a situação de miséria. Para que conhecer uma situação na qual não se pode influir, que não se pode transformar [...] (Maira *et al.*, 1982, p. 155).

Nesta prática inversa, se considera o silêncio tão opaco como expressivo, sendo nada fácil de escutá-lo, pois o silêncio expressa um desejo de esquecimento ou simplesmente a falta de comunicação pura. Maira *et al.*, (1982) ressaltam que o ruído do rádio a todo volume, assim como a televisão, são formas claras de como as pessoas estabelecem o silêncio, pois dessa forma rompem circuitos de significados compartilhados. Citam como exemplo que uma família, mesmo vivendo em um momento miserável o último bem que vendem é o aparelho de televisão; pois é ela que lhes dá um pouco de ópio. Pois é a televisão, que imparcialmente instalada atua como silêncio, ela representa na sua totalidade a falta de comunicação da realidade própria dos dominados.

Segunda Maira *et al.*, (1982) uma das formas de resistir à violência e à opressão é por meio da memória. Recordar não é simplesmente voltar ao passado, mas sim reconstruir a história, projetar-se para o futuro e construir um novo caminho. Torna-se uma ação coletiva de recriação quando, por meio do compartilhamento de histórias, o passado é reafirmado e as experiências são compartilhadas não como meras biografias, mas como uma recusa ao esquecimento dos fatos e uma aceitação das dores vividas. Dessa forma, fazer memória é uma tentativa de compreender as feridas e explicar as cicatrizes, é um ato de tomar consciência do passado para que as experiências dolorosas não se percam no tempo, mas sim sejam reconhecidas e valorizadas como parte integrante da trajetória individual e coletiva. Ao abraçar

a memória como uma ferramenta de resistência e resiliência, os sujeitos podem encontrar forças para enfrentar as adversidades e construir um futuro mais justo e digno.

Beatriz Sarlo (2007), investiga a interação entre memória, conhecimento e reminiscências do passado. Propõe que a memória desempenha um papel essencial na construção do conhecimento histórico e na formação da identidade individual e coletiva. A autora argumenta que as lembranças do passado não são meros registros objetivos dos eventos históricos, mas sim construções sociais e culturais influenciadas pela interpretação subjetiva dos indivíduos e pelos discursos predominantes na sociedade. Examina como as reminiscências do passado são moldadas e negociadas em diversos contextos políticos, sociais e culturais, e como essas lembranças são utilizadas para promover agendas políticas ou para contestar narrativas hegemônicas.

Para Le Goff (2013, p. 435), a “[...] evolução da sociedade, na segunda metade do sec. XX, elucida a importância do papel que a memória coletiva desempenha”. Nesse contexto, a memória coletiva emerge como um elemento fundamental na construção da identidade e na compreensão do passado, presente e futuro de uma sociedade. Através da memória coletiva, grupos sociais constroem narrativas compartilhadas que permitem a preservação e transmissão de experiências, valores e tradições ao longo das gerações. Além disso, a memória coletiva desempenha um papel crucial na consolidação da coesão social, promovendo o senso de pertencimento e solidariedade entre os membros de uma comunidade. Ao reconhecer a relevância da memória coletiva, torna-se possível compreender melhor os processos sociais, políticos e culturais que moldam as sociedades contemporâneas e suas dinâmicas de transformação ao longo do tempo.

Como consequência da violência, se deve considerar a destruição e opressão da memória coletiva, porém a memória individual é transmitida de geração para geração, assim o longo silêncio não significa esquecimento dos fatos, mas gera uma resistência a discursos de opressão. Nesse sentido, o silêncio se torna “[...] uma autodefesa; oculta o assassinato, oculta o assassino impune, oculta o que sabemos sobre o assassinato e o assassino. O Silêncio é uma estratégia de sobrevivência, numa sociedade repressiva [...]” (Maira et al., 1982, p. 155).

O conceito de "dever de memória", proposto por Pierre Nora, representa um marco fundamental na discussão sobre o papel da memória coletiva na construção da identidade nacional e na compreensão dos eventos históricos. Em seu trabalho, Nora enfatiza que a memória não é apenas uma questão individual, mas também uma responsabilidade compartilhada pela sociedade como um todo. Ele argumenta que, especialmente em relação a períodos de conflito e violência, como a Segunda Guerra Mundial, há uma obrigação moral e

política de preservar a memória desses eventos.

Essa obrigação decorre não apenas do desejo de homenagear as vítimas e reconhecer seus sofrimentos, mas também de garantir que a história não seja distorcida ou esquecida. Nora sugere que a memória coletiva desempenha um papel crucial na formação da identidade nacional, fornecendo um quadro de referência compartilhado que une os membros de uma comunidade em torno de valores, tradições e narrativas comuns (Nora, 1993).

Além disso, Nora (1993) argumenta que confrontar os eventos traumáticos do passado é essencial para o processo de cura e reconciliação. Ignorar ou minimizar esses eventos pode levar a cicatrizes emocionais duradouras e perpetuar divisões dentro da sociedade. Portanto, o "dever de memória" não é apenas uma questão de respeito pelas gerações passadas, mas também uma necessidade urgente para construir um futuro mais justo e pacífico.

Nesse sentido, o conceito de "dever de memória" tem implicações não apenas para historiadores e acadêmicos, mas também para governos, instituições culturais e toda a sociedade. É essencial reconhecer e confrontar os eventos traumáticos do passado, não apenas como um ato de lembrança, mas como um compromisso contínuo com a justiça, a verdade histórica e a construção de uma sociedade mais solidária e inclusiva (Nora, 1993).

A perda gradual e o desaparecimento das lembranças do passado, até que sejam completamente apagadas, são temas explorados em várias obras literárias, incluindo "Cem Anos de Solidão", de Gabriel García Márquez (2014), e nos estudos do neurocientista Alexander Luria.

No contexto de "Cem Anos de Solidão", o protagonista, José Arcadio Buendía, enfrenta um declínio gradual de sua memória e identidade. Ele passa por um processo em que esquece o nome dos filhos, dos objetos e até mesmo de seu próprio povo, até que sua consciência de si mesmo se apague por completo. Esse retrato simbólico da perda de memória reflete não apenas a experiência individual de José Arcadio Buendía, mas também pode ser interpretado como uma metáfora da deterioração da memória coletiva ao longo do tempo, especialmente em sociedades que enfrentam mudanças históricas turbulentas (Garcia, 2014).

Por outro lado, Alexander Luria, em seus estudos neurocientíficos, descreve casos reais de pacientes que perderam parte ou a totalidade de suas memórias devido a lesões cerebrais ou condições neurológicas. Em sua obra "O Homem com uma Memória" (1972), Luria apresenta o caso de um paciente chamado Solomon Shereshevsky, que tinha uma memória extraordinária, mas que experimentava dificuldades em dar sentido às suas lembranças e em relacioná-las de forma coerente. Essa luta para recuperar o passado e construir um futuro é exemplificada pela desconexão entre as impressões e acontecimentos na vida de

Shereshevsky, ilustrando os desafios enfrentados por indivíduos que sofrem de perda de memória.

Em suma, tanto na literatura quanto na ciência, a perda de memória é explorada como um tema complexo que reflete não apenas a fragilidade da mente humana, mas também questões mais amplas sobre identidade, história e narrativa pessoal. Essas obras nos convidam a refletir sobre a importância da memória na construção de nossa compreensão do mundo e de nós mesmos.

Na abordagem científica, considera-se que, apesar da diversidade e contradições nos sofrimentos experimentados ao longo da vida de cada indivíduo, os eventos em que estes atuaram como agentes ou vítimas não são facilmente esquecidos. Halbwachs (2013) argumenta que a memória não é um fenômeno isolado, mas sim um processo social que é influenciado pelo contexto coletivo em que ocorre os eventos. No contexto dos ressentimentos e eventos traumáticos, sugere que, mesmo que as pessoas tentem suprimir ou esquecer memórias dolorosas, esses eventos continuam a ecoar na memória coletiva de uma sociedade. Ele destaca que a lembrança desses eventos é perpetuada por meio de rituais, narrativas culturais e monumentos memoriais, que funcionam como meios de preservar e reafirmar a identidade coletiva. Portanto, sua análise fornece insights relevantes sobre como os ressentimentos e eventos traumáticos são retidos e integrados à memória coletiva de uma sociedade, apesar dos esforços individuais para suprimi-los ou esquecê-los.

A historiadora Sandra Jatahy Pesavento, reconhecida por suas significativas contribuições nos campos dos estudos culturais e da história social, desenvolve análises precisas sobre a emoção do ressentimento em contextos sociais e culturais diversos. Dentro dos estudos históricos e culturais, Pesavento (2008) aborda o ressentimento como uma resposta multifacetada a injustiças percebidas, desigualdades sociais e traumas históricos. Sua pesquisa investiga meticulosamente como o ressentimento pode ser mobilizado como uma força política e social, desempenhando um papel crucial na alimentação de movimentos de resistência e transformação social.

Ademais, Pesavento (2008) se dedica à exploração das representações e negociações do ressentimento em uma variedade de formas de expressão cultural, incluindo literatura, arte e mídia. Através de uma análise minuciosa, ela examina como as narrativas culturais espelham e moldam as emoções coletivas, oferecendo insights valiosos para a compreensão das respostas de uma sociedade frente às injustiças e conflitos. Esse enfoque permite uma compreensão mais profunda das dinâmicas emocionais e sociais que permeiam a experiência humana em contextos históricos e culturais específicos.

Segundo Le Goff (2013), é importante entender que o passado não se confunde com a história em si, mas sim é um dos seus objetos de estudo. Da mesma forma, a memória não é simplesmente equivalente à história, mas é também um dos seus objetos e, ao mesmo tempo, um nível fundamental de construção histórica. Essa distinção ressalta a complexidade da relação entre passado, memória e história, destacando que a memória desempenha um papel essencial na interpretação e na (re)construção dos eventos passados. Dessa forma, ao considerar a memória como um elemento essencial da elaboração histórica, torna-se possível compreender melhor como as narrativas do passado são moldadas e reinterpretadas ao longo do tempo, refletindo não apenas os eventos em si, mas também as percepções e significados atribuídos a eles em diferentes contextos históricos e culturais.

Na perspectiva de Pierre Nora (1993), a "Guerra de Memórias" tem como objetivo principal a afirmação e revisão das memórias coletivas e dos ressentimentos gerados pelos eventos históricos. Um exemplo elucidativo dessa dinâmica pode ser observado nas duas forças políticas que emergiram após o término da Segunda Guerra Mundial na França.

Por um lado, o governo do general De Gaulle procurava, em suas festas e cerimônias oficiais, promover a ideia de continuidade da nação francesa para além das guerras e das diferenças internas. Nessa narrativa, os gauleses descreviam o combate popular pela justiça social e pela glória dos dirigentes comunistas como elementos essenciais para a preservação da identidade nacional (Nora, 1993).

Por outro lado, os Partidos Comunistas, em seus registros e manifestações, enalteciam a resistência comunista e o papel da União Soviética na vitória aliada. Nesse contexto, surgem novos ressentimentos: os gaullistas acusavam os comunistas de submissão em relação a Moscou, enquanto os comunistas acusavam os gaullistas de dependência em relação à burguesia capitalista (Nora, 1993).

Essa polarização política e ideológica alimentava uma guerra de narrativas e ressentimentos, onde cada grupo procurava afirmar sua versão dos eventos históricos e denunciar as supostas falhas e traições do outro lado. Esse conflito não apenas refletia disputas de poder e ideológicas, mas também moldava as percepções da memória coletiva e influenciava a construção da identidade nacional francesa pós-guerra (Nora, 1993).

A manipulação da história e a censura política, fenômenos frequentemente observados ao longo do século XX, foram abordados por Hobsbawm em suas obras. Hobsbawm (1995), onde destacou como os regimes autoritários e totalitários, especialmente os fascistas e comunistas, distorceram sistematicamente a narrativa histórica para servir aos seus interesses políticos e ideológicos. Isso envolveu a exclusão de eventos ou personagens históricos das

narrativas oficiais, a reinterpretação de fatos históricos para promover ideologias específicas e a censura de obras consideradas subversivas. Ademais, o autor analisou como a literatura, arte e academia foram sujeitas a reescritas e censuras, demonstrando como livros foram editados ou proibidos e intelectuais foram perseguidos por expressarem opiniões contrárias aos regimes dominantes. Oferece uma compreensão profunda das dinâmicas políticas e culturais que influenciaram a interpretação da história durante o século XX, sendo uma contribuição significativa para o estudo da memória coletiva e da manipulação política da narrativa histórica.

Na Segunda Guerra Mundial, livros foram queimados, depois eliminados das bibliotecas com a finalidade de apagar os registros da história. Em outro momento, se resolveu eliminar seres humanos, depois tentaram negar os fatos apagando os erros, impedimento da reconstrução dos eventos, criar barreiras para a contagem das vítimas, por fim impedir as lembranças.

Conforme testemunhado por Simon Wiesenthal (1979), escritor, caçador de nazistas e sobrevivente do Holocausto, relata que os perpetradores nazistas buscavam apagar sistematicamente a memória das vítimas, negando-lhes a possibilidade de dar testemunho dos horrores vivenciados. Wiesenthal relata que os algozes frequentemente ameaçavam os sobreviventes, declarando que nenhum deles seria capaz de relatar os eventos e que, mesmo que alguém escapasse, suas palavras não seriam acreditadas pelo mundo.

Essa citação de Wiesenthal destaca a complexidade e a dificuldade de lidar com um passado marcado por tentativas deliberadas de apagamento e negação. Ela sugere que a reconstrução da identidade e da narrativa pessoal após um trauma tão intenso não se limita apenas à recordação de fatos esquecidos, mas sim à difícil tarefa de reafirmar a própria existência em face da negação e da indiferença.

O Holocausto representou um dos episódios mais sombrios da história da humanidade, e suas repercussões continuam a ecoar profundamente até os dias atuais. Os sobreviventes enfrentam não apenas os traumas físicos e emocionais decorrentes do genocídio, mas também o desafio de compartilhar suas experiências em um contexto de negação e revisionismo histórico.

Portanto, renascer de um passado que foi deliberadamente apagado é uma tarefa agigantada, que envolve uma jornada emocional e psicológica de reconstrução da identidade e confrontação do trauma. É um testemunho da resiliência e da força humanas diante das adversidades mais extremas.

A guerra de memórias transcende as esferas individuais e se estende às relações entre diferentes grupos sociais e seus contextos históricos. Isso engloba não apenas as vítimas

diretas dos eventos traumáticos, como as famílias das vítimas de guerra e deportação, mas também os resistentes e grupos de resistência, juntamente com suas famílias. Esses grupos têm suas próprias narrativas e memórias a preservar, muitas vezes influenciadas por suas experiências pessoais e pela forma como são retratados na sociedade. Assim, a guerra de memórias representa uma luta contínua pelo reconhecimento e validação das experiências de diferentes grupos afetados pelos eventos traumáticos, influenciada por uma variedade de fatores sociais, políticos e históricos (Nora, 1993).

Na construção desse contexto opressor e fechado, caracterizado por um silêncio ensurdecedor e pela falta de comunicação, emerge outro fenômeno, especialmente entre os jovens: o tédio. Esses intrincados sentimentos se somam à falta de perspectiva em relação à educação e ao trabalho, suscitando questionamentos sobre como criar algo próximo da reinvenção. O fenômeno do tédio leva as pessoas a buscar diversas formas de escapismo e negação da realidade, como o uso de álcool e drogas, que contribuem para a transformação da percepção da realidade, despertando sonhos e a ilusão de saciedade (Maira *et al.*, 1982).

Além das questões emocionais discutidas anteriormente, como o tédio, a falta de perspectiva e o isolamento, a fome também desempenha um papel significativo na construção do sofrimento humano em contextos de opressão. A fome não apenas priva os indivíduos de suas necessidades básicas de subsistência, mas também afeta profundamente sua autoestima e identidade. Quando alguém não consegue garantir sua própria sobrevivência, sua sensação de utilidade e autovalorização é comprometida, pois sua capacidade de prover para si mesmo e para sua família é prejudicada.

Nesse sentido, o poder opressor exerce uma influência devastadora sobre a personalidade desses indivíduos, levando-os a se sentirem desamparados e impotentes diante das condições adversas impostas sobre eles. Essa privação econômica e social não apenas causa sofrimento físico, mas também abala a identidade dessas pessoas, tornando-as mais vulneráveis à manipulação e à exploração por parte das estruturas de poder dominantes. Em contextos de migração e deslocamento, essa vulnerabilidade pode se manifestar de forma ainda mais intensa, tornando esses indivíduos alvos fáceis para se tornarem "bons emigrantes", sujeitos obedientes e conformados às exigências do sistema opressor (Maira *et al.*, 1982).

Na migração e no contexto de refugiados, a memória pode desempenhar um papel crucial. Os migrantes e refugiados frequentemente carregam consigo memórias de suas terras de origem, culturas, tradições e histórias familiares. Essas memórias podem ser uma fonte de conexão com suas identidades culturais e um meio de preservar sua história e herança em novos contextos. Os migrantes e refugiados também podem enfrentar a necessidade de permanecer

em silêncio sobre suas experiências traumáticas, como a perseguição, a violência ou perda, por medo de represálias ou preconceitos, assim como podem encontrar barreiras linguísticas e culturais que dificultam a expressão de suas experiências e necessidades em suas novas comunidades.

Ao analisar esses elementos, como memória, silêncio e ressentimento, como estão entrelaçados e geram consequências profundas para os sujeitos e as comunidades afetadas pela migração e pelo refúgio. A relação entre memória, silêncio e ressentimento pode afetar a adaptação, a identidade, a saúde mental e o bem-estar dos migrantes e refugiados.

Na esfera dos Estudos Culturais e da pesquisa acadêmica, a discussão em torno das experiências de migrantes e refugiados vai além da mera descrição de eventos ou circunstâncias, buscando penetrar nas camadas mais profundas das dinâmicas sociais e culturais que os envolvem. É essencial compreender como a cultura, os discursos sociais e as estruturas de poder influenciam não apenas a percepção externa desses grupos, mas também como eles mesmos se veem e se situam em relação às suas próprias trajetórias e identidades.

Essa abordagem interdisciplinar permite analisar como os migrantes e refugiados são representados e estigmatizados na sociedade receptora, bem como os efeitos dessas representações em sua autoimagem e senso de pertencimento. Além disso, investiga-se como as narrativas culturais e os discursos dominantes moldam as interações entre esses grupos e as estruturas de poder instituídas, influenciando suas oportunidades, acesso a recursos e experiências de exclusão ou marginalização.

Os deslocamentos migratórios humanos ocorrem desde o início da evolução da espécie humana, faz parte do instinto humano se deslocar de um lugar a outro. Quando esse deslocamento se faz de um Estado soberano para o outro, se tem o fenômeno conhecido como fluxo migratório internacional (Urquiza, 2018).

Por meio de políticas migratórias, no decorrer dos tempos as fronteiras de alguns Estados se fecharam, por meio de políticas migratórias pautadas na segurança nacional, se buscava evitar imigração de pessoas em seus territórios. Nesse sentido, esse fechamento e enrijecimento de políticas anti-imigração, esses grupos de pessoas vulneráveis passam a sofrer inúmeras violações de direitos humanos. Entretanto, as normas internacionais possibilitam que uma pessoa tenha o direito de migrar e firmar moradia em qualquer país do mundo (Urquiza, 2018).

Com a globalização, se discute os impactos causados pelos fluxos migratórios, a causas e consequências desses deslocamentos, ocorre de forma multidisciplinar, considerando

que o estudo do deslocamento de seres humanos engloba análises de aspectos jurídicos, políticos, sociais e culturais (Urquiza, 2018).

Urquiza (2018) destaca dois tipos de migração: a voluntária, quando a decisão de migrar ocorre de forma voluntária pelo sujeito, se leva em conta a conveniência pessoal e sem a intervenção de um fator externo. Na Migração forçada o elemento de escolha do deslocamento é inexistente ou minimizado. Nesta classificação existe diversas situações que induzem uma pessoa a migrar, destaca o refugiado como a principal categoria de migrante forçado, cuja definição consta no item 2, do Artigo 1º da Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados (1951) como aquele que:

Temendo ser perseguido por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país da sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele.

A definição jurídica e política de refugiados se reporta ao contexto da Europa do pós-guerra. A Partir da Convenção Relativa ao Estatuto do Refugiado (1951), se cria o termo refugiado e o direito de o sujeito perseguido em seu país de origem buscar asilo, todavia, se difere do direito ao asilo, ou seja, à concessão desta proteção pelo país de destino. A concessão depende de uma decisão soberana, pertinente ao controle sobre território, população, acesso e permanência de estrangeiros. Nesse sentido, vale destacar que refugiados, como também o instituto de refúgio se baseia na lógica e dinâmica estatal (Urquiza, 2018).

A migração e o refúgio podem ter um impacto profundo na reconstrução da identidade dos sujeitos e comunidades afetadas por essas experiências. A mudança para um novo país ou a condição de refugiado após fugir de conflitos ou perseguições pode desencadear uma série de transformações e desafios na construção da identidade cultural, social e pessoal.

4.4 Relações fronteiriças do Estado de Mato Grosso do Sul

O ideal da divisão do Estado de Mato Grosso resistiu através dos tempos, desta forma, os anseios divisionistas persistiram por um século após o primeiro clamor separatista, promovida por nortistas e sulistas em embates políticos, ideológicos e até mesmo físicos durante os cem anos que antecederam a divisão do estado. Fatores socioeconômicos e políticos

juntamente com a força política e econômica dos fazendeiros do sul de Mato Grosso, motivaram o surgimento de ideias divisionistas, e contribuíram para a separação das regiões Norte e Sul do Estado do Mato Grosso com a Lei Complementar nº31, promulgada em 11 de outubro de 1977, em Brasília, a qual criou o Estado de Mato Grosso do Sul, então na época constituído de 55 municípios agrupados e 07 microrregiões homogêneas (Sotana; Correa, 2014).

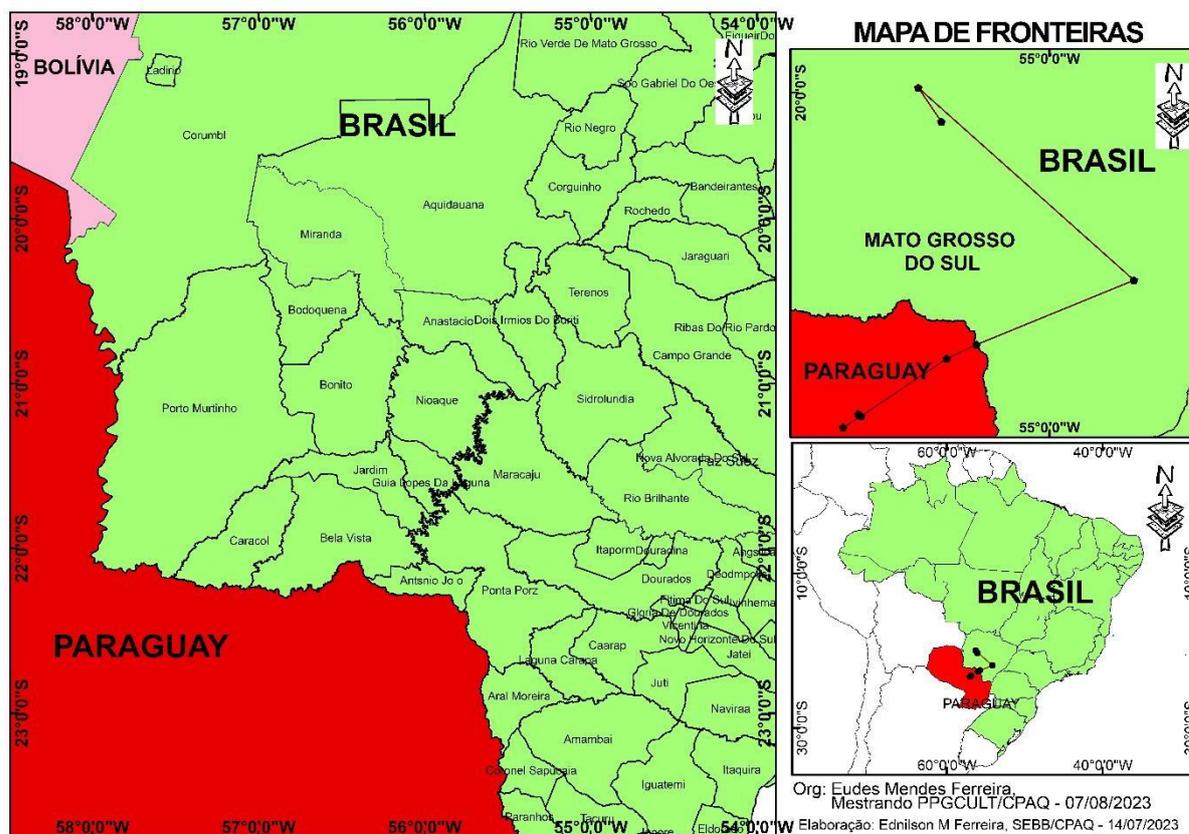
Em relação a Tríplice Fronteira (Brasil, Argentina, Paraguai), alguns autores como Rabossi (2004), Gimenez Beliveau (2010) e Albuquerque (2010) tem refletido sobre identidades e representações sobre o “outro”. Analisam fluxos de pessoas e mercadorias, sobre as relações de identidades e alteridade nesta região de tantas fronteiras. Descrevem o contexto geopolítico entre os três países, as assimetrias de poder local, regional e nacional e as formas de narrativas nacionais feitas por diferentes atores sociais (Costa; Costa; Oliveira, 2011).

Segundo Albuquerque (2010), o Brasil em comparação aos outros dois países, é considerado como principal potência econômica regional, com território e população extremamente mais ampla que o Paraguai e Argentina. Destaca as representações sobre o “outro”, no qual os brasileiros que vivem no Paraguai são vistos como “invasores”, “bandeirantes” e o Brasil como “país imperialista”. Em contrapartida a esse contexto migratório de Brasileiros para o Paraguai, existe a circulação de produtos e imagens vindos do Paraguai para o Brasil, a representação marginalizada e mais generalizada sobre o Paraguai é do “país da falsificação”, que os produtos sem qualidade são denominados de “Made in Paraguay” e os paraguaios designados como “atrasados”, “corruptos”, “sujos” e “índios”.

Considerado um complexo fenômeno fronteiriço, os Brasiguaios, termo utilizado na fronteira entre Paraguai e Brasil, explicado a partir das teorizações de identidades nacionais e das teorias de fronteiras, representa a identidade de brasileiros, gaúchos, paranaenses, sulistas. Se utiliza conforme o interlocutor e os interesses em jogo de um lado e outro das fronteiras (Albuquerque, 2010).

Mato Grosso do Sul possui 12 municípios situados na linha de fronteira, sendo Antônio João, Aral Moreira, Bela Vista, Caracol, Coronel Sapucaia, Japorã, Mundo Novo, Paranhos, Ponta Porã, Porto Murtinho e Sete Quedas com o Paraguai e o município de Corumbá faz divisa com a Bolívia (Figura 1) (Urquiza, 2018).

Figura 1- Estado de Mato Grosso do Sul, Brasil e a divisão com Paraguai e Bolívia.



O Estado de Mato Grosso do Sul, faz divisa com dois países, o Paraguai e a Bolívia, e possui uma diversidade de experiências fronteiriças, principalmente nas relações em contexto urbano. Em decorrência da condição geográficas, processo histórico de ocupação e políticas de interação as duas fronteiras se divergem. A fronteira Brasil (Corumbá) e Bolívia (Puerto Guijarro) se encontra delimitada por barreiras alfandegárias e as relações entre os povos se caracterizada por forte discriminação e distanciamento por parte dos brasileiros, em contrapartida, na fronteira com o Paraguai, em relação as cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, caracteriza-se a fronteira seca, ocorrendo livre trânsito de pessoas para ambos os lados da divisa. Porém, mesmo existindo esse trânsito, os estigmas e preconceitos estão presente na relação entre as populações locais e se expressa nas mais diversas circunstâncias cotidianas (Urquiza, 2018).

A presença paraguaia é marcante em Mato Grosso do Sul, percebido por nomes de famílias, dispersas por vários municípios sul-mato-grossense, seja na cultura regional, na culinária, na música. Segundo Urquiza (2018), o elemento humano paraguaio e seus costumes se encontra enraizado no cotidiano regional que se torna difícil definir os limites da fronteira

entre Brasil e Paraguai, no que se refere a cultura e as relações pessoais.

Martins (2002), ao discorrer sobre a história da fronteira entre os diferentes atores do Rio da Prata, reflete sobre as mesmas questões, não somente sobre onde se encontra a fronteira, surgida dos combates em torno das Províncias unidas do Prata (1825-1828). Considera as Fronteiras, além de marcos físicos ou naturais, mas sobretudo como simbólicos. A fronteira cultural possibilita eternas interrogações, como quem somos, de onde viemos, para onde vamos, ou seja, contribui com a criação de um elo com o passado, possibilitando assim a possível compreensão do nosso presente, e destaca que essas indagações contribuem no comprometimento com o futuro.

5 EXPLORANDO OS RESULTADOS: DISCUSSÕES NA ROTA DO CONHECIMENTO

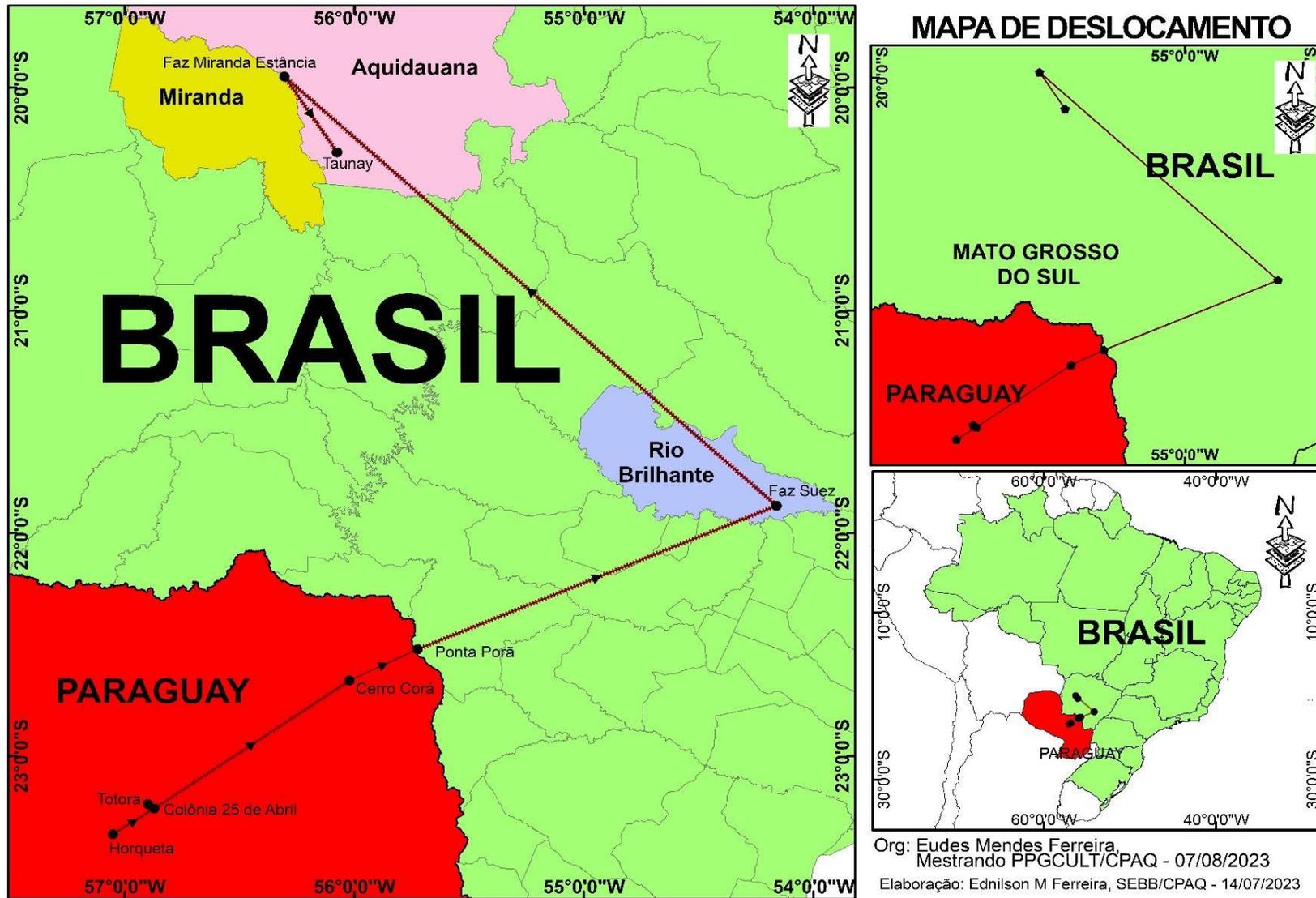
Conforme relatado pela sujeita da pesquisa, seu nascimento ocorreu em Horqueta, Paraguai, em 1944, sendo a segunda filha de seus pais. Horqueta é um município e cidade situada no Paraguai, localizado ao sul do Departamento de Concepción⁶. Está posicionada a 50 km da cidade de Concepción e a 428 km de Assunção, a capital do país. A cidade está situada em uma colina e seu nome deriva da encruzilhada conhecida como "Tape Horqueta", termo guarani que significa o local onde as carroças acampavam após longas viagens (Municipalidad de Horqueta, s.d.). Ainda em Horqueta ocorreu o nascimento de mais 2 irmãos.

Este contexto geográfico e histórico oferece uma perspectiva mais ampla sobre a origem da sujeita da pesquisa, essas informações são relevantes para entender melhor o contexto cultural e geográfico em que cresceu e se desenvolveu, fornecendo insights importantes para a compreensão de sua identidade e trajetória de vida.

Aos 4 anos de idade, a família da sujeita da pesquisa mudou-se para a região que hoje é conhecida como Colônia 25 de Abril, no Paraguai, onde permaneceram por aproximadamente 3 anos, juntamente com seu pai, mãe e os 3 irmãos. Em seguida, deslocaram-se para a fronteira, mais precisamente em Pedro Juan Caballero que faz fronteira seca com o Ponta Porã, Brasil. Em Pedro Juan ocorreu o nascimento do penúltimo irmão no Paraguai. Em 1952, a família migrou para o Brasil, estabelecendo-se inicialmente na Fazenda Suez (Município de Rio Brilhante), onde nasceu o último irmão da sujeita da pesquisa. Em seguida, moraram na Fazenda Estância Brasil (Município de Miranda) e por fim no Distrito de Taunay (Município de Aquidauana), todas localizadas no então estado de Mato Grosso. Com a divisão do estado em 11 de outubro de 1977, todos esses locais passaram a estar situada no estado de Mato Grosso do Sul, Brasil (Figura 2).

⁶ O território paraguaio está dividido politicamente em Departamentos que correspondem ao que seriam os Estados brasileiros (Martins, 2007). A cidade surgiu como uma capela no século XVIII, fundada oficialmente em 1793. Foi a primeira cidade com rua de pedestres do país. A cidade leva o nome de Horqueta, por estar localizada na bifurcação das estradas, daí o seu nome. Importante região voltada para a agricultura, cultiva-se algodão, spurge, feijão, mandioca, milho e frutas da estação. Processadores de erva-mate, além de madeireiras, indústrias petrolíferas e algodoeiras. Considerada a "Capital Nacional de Ka'a He'e (erva doce)". Outra atividade importante é o artesanato em couro, além da pecuária. (Municipalidad de Horqueta, s.d.)

Figura 2- Mapa de deslocamento da Família do Paraguai ao Brasil.



Complementando, essa narrativa reflete uma série de deslocamentos e mudanças ao longo da vida da sujeita da pesquisa e de sua família, evidenciando um contexto de mobilidade geográfica e social. Essas experiências de deslocamento podem ter impactado significativamente a construção da identidade e das suas memórias, destacando a complexidade de sua trajetória e a influência dos contextos históricos e geopolíticos em sua vida.

Quando a sujeita da pesquisa nasceu, sua irmã tinha 1 ano, seu pai tinha 21 anos e sua mãe 19 anos. Seu pai, que era carpinteiro, construía e montava carretas de boi, e realizava fretes com as carretas que possuía. Sendo o irmão mais velho e ainda solteiro, ele morava com a família em uma propriedade de aproximadamente 100 hectares, onde trabalhava na carpintaria do pai e realizava fretes com carretos de boi. Após o casamento, ele comprou uma área de aproximadamente 70 hectares em frente à propriedade de seu pai e montou uma carpintaria em sua própria propriedade, continuando a realizar fretes em carros de boi.

A atividade de carpinteiro e as atividades relacionadas ao transporte de carga com carretos de boi demonstram a inserção da família em uma economia rural, na qual as habilidades artesanais e a posse de meios de transporte eram essenciais para garantir o sustento. Além disso, a aquisição de terras próprias após o casamento sugere uma busca por estabilidade e independência econômica, refletindo uma forma de mobilidade social dentro do contexto rural.

Nessa época, ele possuía 2 carretas de boi de 3 juntas com 1 eixo. Levava para a fronteira, nas carretas, erva-mate, queijo seco e roupas feitas de algodão pela mãe da sujeita da pesquisa, esses produtos eram entregues na Casa China e trazia de volta trigo, açúcar e cortes de roupas. Durante toda a jornada de seu pai pelo solo paraguaio e brasileiro, até sua aposentadoria, nunca o viu ficar sem trabalho, assim como sua mãe, que sempre tinha algo para fazer. Ele faleceu em Corumbá, Brasil, aos 70 anos, em decorrência de câncer nos pulmões e enfisema cerebral.

Quando moravam ainda nas terras que pertenciam a eles no Paraguai, a mãe cuidava dos filhos, realizava os deveres da casa e cuidava da propriedade sozinha, incluindo o gado, a criação de galinhas e porcos, além da plantação de algodão (colhendo para fazer barbante). Ela tinha um pomar grande, onde havia buracos no chão com cobertura de madeira e palha, onde se escondiam quando a patrulha chegava na propriedade ou quando os aviões sobrevoavam a área. A mãe faleceu com 80 anos, uma semana depois de se mudar de Aquidauana para Corumbá.

Sua mãe realizava todas essas tarefas porque seu pai viajava muito com os carretos de boi, ficando ausente por longos dias, levando e trazendo mercadorias. Quando não estava nos carretos, ele realizava os trabalhos para sua mãe, mas na grande maioria das vezes era ela

que fazia em decorrência das viagens dele. Ela costumava plantar algodão, depois colhia, secava, desfiava e torcia (o trabalho de desfiar e torcer era feito pela sujeita da pesquisa e sua irmã) para armar no tear e confeccionar roupas. Confeccionava mantas e toalhas de banho. Além desse material, sua mãe trabalhava com a lã do carneiro, com a qual confeccionava os bacheiros. Tirava leite para fazer queijo, secando-o para posteriormente ser vendido na fronteira. Ela tinha mais gado que seu pai e cuidava de tudo sozinha, inclusive fazia a montaria a cavalo para manejar o gado. Esses produtos eram levados por ele para serem vendidos na Casa China em Pedro Juan Caballero.

Squinelo e Dockhorn (2021) fazem referência às obras de Potthast (2006) e Valinotti (2013) ao discorrer sobre a cultura das mulheres paraguaias, onde as autoras identificam as mulheres paraguaias como figuras tradicionalmente associadas à vida camponesa, envolvidas nos cuidados e na agricultura do solo. Além disso, ressaltam o papel das mulheres como tecelãs e costureiras que desempenharam uma função crucial na confecção dos uniformes dos soldados paraguaios durante conflitos históricos.

Dessa forma, as mulheres paraguaias desempenharam um papel fundamental no sustento das tropas e da sociedade paraguaia em geral, através da produção de alimentos e vestimentas. Essa contribuição não apenas evidencia a importância das mulheres nas atividades econômicas e de subsistência, mas também sublinha seu papel central na história e na cultura paraguaia. Esses aspectos são essenciais para uma compreensão mais ampla do papel das mulheres na sociedade paraguaia ao longo do tempo.

O pai da sujeita da pesquisa pertencia ao Partido Liberal e a família de sua mãe na maioria eram do Partido Colorado (inclusive o pai de sua mãe era Delegado indicado pelo Partido Colorado). Acredita que por instinto materno ou de proteção, sua mãe decorava a casa com lençóis vermelho, bordados vermelhos, roupas vermelhas, para talvez transparecer que aquela casa era do Partido Colorado. Sua mãe fazia vestidos todo vermelho e bordado para as filhas, inclusive a sujeita quando os vestia seu pai pedia para não chegar perto dele com aquela cor.

O relato da sujeita da pesquisa revela nuances significativas sobre as dinâmicas políticas e sociais vivenciadas durante sua infância, marcada pela polarização entre o Partido Liberal, ao qual seu pai pertencia, e o Partido Colorado, predominante na família materna. A estratégia de decorar a casa com elementos de cor vermelha, associados ao Partido Colorado, pode ser interpretada como uma forma de adaptação ao contexto político, possivelmente visando garantir a segurança e o status social da família em meio às tensões políticas da época. A polarização política não apenas dividiu partidos, mas também teve um impacto profundo nas

relações interpessoais e familiares, evidenciando o alcance das dinâmicas políticas na esfera privada e emocional dos indivíduos. Este relato ressalta a complexidade das experiências vividas em contextos políticos polarizados e os efeitos duradouros que podem ter sobre as trajetórias pessoais e familiares.

Essa polaridade fica clara na reação do pai da sujeita da pesquisa, pedindo para não se aproximar dele quando vestida de vermelho, indica uma tensão ou discordância em relação à afiliação política da família da mãe. Essa divergência política dentro do próprio núcleo familiar reflete a complexidade das relações sociais e políticas da época, demonstrando como as lealdades políticas podiam influenciar até mesmo as interações familiares mais íntimas.

Do ponto de vista dos Estudos Culturais, esse relato ressalta a importância das identidades políticas na construção das identidades individuais e familiares. Ele também evidencia como as estruturas políticas e ideológicas permeiam o tecido social, moldando as relações interpessoais e familiares de maneiras sutis e profundas

A casa de seus pais, onde nasceu, era composta por três quartos e uma varanda enorme, com o fogão a lenha localizado do lado de fora da casa. As refeições eram realizadas na varanda. Nessa época, não se recorda de seu pai consumir bebida alcoólica, ao contrário do que ocorreu na fase em que viveram no Brasil, principalmente quando ele já estava mais velho, momento em que praticamente consumia bebida alcoólica todos os dias. No horário do almoço, seu pai tinha o hábito de se alimentar antes de todos, hábito esse mantido até seus últimos dias de vida; porém, à noite, jantavam juntos. A família dos avôs da sujeita era proprietária de terras, onde cultivavam arroz, feijão, algodão, milho e mandioca, além de criarem gado e outros animais domésticos.

Com essa descrição, é possível entender o ambiente familiar e as práticas cotidianas da família da sujeita da pesquisa, destacando algumas mudanças ao longo do tempo, especialmente em relação aos hábitos alimentares e ao consumo de álcool do pai. A descrição da casa, com seus três quartos e uma varanda espaçosa, transmite uma imagem vívida do ambiente doméstico onde viveu e passou sua infância. A observação sobre o consumo de bebida alcoólica por parte do pai em diferentes fases de sua vida revela uma mudança comportamental significativa, possivelmente influenciada por diversos fatores, como o contexto social e cultural em que viviam no Brasil. A persistência do hábito de se alimentar antes de todos no horário do almoço também sugere a preservação de tradições familiares e hierarquias domésticas, mesmo diante de outras mudanças ao longo do tempo.

Além disso, a descrição das atividades agrícolas da família ressalta sua ligação com a terra e o trabalho árduo necessário para garantir a subsistência. A diversidade de cultivos e a

criação de animais demonstram a variedade de atividades econômicas realizadas pela família para garantir seu sustento, refletindo a importância da agricultura na vida familiar e comunitária.

Recorda-se claramente que, durante esse período, apesar de todas as responsabilidades e desafios que seus pais enfrentavam diariamente, eles conseguiam suprir todas as necessidades da família. Viviam de forma confortável, e jamais houve falta de alimentos à mesa. A descrição de uma vida confortável e da ausência de privações, como a falta de alimentos, destaca a importância da segurança material proporcionada pelos pais da mesma. Isso sugere uma estabilidade relativa na vida familiar, apesar dos inevitáveis desafios enfrentados durante os quatro anos que viveram neste local.

A mãe da sujeita de pesquisa demonstrava grande cuidado com seus filhos, a ponto de que a sujeita recorda-se vividamente dos calçados que usavam na época. O calçado predominante era conhecido como alpargatas, um tipo de calçado amplamente utilizado na região, especialmente em áreas rurais e entre grupos étnicos indígenas. As alpargatas eram confeccionadas manualmente, sendo sandálias de tecido jeans ou lona com solado de corda, adequadas ao clima quente da região. A sujeita lembra-se de que, muitas vezes, permaneciam descalços, porém, quando utilizavam calçados, eram essas alpargatas. Quando o solado se soltava, sua mãe realizava os reparos, refazendo a costura manualmente para consertar os calçados (Figura 3).

Na foto da família registrada em 1948 no Paraguai, é perceptível que quase todos estavam descalços. Essa observação sugere um contexto socioeconômico modesto, comum em muitas comunidades rurais na época. A ausência de calçados pode indicar tanto uma questão de disponibilidade financeira quanto uma prática comum na região, onde o uso de calçados não era tão generalizado, especialmente entre as famílias de áreas rurais ou de baixa renda.

No Brasil, conheceram esse calçado como "pé de cachorro", que era uma expressão popular utilizada para se referir a calçados desgastados, velhos ou em más condições, independentemente do tipo de calçado em questão. Quando a sujeita da pesquisa e seus familiares começaram a frequentar a escola no Brasil, a mãe da sujeita adquiria alpargatas novas para eles, mas sempre reforçava a costura para garantir maior durabilidade e resistência, evitando assim que se desgastassem rapidamente. Essa prática demonstra não apenas o cuidado da mãe com o bem-estar e conforto de seus filhos, mas também sua preocupação em garantir que os calçados fossem adequados para o uso diário, mesmo diante das dificuldades financeiras e das condições adversas.

Figura 3 - A Entrevistada quando criança (04 anos), juntamente com sua irmã mais velha (05 anos) e tios, Horqueta, Paraguai, 1948.



Fonte: acervo do pesquisador.

Sobre lembranças de sua infância ainda no Paraguai, recorda que a Patrulha Militar, que eles chamavam de “captura” realizava incursões nas propriedades de seu avô paterno e pai, procuravam as tias para leva-las, ou seja, as mulheres, assim como as crianças. Elas eram escondidas em buracos dentro da mata, isso acarretava, por sua vez o maltrato sobre os homens. De seu pai, por várias vezes, abateram e carnearam as reses da família. Essa guarda militarizada “captura” também pegavam jovens para “servir o exército”. Tinha conhecimento que vários jovens entre 17 e 18 anos fugiram, na maioria para o Brasil, inclusive foi com essa idade que seu tio (ainda vivo, que mora em Aquidauana) também fugiu para o Brasil.

Essa narrativa evidencia o papel opressivo do Estado e das forças militares na vida cotidiana das pessoas, especialmente durante períodos de instabilidade política e social. Além disso, a narrativa destaca a resistência e a busca por liberdade por parte dos jovens que buscavam escapar do serviço militar obrigatório, muitas vezes fugindo para outros países, como o Brasil. Esse movimento de resistência pode ser compreendido à luz das teorias de subalternidade, que abordam as estratégias de resistência e subversão adotadas por grupos marginalizados em resposta à opressão e dominação.

Escutava das conversas de adultos os comentários, de que as mercadorias da família não eram compradas ou vendidas em Horqueta em decorrência de seu pai ser do Partido Liberal.

Recorda das festas religiosas, principalmente de datas comemorativa para São João Batista, São Sebastião e a Festa da Virgem de Caacupé, comemorado no dia 08 de dezembro, feriado nacional paraguaio, pois ela é padroeira do povo paraguaio. Porém no Brasil, ela não celebra essas datas.

Essa narrativa revela aspectos importantes da dinâmica social e cultural da comunidade em que a sujeita da pesquisa estava inserida durante sua infância no Paraguai. A menção ao boicote às mercadorias de sua família devido à filiação política de seu pai ao Partido Liberal destaca como as divisões políticas podem influenciar até mesmo as interações comerciais e econômicas em uma comunidade. Isso reflete a complexidade das relações sociais em contextos onde a política desempenha um papel central na vida cotidiana das pessoas.

Além disso, as festas religiosas mencionadas, como as comemorações de São João Batista, São Sebastião e a Festa da Virgem de Caacupé, destacam a importância da religião na vida cultural e social do Paraguai. Essas festividades não apenas têm um significado religioso profundo, mas também servem como momentos de celebração e coesão comunitária, reunindo pessoas de diferentes origens e estratos sociais em torno de tradições compartilhadas.

Nesse sentido, a análise desse parágrafo à luz dos estudos culturais pode destacar a forma como as práticas culturais, políticas e religiosas se entrelaçam para moldar a identidade e a experiência coletiva de uma comunidade. Autores como Stuart Hall, por exemplo, argumentam que a cultura não é apenas um reflexo passivo da realidade, mas sim um espaço de luta simbólica onde diferentes grupos buscam afirmar sua visão de mundo e reivindicar sua identidade. Portanto, essas festividades religiosas e as questões políticas em torno da filiação partidária do pai podem ser entendidas como arenas onde essas dinâmicas de poder e significado estão em jogo.

Em sua narrativa, relata os períodos difíceis vivenciados durante a revolução e o pós-conflito. Em 1947, com idade entre três e quatro anos, ela e seus três irmãos testemunharam e sofreram com as atrocidades cometidas contra seus pais. Ela recorda vividamente o impacto desses eventos, especialmente quando seu pai retornava para casa com a camisa rasgada e ferido, relatando que havia sido agredido pelos membros do partido adversário, os Colorados: “meu pai chegava em casa com camisa rasgada, machucado com sangue, dizendo que apanhou dos Colorados”. Essa experiência deixou uma marca profunda em sua memória e em sua percepção do contexto político e social da época.

Esse relato é profundamente significativo ao destacar a vivência traumática da sujeita da pesquisa durante um período de conflito político e violência. A experiência de testemunhar atrocidades cometidas contra seus pais, juntamente com seus irmãos, desde tenra

idade, deixa uma marca permanente em sua memória e trajetória de vida.

Martins (2018) ressalta a importância de considerar os depoimentos de crianças para uma compreensão mais abrangente e holística das experiências vivenciadas durante períodos de conflito. As narrativas infantis não apenas oferecem uma perspectiva única e autêntica dos eventos, mas também podem revelar aspectos cruciais das relações familiares, das dinâmicas sociais e das consequências psicológicas do trauma.

Utilizando a História Oral como metodologia, na qual crianças foram incentivadas a redigir breves depoimentos sobre migração e pertencimento. Os resultados surpreenderam pela disposição das crianças em compartilhar suas vivências, descrevendo acontecimentos, limitações e possibilidades de suas vidas. Ao analisar os depoimentos, o autor observou que as narrativas das crianças refletiam uma maturidade surpreendente, desafiando a expectativa inicial de inocência infantil. Algumas narrativas registradas descreviam a sensação de incerteza, com a família em busca de um lugar para viver, mesmo dentro de seu próprio país, destacando-se a sensação de estranhamento e de não pertencimento.

Notório perceber a interseção entre política, violência e memória, ressaltando como esses elementos moldam as experiências individuais e coletivas. Além disso, evidencia a importância de escutar a narrativa e reconhecer o testemunho das vítimas, especialmente das crianças, para uma compreensão mais completa da complexidade humana em tempos de conflito e adversidade. Ilustra vividamente como os eventos políticos e a violência podem deixar marcas duradouras na vida das pessoas, especialmente quando testemunhadas desde tenra idade.

Essas experiências moldam não apenas a memória individual, mas também influenciam a forma como as identidades são construídas e as narrativas pessoais são formadas. Reconhecer e compreender essas experiências é essencial para uma análise abrangente das complexidades humanas e sociais em contextos de conflito e adversidade (Hall, 2003).

A guarda, conhecida como "captura", conduzia operações quase diárias na região em busca de opositores, cometendo estupros, confiscando e abatendo os animais criados nas propriedades. Como mencionado por Vidal (2022), "Saques, asesinatos por venganza, fusilamientos sumarísimos y violaciones de mujeres perpetradas por uno u otro bando, eran moneda corriente en esa guerra civil [...]".

Este relato ainda destaca a brutalidade e a violência generalizada que permeavam o contexto da guerra civil, evidenciando a maneira como as comunidades foram afetadas por essa violência indiscriminada. Reflete também a atmosfera de medo e insegurança vivenciada pela população local, especialmente pelas vítimas diretas das atrocidades cometidas pela "captura"

e outros grupos envolvidos no conflito. Essa narrativa ressalta a importância de examinar não apenas os aspectos políticos e ideológicos, mas também as consequências humanas e sociais desses eventos históricos.

Stuart Hall (2003), ao evidenciar como eventos históricos, como guerras civis, são fundamentais na formação das identidades individuais e coletivas. Ele enfatiza que a cultura não é algo estático, mas sim dinâmico e moldado por esses eventos e contextos sociais. Nesse sentido, a narrativa sobre as atrocidades cometidas durante esse período de conflito político e violência ressalta a interseção entre poder, política, memória e identidade, conceitos centrais nos estudos culturais. Para Hall, entender como esses elementos se entrelaçam é essencial para uma análise profunda das complexidades da experiência humana em tempos de adversidade.

Por causa das instabilidades políticas, a presença constante dos militares da cavalaria, seus pais se sentiram pressionados, tanto que decidiram mudar para mais perto da fronteira com o Brasil, pois escutavam que a fronteira estava com uma certa facilidade para emprego e seria mais seguro. Assim, no ano de 1948, seus pais resolveram sair da Colonia 25 de Abril, abandonando a propriedade rural, casa e gado rumo a Pedro Juan Caballero. Em seu relato cita muito o termo retirante: “[...] os retirantes seguiam em carretas, a cavalo e a maioria a pé, quase só com a roupa do corpo, abandonando, esbaforidos, suas casas e tudo que possuíam [...]”, processo estabelecido em sua memória infantil na época para justificar essa migração para outro país.

Autores como Homi K. Bhabha (1998) e Edward Said (2018) abordam a questão da migração e do deslocamento sob uma perspectiva pós-colonial, destacando como esses fenômenos são moldados por relações de poder desiguais e por narrativas dominantes que muitas vezes desumanizam e marginalizam os migrantes.

Esses autores destacam como as migrações são frequentemente moldadas por relações de poder desiguais, muitas vezes enraizadas em estruturas coloniais persistentes. Por exemplo, as pessoas podem ser forçadas a migrar devido a políticas opressivas, conflitos armados ou desigualdades econômicas exacerbadas pelo legado colonial. Além disso, as narrativas dominantes sobre migração frequentemente perpetuam estereótipos e visões preconceituosas que desumanizam e marginalizam os migrantes, tornando-os vulneráveis à exploração e discriminação.

Ao analisar o relato sobre a migração da família à luz dessas teorias pós-coloniais, podemos examinar não apenas as razões imediatas por trás da migração, mas também as estruturas de poder mais amplas que influenciaram sua experiência. Isso inclui considerar como o colonialismo e as dinâmicas de poder locais podem ter contribuído para as instabilidades

políticas e sociais que levaram à decisão de migrar, bem como os desafios enfrentados pelos migrantes ao tentar se estabelecer em um novo ambiente.

Além disso, a análise pós-colonial também nos convida a examinar as implicações culturais e políticas mais amplas da migração, incluindo questões de identidade, pertencimento e resistência. Ao reconhecer a complexidade dessas experiências e o papel das estruturas de poder na moldagem delas, podemos desenvolver uma compreensão mais holística e compassiva das histórias individuais de migração e suas consequências sociais e políticas.

Nessa primeira mudança, o carroto foi de entorno de 5 carros de boi, sendo os 2 de seu pai e acompanharam o carroto, os carros de boi de tios e do avô paterno. Na Colônia 25 de Abril, no Paraguai, onde permaneceram por aproximadamente 3 anos. Eram ela, os pais e os 3 irmãos.

Seu pai continuou fazendo carroto, porém vendeu um dos carros de boi, ficando somente com 1, além dos trabalhos de carpintaria. Sua mãe nessa época passou a fazer trabalho com costura para ajudar nas despesas.

Em um dos trabalhos que recebeu de carpintaria seu pai foi na Casa China, em Pedro Juan Caballero comprar mercadorias e alimentos para a família, estava com seus dois cavalos, o de montaria e o de reserva que carregava as compras. Na volta foi cercado por alguns homens, apanhou, teve a cabeçada de prata de seu cavalo de montaria roubado, assim como seu cavalo de reserva com toda a mercadoria. Depois desse ocorrido ele decidiu que mudaria com a família para Pedro Juan Caballero, próxima a fronteira com o Brasil.

Esse relato ilustra vividamente as dinâmicas de poder e as adversidades enfrentadas pela família durante sua migração. A venda de um dos carros de boi de seu pai e a necessidade de sua mãe de começar a trabalhar com costura evidenciam os desafios econômicos que enfrentavam na Colônia 25 de Abril. Além disso, o episódio traumático em que seu pai foi assaltado durante uma viagem à Casa China destaca as tensões e a violência presentes na região de fronteira.

Nesse contexto, ao realizar uma análise pós-colonial para entender mais profundamente esses eventos, autores como Homi K. Bhabha (1998) e Edward Said (2018) argumentam que as fronteiras coloniais muitas vezes geram violência e desigualdades persistentes, especialmente em áreas onde as relações de poder são contestadas e instáveis.

Na mudança para Pedro Juan Caballero a família foi sozinha em um carro de boi, não acompanharam nenhum carroto. Moraram por mais ou menos dois anos perto do aeroporto. Quando se estabeleceram na fronteira, entre 1951-1952, seu pai montou uma serraria para vender madeira bruta no Brasil e construía rodados de carretas de boi. Neste período, seu último

carro de boi foi vendido. Mesmo distante de sua cidade e de familiares, continuava sendo perseguido na fronteira em decorrência de seu posicionamento partidário. Tentou várias vezes passar com a família para o lado brasileiro, somente conseguindo em 1952, quando foi contratado para trabalhar na Fazenda Suez, no município de Rio Brilhante, MT (Figura 4), em solo brasileiro.

Figura 4 - Fazenda Suez: a sede em alvenaria; antiga serraria e a vila com casas em madeira, Rio Brilhante, Mato Grosso do Sul.



Fonte: MAGALHÃES, L.A.M., 2012, p. 156.

A persistência da perseguição política, apesar da mudança geográfica, sugere a continuidade das tensões políticas e sociais que permeavam a vida da família, mesmo após sua migração. Essa experiência ressalta como as identidades políticas e as afiliações partidárias podem desempenhar um papel significativo na determinação das experiências e oportunidades disponíveis para os migrantes.

Nesse sentido, a análise sob uma perspectiva pós-colonial, inspirada por autores como Homi K. Bhabha (1998) e Edward Said (2018), nos leva a refletir sobre as formas como o poder colonial e as hierarquias sociais continuam a influenciar as experiências de indivíduos e comunidades, mesmo após a independência formal. A perseguição política enfrentada pela família na fronteira ilustra como as estruturas de poder persistentes podem moldar as experiências de migração e adaptação, mesmo em contextos aparentemente novos e diferentes.

Na fronteira, em Pedro Juan Caballero, PY, a rotina da família se resumia a sua mãe cuidando da casa, enquanto seu pai fazia trabalhos de carpintaria e, ocasionalmente, conseguia serviços de carpintaria em fazendas da região. Foi durante esse período que a sujeita da pesquisa começou a ser alfabetizada junto com seus três irmãos. Eles foram alfabetizados (em espanhol) no Paraguai, frequentando uma escola rural próxima à fronteira, pois o estudo era obrigatório. Foi durante esse período que nasceu o penúltimo irmão da sujeita.

Nas ausências do pai, que se encontrava a trabalho, e quando o dinheiro que ele deixava se esgotava, era o trabalho da mãe que sustentava a família. Nesse período, a mãe costurava bombachas, enquanto a sujeita da pesquisa e sua irmã mais velha se encarregavam dos bordados. Esse trabalho garantia o sustento da mãe, da sujeita e dos quatro irmãos, sendo o mais novo ainda "de colo". Quando não havia costura para entregar, às vezes passavam o dia inteiro sem comer, e na maioria das vezes apenas almoçavam. Na hora do jantar, a mãe reunia a família e pedia que rezassem: "vamos rezar para não sentirmos fome". Às vezes, se a mãe recebia algum pagamento pela costura durante a tarde, compravam bolachas para comer como janta.

Essa parte da história narrada evidencia as adversidades enfrentadas pela família durante seu período na fronteira entre Brasil e Paraguai. A necessidade de sustentar a família em meio à ausência do pai e à escassez de recursos financeiros revela a resiliência e a capacidade de adaptação da mãe, que se viu obrigada a recorrer ao trabalho de costura para garantir o sustento da família.

A falta de alimentos e a incerteza em relação à próxima refeição destacam as dificuldades econômicas e sociais enfrentadas pela família, evidenciando as desigualdades estruturais presentes na região de fronteira. Essa situação também ilustra como as estratégias de sobrevivência da família estavam intrinsecamente ligadas ao trabalho manual e à produção artesanal, refletindo a importância das práticas culturais e das habilidades tradicionais como meio de subsistência em contextos de vulnerabilidade econômica.

Sob a perspectiva pós-colonial, inspirada por autores como Edward Said e Gayatri Chakravorty Spivak podemos analisar esse relato como um exemplo das dinâmicas de poder e

marginalização presentes em contextos coloniais e pós-coloniais. Esses estudiosos analisam como as estruturas coloniais continuam a exercer influência sobre as sociedades e as experiências individuais mesmo após a independência política dos países colonizados.

No relato sobre a família da sujeita da pesquisa, evidenciam-se as consequências duradouras do colonialismo na região de fronteira entre Brasil e Paraguai. A presença militar, as instabilidades políticas e as pressões sobre os habitantes locais refletem a persistência das dinâmicas de poder colonial mesmo após a independência formal dos países envolvidos. Isso demonstra como as estruturas de dominação e marginalização estabelecidas durante o período colonial continuam a moldar as realidades cotidianas das populações locais, afetando seu acesso a recursos, oportunidades e direitos.

Além disso, o relato destaca as formas como as comunidades fronteiriças são frequentemente deixadas à margem das políticas e dos processos de desenvolvimento, enfrentando desafios socioeconômicos significativos e lutando para garantir sua subsistência. Isso ressalta a importância de se analisar as experiências das populações locais dentro de um contexto mais amplo de relações de poder global e de legados coloniais persistentes. Em suma, a história da família da sujeita da pesquisa oferece um exemplo concreto das dinâmicas complexas e multifacetadas que caracterizam os contextos pós-coloniais, destacando a necessidade de uma abordagem crítica e contextualizada para compreender essas realidades.

Uma imagem marcante que a sujeita da pesquisa possui de seu pai era a de vê-lo frequentemente lendo revistas e a Bíblia. No que tange à religião, a família não costumava frequentar igrejas, porém, a mãe os ensinou a rezar, um hábito que todos carregaram consigo ao longo da vida.

Um momento que causou grande aborrecimento ao pai da sujeita ocorreu na cidade, quando um dos bois da junta do carro de boi foi roubado. Esse incidente o deixou profundamente chateado e alimentou ainda mais sua crescente vontade de atravessar a fronteira para o lado brasileiro. O aborrecimento do pai diante desse evento ressalta as dificuldades econômicas e os riscos de segurança associados à vida na fronteira. Esse episódio também revela a sensação de vulnerabilidade e injustiça que muitas vezes acompanham as comunidades marginalizadas em áreas de fronteira.

Ainda em Pedro Juan Caballero, a sujeita recorda-se vividamente de um episódio em que uma mulher bem vestida procurou sua mãe e pediu que ela entregasse a sujeita da pesquisa e sua irmã. A mulher argumentou que as crianças passavam fome e que ela as cuidaria e criaria adequadamente, enquanto a mãe poderia ficar com os três filhos menores e cuidar melhor deles. Em resposta, a mãe afirmou categoricamente para a mulher: "Nem que eu morra,

meus filhos eu não dou". Essa firmeza de sua mãe deixou uma marca permanente na memória da sujeita.

Nesse episódio, a recusa firme da mãe em entregar seus filhos para a mulher bem-vestida é um ato de resistência contra as tentativas de dominação e assimilação. A mulher representava uma figura de autoridade ou influência na comunidade, e sua tentativa de persuadir a mãe das crianças sugere uma dinâmica de poder assimétrica, na qual os mais vulneráveis são alvo de exploração ou controle por parte dos mais poderosos.

A recusa da mãe em ceder seus filhos evidencia não apenas uma conexão emocional profunda com sua prole, mas também uma rejeição consciente às pressões externas para se conformar às expectativas ou imposições da sociedade. Esse ato de resistência é uma afirmação do vínculo familiar e da identidade cultural da família, mesmo diante das adversidades enfrentadas no contexto colonial ou pós-colonial.

Sob uma perspectiva pós-colonial, essa resistência individual pode ser interpretada como uma capacidade de ação e tomada de decisão autônoma, dentro de um sistema de poder que muitas vezes marginaliza e desempodera as populações locais. Essa narrativa ilustra a capacidade das pessoas de resistir e negociar suas identidades e valores em face das influências externas, contribuindo para a preservação de suas próprias narrativas culturais e identidades.

Mesmo distante de sua cidade natal e de familiares, seu pai continuava sendo perseguido na fronteira em decorrência de seu posicionamento partidário. Tentou várias vezes passar com a família para o lado brasileiro, somente conseguindo em 1952, quando foi contratado para trabalhar na Fazenda Suez, em solo brasileiro em um acampamento que os trabalhadores estavam plantando pasto e milho. Desta forma seu pai foi sozinho trabalhar no Brasil.

Nessa ausência do pai, quando estudava em Pedro Juan Caballero, a sujeita e seus colegas ouviram o barulho de um avião sobrevoando a cidade e aterrissando nas proximidades. Esse evento causou apreensão em todos, e logo surgiram boatos de que o avião estava lá para levar as crianças. O rumor se espalhou rapidamente, desencadeando um alvoroço entre as mães, que correram para pegar seus filhos na escola. Como medida de precaução, todas as crianças foram mandadas de volta para casa. Após esse incidente, a mãe da sujeita decidiu que não queria mais permanecer no Paraguai. Foi então que a família tomou a decisão de se mudar para o Brasil. Esse acontecimento ocorreu no ano de 1952, período em que o pai já estava trabalhando na Fazenda Suez, localizada no município de Rio Brillhante, MT.

A decisão da família de migrar para o Brasil reflete sua resposta às ameaças percebidas e à instabilidade política enfrentada no Paraguai. Diante do medo e da incerteza, eles

buscaram uma alternativa que oferecesse maior segurança e estabilidade. Essa capacidade de adaptação e resiliência é uma característica comum entre comunidades que enfrentam desafios em contextos de instabilidade política e social.

Além disso, a narrativa destaca como as experiências individuais moldam as identidades culturais e influenciam as decisões de migração. Experiências traumáticas, como o rumor do avião, deixam uma marca duradoura nas pessoas, influenciando suas percepções e escolhas futuras. Neste caso, a mãe da sujeita, motivada pelo desejo de proteger seus filhos e garantir seu bem-estar, optou por buscar uma nova vida no Brasil.

Essa história também evidencia a complexidade das relações de poder e pertencimento em áreas de fronteira. As fronteiras geopolíticas muitas vezes criam divisões arbitrárias que afetam profundamente a vida das pessoas que nelas habitam. As experiências vivenciadas pela família da sujeita ilustram como essas fronteiras podem ser permeadas por tensões políticas e sociais, influenciando as decisões individuais e coletivas.

Seu pai partiu sozinho para a fazenda, deixando sua mãe sozinha com os filhos. Durante esse período de separação, enfrentaram severas dificuldades financeiras, chegando a passar fome até o retorno dele. Quando finalmente retornou, veio com o caminhão da fazenda para levar a família para o Brasil. Seu carro de boi já tinha vendido, mas na mudança ele trouxe consigo todos os seus equipamentos de marcenaria.

Ao destacar as dificuldades enfrentadas pela família durante a ausência do pai, enfatizando a vulnerabilidade financeira e a luta pela sobrevivência na falta do principal provedor. Essa circunstância reflete as complexidades das dinâmicas familiares e as pressões enfrentadas pelas mulheres como chefes de família em contextos de migração e instabilidade socioeconômica. Autores como Gayatri Chakravorty Spivak (2010) examina as interseções entre gênero, poder e migração, evidenciando como as mulheres frequentemente enfrentam desafios distintos e desempenham papéis essenciais na manutenção da família e da comunidade durante períodos de transição e adversidade. A decisão do pai de transportar seus equipamentos de marcenaria para o Brasil ressalta a importância do trabalho e das habilidades profissionais na reconstrução de vidas em contextos de mudança e incerteza.

Na Fazenda Suez, a família mudou-se para o acampamento onde o pai trabalhava, em vez da vila da fazenda onde residiam os demais trabalhadores. Instalaram-se em um barraco coberto de palha e cercado por poucas palhas, sendo a maior parte da lateral aberta. Inicialmente, dormiram em tarimbas, mas posteriormente, a mãe confeccionou colchões de palha seca para todos.

Quando se mudaram para o acampamento, foi um momento que se sentiram

aliviados por terem comida todos os dias, embora os estudos tenham sido interrompidos. Em uma ocasião, enquanto caminhava com sua mãe por uma das trilhas entre as plantações de milho e pasto, pela observação do comportamento dos pássaros, a mãe segurou sua mão e pediu para caminharem com mais firmeza, pois aquilo indicava a presença de onça na região. Recorda-se nitidamente do dia em que o trabalho no acampamento chegou ao fim, e todos os trabalhadores foram à sede da fazenda para receber o pagamento, incluindo seu pai que foi ajustar serviço na sede, deixando sua mãe, ela e os irmãos sozinhos no meio do mato. No período da noite, o porquinho que a mãe havia ganhado para engordar começou a ficar agitado e barulhento. Sua mãe se levantou, colocou uma cadeira na direção do local de onde vinha o barulho, amarrou o cachorro próximo a ela e ficou vigilante, com um machete em mãos, preparada para qualquer eventualidade. Determinada hora ouviu-se o “esturro” da onça, mas não se aproximou, apenas passou pelo local. Ao amanhecer do dia, seu pai chegou com o caminhão da fazenda para levá-los

Esse relato reforça o que Spivak (2010) fala sobre as interseções entre gênero, poder e migração, com a mãe assumindo um papel proeminente na proteção e no bem-estar da família na ausência do pai, que estava ocupado ajustando serviços na sede da fazenda. Essa divisão de responsabilidades e papéis dentro da família é uma característica comum em muitas comunidades rurais, onde as mulheres desempenham um papel fundamental na gestão do lar e na garantia do sustento familiar, mesmo em condições adversas.

Quando seu pai retornou ao acampamento para buscá-los, deu a notícia que estava contratado na fazenda para serviço de carpintaria, assim eles iriam morar na vila da fazenda. Desta forma, tanto a mãe, pai, a sujeita da pesquisa como os irmãos tiveram que aprender a falar português.

Inicialmente, enfrentavam dificuldades para se comunicar com as outras pessoas na fazenda, porém, conseguiam se entender com as crianças com quem brincavam. A Patroa costumava fornecer muitas revistas de histórias, muito comum na época e livros para eles lerem.

Na fazenda, havia escola, moradia adequada e uma igreja onde ocorria missa uma vez por mês. A sujeita da pesquisa e seus irmãos foram alfabetizados novamente na língua portuguesa, uma vez que não falavam nada do idioma. A escola na fazenda oferecia ensino até a quarta série do ensino fundamental. Recorda-se de que a professora era originária da cidade de Coxim e optou por não morar na sede junto com os proprietários, preferindo residir na casa da família da sujeita. Essa professora sempre deixava livros para todos lerem, visando acelerar o aprendizado do português, algo que todos se esforçavam para alcançar. A família viveu nesta fazenda por oito anos, durante os quais a sujeita da pesquisa e mais três irmãos concluíram a

quarta série. O sonho dela era tornar-se professora, enquanto o da irmã mais velha era estudar direito. Foi nessa fazenda que nasceu o irmão caçula da sujeita. Um dos irmãos, mesmo na idade adulta, manteve o hábito de ler essas revistas de histórias, esse hábito era conhecido por toda a família, pois ele era considerado "fanático" por essas revistas, assim como pelos Gibis do Tex Willer.

Da Fazenda Suez, o pai da sujeita aceitou um trabalho como empreiteiro na Fazenda Estância Brasil, localizada no município de Miranda, MS. Assim, a próxima morada da família foi na referida fazenda, situada no Pantanal sul-mato-grossense, ao norte do Estado de Mato Grosso do Sul. Era perceptível para a sujeita da pesquisa e seus irmãos que seus pais não desejavam manter vínculos com sua pátria de origem, o Paraguai, o que gerou uma aversão ao lugar. A família percorreu por diversos lugares diferentes, e o medo era tão grande que ninguém mantinha contato uns com os outros. A única exceção era o irmão mais novo do pai da sujeita, atualmente com 96 anos de idade e residindo no município de Aquidauana, MS. Ele desertou do exército paraguaio e veio para o Brasil aos 18 anos, estabelecendo-se no Estado de São Paulo, que era chamado de "Sertões" pela família.

Vimos pra cá porque nós morávamos no Paraguai em uma cidadezinha chamada Mbocayatu, minha mãe trouxe os sete filhos que tinha na época, trouxemos em bolsa branca nossas roupas, porque até ali nós não tinha nada, viemos só por destino. E meu pai como não podia ficar com nós, porque aqui é fronteira e ele não podia ficar muito tempo aqui, ia pra São Paulo e voltava. (Domiciana Giménez, 73 anos, exilada em 1963) (Silva, 2021. P. 82).

Como já haviam concluído seus estudos até a 4ª série, e não havia escola na Fazenda Estância Brasil, a Patroa reunia as crianças dos retiros da fazenda e de fazendas vizinha na Vila da sede. Nessa fazenda, a irmã mais velha da sujeita casou-se, e as crianças que vinham dos retiros para aprender a ler ficavam em sua casa. Foi assim que a sujeita da pesquisa começou a auxiliar na alfabetização de outras crianças, juntamente com a dona da fazenda, participando de suas atividades e ministrando aulas também.

A passagem pelas fazendas oferece uma análise abrangente das experiências educacionais e das dinâmicas familiares enfrentadas pela sujeita da pesquisa durante sua permanência na Fazenda Suez e, posteriormente, na Fazenda Estância Brasil. Sob a ótica dos estudos culturais, destaca-se a relevância da educação como um elemento central na construção das identidades individuais e coletivas, assim como na perpetuação e contestação das normas culturais e sociais.

A narrativa revela a importância da escola na fazenda como um espaço de aprendizagem e socialização. Outro aspecto relevante é o envolvimento ativo da família na comunidade, especialmente através do auxílio na alfabetização de outras crianças na Fazenda Estância Brasil. Essa participação demonstra um senso de solidariedade e colaboração.

Stuart Hall (2013) destaca a relevância da cultura na formação das identidades individuais e coletivas. Sua contribuição teórica enfatizava como as identidades são construídas e questionadas dentro de contextos sociais e históricos específicos, desafiando a ideia de identidades como entidades fixas ou naturais. Introduziu o conceito de "identidade cultural", argumentando que estas são produtos de processos sociais e discursivos complexos, sujeitos a constante negociação e transformação.

A perspectiva de Hall (2013) é relevante para compreender as interconexões entre educação, identidade e comunidade, e como estas são influenciadas por diversas dinâmicas culturais e sociais. Ele ressaltava a natureza fluida e contestada das identidades, sugerindo que estas são moldadas e redesenhadas em relação às estruturas de poder e às práticas discursivas predominantes.

Hall (2013) também abordava o papel das instituições educacionais na reprodução e contestação das relações de poder na sociedade. Ele analisava como essas instituições atuam como espaços de produção e regulação de discursos sobre identidade, gênero, raça e classe, influenciando assim as percepções e experiências individuais.

A sujeita da pesquisa recorda-se claramente do período em que residiam na Fazenda Estância Brasil, onde seu pai constantemente se encontrava aborrecido devido à falta das carretas de boi para transportar a madeira que precisava cortar. Essa situação gerava uma série de dificuldades no serviço. Foi então que seu pai recebeu um convite de um construtor morador em Taunay, Distrito do município de Aquidauana, pois existia uma grande demanda por serviços nas fazendas da região. Diante dessa oportunidade, a família decidiu mudar-se para o referido Distrito.

Na ocasião da saída da Fazenda Suez, a patroa da sujeita da pesquisa fez um acordo com ela, fornecendo uma ordem por escrito para que fosse até a Casa Cândia, localizada na cidade de Anastácio, para receber pelos serviços prestados na alfabetização das crianças. Assim, a sujeita, sua mãe e irmã dirigiram-se até a conhecida casa de comércio local, a Casa Cândia. No entanto, ao chegarem lá, foram informadas de que a casa apenas fornecia mantimentos para as fazendas e não efetuava pagamentos em dinheiro pelas contas das fazendas. Após receberem essa resposta, retornaram ao Distrito onde estavam residindo, pois já não havia meios para ir até a fazenda para cobrar qualquer pagamento pendente.

Essa análise nos leva a refletir sobre as dinâmicas de poder e desigualdade presentes nas relações econômicas em contextos rurais, bem como sobre a importância de se estudar essas questões dentro de um quadro mais amplo de análise cultural e social.

Quando se mudaram para o Distrito de Taunay, a sujeita da pesquisa estava com 17 anos de idade. Ao se estabelecerem na nova localidade, seu pai montou sua carpintaria novamente, enquanto sua mãe assumiu a administração de uma pequena mercearia. Utilizando o dinheiro que possuíam, sua mãe comprou algumas vacas leiteiras, que eram criadas soltas nas ruas, seguindo um costume local. Durante o processo de apartação, os bezerros ficavam confinados no quintal da casa. Com o leite das vacas, ela produzia queijo e doce de leite, os quais eram vendidos pelos dois filhos mais novos quando o trem passageiro fazia parada na estação de Taunay.

Aos 17 anos, a sujeita da pesquisa conseguiu emprego como balconista em uma mercearia que atendia principalmente os indígenas das aldeias circundantes ao Distrito. Aos 18 anos, no ano de 1961, conheceu seu futuro marido, com quem se casou no ano seguinte (Figura 5).

Figura 5 - Casamento da entrevistada no Distrito de Taunay, Aquidauana-MS, ao centro os noivos, lado esquerdo da foto os sogros e lado direito os pais, 1961.



Fonte: acervo do pesquisador.

Apesar de ser branca e seu marido negro, seus pais não toleravam qualquer menção à questão racial. O casal teve cinco filhos. Em 1972, mudou-se para a cidade de Aquidauana,

onde reside até os dias atuais. Aprendeu a costurar e fazer crochê com sua mãe, e atualmente utiliza essas habilidades como passatempo e para complementar sua renda de aposentada. Tem afinidade com músicas brasileiras, especialmente as de Roberto Carlos e samba.

Depois de se casar, seu pai e seu marido abriram um açougue no distrito de Taunay. A sujeita da pesquisa viveu com seu marido e filhos por cerca de 10 anos no Distrito, antes de se mudarem para a cidade de Aquidauana. Na época da mudança, sua irmã mais velha já estava casada e possuía uma chácara no Distrito, enquanto sua irmã mais nova havia se casado e seu marido começara a trabalhar em uma empresa construtora de estradas, levando-os posteriormente a residir em São Paulo, depois em Roraima, até fixarem residência em Manaus, Amazonas. Os dois irmãos homens mais novos partiram para Corumbá em busca de melhores oportunidades de trabalho, estabelecendo-se naquela cidade. Seus pais deixaram Taunay um ano antes dela, indo para a cidade de Aquidauana. Durante o período em que viveram em Taunay, seu pai sempre trabalhou com carpintaria, frequentemente com a ajuda de seu terceiro filho.

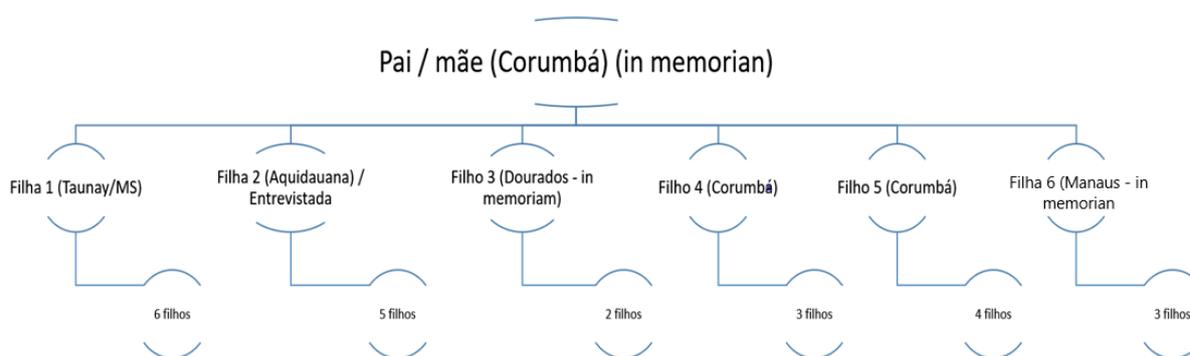
Depois de viverem em Aquidauana, os pais da sujeita mudaram-se para Corumbá, a fim de ficarem mais próximos dos dois filhos homens que residiam lá. Durante sua estadia em Corumbá, a mãe da sujeita teve a oportunidade de aprender com as irmãs religiosas, a confecção de em crochê com calçados com solado de borracha ou chinelos, assim como várias peças em crochê. Essas habilidades não apenas contribuíram para suprir as necessidades da família, mas também se tornaram uma parte significativa da vida da mãe da sujeita, que continuou a praticá-las até os oitenta anos de idade (quando faleceu), passando o dia inteiro envolvida com o crochê. Essa prática não apenas evidencia a importância da criatividade e habilidade manual da mãe da sujeita, mas também sua capacidade de adaptação às condições e recursos disponíveis na época.

Os contatos com os familiares que residiam no Paraguai eram estabelecidos por meio de cartas ou visitas pessoais. Em 1978, os pais da sujeita retornaram a Ponta Porã, juntamente com um dos filhos mais novos, que buscava oportunidades de trabalho por empreitada. Nessa época, seu pai recebeu uma proposta para retornar ao Paraguai, onde o governo prometia devolver suas terras. A proposta foi feita por um membro do Partido Colorado, com a condição de que seu pai se declarasse como integrante desse partido. No entanto, a resposta dada por seu pai foi enfática: "Já neguei minha pátria uma vez, não vou negar outra vez", expressando assim seu forte sentimento de identidade nacional brasileira. A sujeita não recorda se a pessoa que ofereceu a anistia era cunhado ou primo de seu pai, mas tinha conhecimento de que se tratava de um parente próximo.

Quando residiam em Ponta Porã, o pai da sujeita começou a apresentar sintomas estranhos, levando ao diagnóstico de câncer no pulmão. Após o retorno de seu filho para Corumbá, o casal decidiu voltar para Aquidauana, a fim de ficarem próximos dos filhos que residiam na cidade. Após algum tempo, mudaram-se novamente, desta vez para Corumbá, levando com eles o filho homem mais velho que vivia em Aquidauana, reunindo assim os três filhos homens na mesma cidade. Foi em Corumbá que o pai veio a falecer, de forma irônica, na fronteira, distante de sua terra natal. Após o falecimento do pai, a mãe da sujeita retornou a Aquidauana, onde viveu com suas filhas por 10 anos. No entanto, ao decidir retornar a Corumbá, uma semana após a mudança para a cidade, veio a falecer, também na fronteira, longe de seu país de origem.

A sujeita da pesquisa é a segunda filha de seis irmãos, sendo que seus pais e dois irmãos já faleceram. Sua irmã mais velha, assim como ela, reside no município de Aquidauana, enquanto os dois irmãos vivem no município de Corumbá (Figura 6). Os irmãos homens seguiram os passos do pai, exercendo as profissões de carpinteiro, pedreiro e eletricista, sendo reconhecidos como "construtores".

Figura 6 - Árvore Genealógica da família.



Fonte: o próprio autor.

Quando perguntada se lembrava o porquê de a família fazer tantas mudanças, se alguém ajudou ou se lembrava de fatos sobre as mudanças e, se mantinha contato com o lugar de origem, respondeu que ocorreu um entendimento e consentimento da família, para ele se mudar mais próximo da fronteira, em decorrência das perseguições e para salvar a vida dele e da família, pois muita gente já estava vindo para o Brasil, tendo uma certa facilidade de transitar pela fronteira. Na fronteira seu pai sofreu muito, apanhou até dos fora da lei, os chamados de

“lejuça” (forma pronunciada pela sujeita da pesquisa), que entre as atividades que faziam era roubar no Paraguai para vender no Brasil. Debochavam de seu pai, dizendo “estamos batendo num liberal e não vamos matá-lo, pois, sua mulher está grávida”.

Lembra muito pouco dos avós, tanto materno como paternos, inclusive dos tios. O único que teve contato é o irmão mais novo do pai que veio morar no Brasil. Inclusive na mesma cidade que a mesma mora.

A imagem que tem dos pais na sua infância era uma mãe atenciosa, que sempre podia procura-la para conversar, o pai já era mais sério. Pensava em estudar e ser professora e seus pais nunca se opuseram a esta vontade. Era e continua sendo muito ligada à sua irmã mais velha. Seu pai tocava violão e cantava, lembra de duas músicas cantadas por ele: “La Carreta Campesina” e “7 Notas Musicales” e além disso gostava muito de rádio. “La carreta campesina ha marcado una historia muy interesante en el progreso paraguayo. Este llamativo y sencillo medio de transporte fue utilizados por los agricultores, para trasladar sus productos al mercado, para viajar, para trasladar maderas, etc.” (Educasiglo, 2017).

Era um homem muito apaixonado pela política, inclusive a política do Brasil o interessou. Pertencia ao partido Liberal, mas não se recordava se em algum momento ele tenha participado de alguma manifestação ou ato político, ele era muito de observar.

Um dos momentos mais marcantes em sua vida foi a Segunda Guerra Mundial, embora tenha nascido apenas um ano antes do término do conflito. No entanto, ela sente que sua família viveu intensamente o antes, o durante e o depois da guerra, e que isso deixou marcas profundas. A experiência da Guerra Civil de 1947 resultou no extravio de praticamente toda a família, o que foi extremamente impactante. Se pudesse escolher uma forma diferente de viver sua vida, ela optaria por ter paz para a família, permitindo que todos pudessem viver juntos novamente.

Conforme relatado pela sujeita da pesquisa, seu pai experimentou um sentimento de verdadeira brasilidade quando o Brasil ganhou a Copa do Mundo de 1958, uma ocasião que ele celebrou efusivamente. Apaixonado por futebol, esse evento foi significativo para ele. Além disso, o pai demonstrava interesse pela leitura, considerada uma virtude. Para se informar sobre política e futebol, ele recorria aos jornais e revistas brasileiras da época, além de apreciar programas de rádio como “A Voz do Brasil” e outros programas de notícias.

Quando questionada sobre seus sentimentos em relação à infância no Paraguai, a sujeita da pesquisa respondeu que, embora os quatro primeiros anos de sua vida tenham sido vividos com relativo conforto em termos de alimentação e moradia, a palavra que vem à sua mente é “sofrimento”. As lembranças dessa época ainda lhe trazem uma sensação de angústia,

especialmente ao recordar que ela e seus irmãos, todos muito jovens na época, passaram por privações como fome, sofrimento e medo, com seus pais sempre tentando protegê-los. Ela consegue identificar o momento em que voltou a sentir alguma felicidade, que foi quando se mudaram para o acampamento onde seu pai trabalhava, mesmo sendo um “local desprovido de beleza natural”. Apesar disso, sentiam-se felizes por terem deixado para trás todo o sofrimento vivenciado anteriormente. “Por ter essas lembranças e sentimentos nunca sentiu vontade de voltar ou visita o Paraguai”.

Este relato oferece uma visão intimista e emocional de suas experiências durante a infância no Paraguai, evidenciando os sentimentos de sofrimento, privação e medo que caracterizaram aquele período de sua vida. Suas lembranças destacam as adversidades enfrentadas pela família e a contínua batalha de seus pais para protegê-los em meio às dificuldades.

A mudança para o acampamento onde seu pai trabalhava representa um ponto de inflexão em suas memórias, marcando o início de uma sensação de alívio e felicidade após deixarem para trás o sofrimento anterior. Mesmo em um ambiente carente de beleza natural, essa mudança simbolizou uma nova esperança e um novo começo para a família, onde encontraram algum conforto e estabilidade.

A decisão de nunca mais sentir vontade de voltar ou visitar o Paraguai reflete a profunda influência que essas experiências traumáticas exerceram em sua vida e em sua identidade. É compreensível que ela associe aquele período com sentimentos de angústia e sofrimento, optando por não reviver essas memórias dolorosas.

Essas reflexões finais sobre as experiências da sujeita da pesquisa ressaltam a importância de considerarmos o impacto emocional e psicológico das vivências passadas na formação das identidades individuais. Suas memórias não apenas ilustram as adversidades enfrentadas pela família, mas também evidenciam a resiliência humana e a capacidade de encontrar esperança mesmo nos momentos mais sombrios.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A PARADA MOMENTANEA DA JORNADA, ONDE O FIM É O INÍCIO DE UMA NOVA VIAGEM PELO CONHECIMENTO

Para alcançar o objetivo de compreender como as experiências vivenciadas pelo refúgio e os traumas resultantes contribuem para a formação dos descendentes dessa família de paraguaios no Estado de Mato Grosso do Sul, uma abordagem cuidadosa e bem planejada foi adotada. A sensibilidade cultural e ética foi fundamental durante todo o processo, uma vez que a pesquisa lidava com histórias pessoais e emoções profundas. É essencial destacar que a condução deste estudo respeitou rigorosos padrões éticos e metodológicos, assegurando a proteção dos participantes e a integridade dos dados coletados.

Na realização das conversas, a pesquisa buscou explorar a história pessoal da sujeita da pesquisa, com foco nos períodos do Paraguai e na mudança para o Brasil, contribuindo para a compreensão da negação da identidade de seus pais, traumas históricos e as complexidades da formação da identidade cultural e individual no presente. Essa abordagem permitiu uma análise detalhada das experiências vivenciadas pela mesma e sua família, proporcionando insights significativos sobre os processos de adaptação, resiliência e construção identitária em contextos de migração e refúgio. Ao investigar esses aspectos, a pesquisa contribui para uma compreensão mais ampla das interações entre história, memória e identidade, destacando a importância de abordagens sensíveis e contextualizadas para explorar as complexidades da experiência humana.

Com as narrativas registradas, foi possível perceber como as lembranças, consciente ou inconscientemente, possuem o silêncio sempre presente. Nos momentos dos encontros, ao retomar os assuntos anteriores para continuar as conversas, sempre surgia uma nova lembrança ou era mencionado que havia entrado em contato com sua irmã mais velha para relembrem determinado evento. Esses esquecimentos podem ser considerados definitivos ou seriam lembranças reprimidas em decorrência de causar dor, mal-estar e tristeza. Essa reflexão evidencia a complexidade das memórias individuais e familiares, destacando a importância de abordagens sensíveis para compreender o impacto emocional e psicológico das experiências vividas.

Para melhor compreensão desta pesquisa, foi realizada uma revisão bibliográfica abrangente, que englobou a área dos estudos culturais para entender esses sentimentos. Foi necessário compreender assuntos como diáspora, deslocamentos, exílios, refúgio e como as identidades surgem entre lugares. O contexto histórico e social da época pesquisada foi crucial

para fundamentar a pesquisa. Também foram buscadas pesquisas que abordassem essa temática na mesma época. Vale destacar que foram encontrados poucos trabalhos falando sobre esse assunto, o que ressalta a relevância deste estudo para preencher uma lacuna na literatura acadêmica.

No desenvolvimento da pesquisa, passei por uma jornada de desconstrução e reconstrução, resignificando vários entendimentos sobre mim mesmo e minha própria identidade. A compreensão do tema mais amplo sobre refugiados, identidade e memórias permitiu uma reflexão profunda sobre o papel desses elementos em minha própria vida e na vida da comunidade estudada.

A partir desse ponto de reflexão, foi possível explorar como a transmissão de memórias se relaciona com os estudos culturais e como as memórias individuais e coletivas são transmitidas de uma geração para outra, influenciando significativamente a formação da identidade cultural e social.

Ao integrar essas perspectivas, foi possível enriquecer a compreensão das experiências dos descendentes de paraguaios em Mato Grosso do Sul, destacando não apenas os aspectos históricos e socioculturais, mas também os processos psicológicos e emocionais envolvidos na transmissão e recepção dessas memórias. Essa abordagem interdisciplinar permitiu uma análise mais abrangente e holística das dinâmicas de identidade e pertencimento dessa comunidade.

Assim ao compreender que os estudos culturais investigam as complexas interações entre cultura, poder, identidade e sociedade, ainda analisam como as práticas culturais, as representações simbólicas e os discursos moldam a percepção das pessoas sobre si mesmas e o mundo ao seu redor e, também abordam questões de diversidade, desigualdade e marginalização, muitas vezes questionando as narrativas dominantes e explorando as narrativas subalternas. Ao mesmo tempo, entender que existe um processo chamado transmissão intergeracional de memórias, que se refere à passagem de memórias, histórias e experiências de uma geração para a próxima, a qual ocorre através de processos como narrativas familiares, tradições orais e até mesmo por traços comportamentais e emocionais e que essas memórias transmitidas de uma geração para outra podem ter um impacto profundo na formação da identidade individual e coletiva, moldando valores, crenças e perspectivas.

A pesquisa revelou que as memórias do processo de refúgio não se dissipam com o tempo, mas são cuidadosamente preservadas e transmitidas através das gerações, moldando as percepções e experiências dos descendentes. As narrativas familiares desempenham um papel fundamental nesse processo, servindo como veículo para a transmissão das histórias e emoções

ligadas ao refúgio. Essas narrativas não apenas mantêm viva a memória coletiva da família, mas também influenciam a forma como os descendentes se veem no contexto da diáspora e da identidade nacional.

Além disso, destacou a complexidade da identidade cultural desses descendentes, que são influenciados tanto pela cultura de origem quanto pela cultura do país de acolhimento. As memórias durante o período de refúgio e as histórias familiares desempenham um papel central na formação dessa identidade híbrida, fornecendo um vínculo emocional com o passado e uma compreensão mais profunda das raízes familiares.

As considerações finais deste estudo, fundamentadas no referencial teórico sobre identidade, sujeito pós-moderno, andanças, deslocamentos, diásporas, refúgio, traumas, memórias e estudos culturais, oferecem insights profundos sobre a complexidade das experiências humanas e as interações entre indivíduo e sociedade em contextos de mudança e adversidade.

Ao longo desta pesquisa, pôde-se constatar de maneira evidente como os deslocamentos geográficos e as migrações forçadas exercem uma influência profunda não apenas nas trajetórias individuais, mas também na construção identitária dos sujeitos. Os relatos de vida da sujeita da pesquisa não apenas ilustraram, mas também contextualizaram as múltiplas camadas de identidade que emergem em contextos de refúgio e diáspora. Esses relatos revelaram uma dinâmica complexa de negociação entre pertencimento e alteridade, onde os indivíduos se veem constantemente confrontados com a necessidade de conciliar suas identidades preexistentes com as demandas e pressões de sua nova realidade.

As vivências narradas proporcionam uma visão detalhada e comovente das interações complexas entre identidade individual e coletiva em contextos de migração, colonialismo e transformação social. Através da análise dessas experiências, é possível vislumbrar não apenas a jornada singular da sujeita da pesquisa, mas também as dinâmicas mais amplas que moldam a experiência humana em comunidades migrantes.

Ao considerar as múltiplas camadas de identidade que emergem nas narrativas registradas - incluindo identidade nacional, étnica, cultural e de classe - somos lembrados da riqueza e diversidade do ser humano. A migração, em particular, desencadeia um processo complexo de negociação e construção de identidade, à medida que os indivíduos se adaptam a novos ambientes sociais, culturais e geográficos.

Além disso, o estudo oferece uma análise aprofundada das estruturas de poder e opressão que moldam as experiências de vida da sujeita da pesquisa e de sua família. O colonialismo e suas consequências continuam a exercer uma influência profunda sobre as

dinâmicas sociais e econômicas em muitas regiões do mundo, destacando a necessidade de uma análise crítica das relações de poder e desigualdade.

As experiências da sujeita da pesquisa oferecem uma perspectiva valiosa sobre como a migração pode moldar profundamente a identidade individual e coletiva, especialmente quando examinadas sob uma lente pós-colonial e dos estudos culturais. A trajetória dessa família é um exemplo vívido das complexas interações entre poder, política e história colonial, e como esses elementos continuam a influenciar as experiências de vida e as percepções de pertencimento e nacionalidade.

A migração forçada da família devido à perseguição política reflete as dinâmicas de poder e injustiças históricas que permeiam muitas sociedades pós-coloniais. A colonização e as políticas de opressão deixaram um legado de desigualdade e injustiça que continua a afetar comunidades inteiras até os dias de hoje. Essa migração pode ser vista como uma resposta a essas injustiças, uma tentativa de escapar da opressão e buscar uma vida melhor em outro lugar.

Além disso, a maneira como a família se adaptou e integrou em sua nova comunidade reflete as complexas negociações de identidade que ocorrem em contextos migratórios. A busca por pertencimento e nacionalidade é muitas vezes influenciada por experiências passadas e pela interação com diferentes culturas e sistemas de poder. Teve que reconciliar sua identidade paraguaia com sua nova realidade brasileira, negociando constantemente as diferentes dimensões de sua identidade cultural e nacional.

A integração de uma variedade de abordagens teóricas e analíticas neste estudo amplia nossa compreensão das interações complexas entre poder, cultura, identidade e experiência humana. Ao reconhecer as múltiplas dimensões da identidade e os contextos históricos e sociais em que são moldados, somos desafiados a repensar nossas próprias concepções de identidade e pertencimento.

A análise das narrativas demonstrou como as experiências de refúgio não são meramente eventos isolados, mas sim processos contínuos que moldam e remoldam a identidade ao longo do tempo. Esses processos não se limitam apenas à esfera pessoal, mas também se estendem ao âmbito familiar e comunitário, influenciando as percepções de pertencimento e as relações sociais dos indivíduos afetados. Assim, fica claro que a compreensão da identidade em contextos de migração forçada requer uma abordagem holística, que leve em consideração não apenas as experiências individuais, mas também os contextos históricos, sociais e culturais mais amplos.

A experiência da sujeita como sujeito pós-moderno, inserida em um mundo caracterizado pela globalização e pela fluidez identitária, destaca de forma eloquente a

complexidade e a pluralidade das identidades contemporâneas. Suas narrativas sobre os diversos deslocamentos e andanças, permeadas por traumas e memórias afetivas, não apenas ilustram, mas também sublinham a resiliência e a capacidade de adaptação do sujeito diante das constantes transformações e adversidades.

A resiliência e a capacidade de adaptação evidenciadas nas narrativas são aspectos essenciais que merecem destaque nas considerações finais deste estudo. Ao enfrentar desafios significativos, como a migração forçada devido à perseguição política e a necessidade de aprender um novo idioma e se integrar em uma cultura diferente, a família demonstrou uma notável resiliência e determinação em construir uma nova vida em um país estrangeiro.

Essa resiliência é um testemunho da força e da coragem humana diante das adversidades. A capacidade da família de superar obstáculos e persistir na busca por oportunidades econômicas e sociais reflete não apenas sua determinação individual, mas também sua solidariedade e apoio mútuo como unidade familiar.

Além disso, a capacidade de adaptação da família é um reflexo da sua flexibilidade e abertura para novas experiências e aprendizados. Ao enfrentar os desafios da migração e da integração em uma nova comunidade, a família demonstrou uma disposição para se adaptar às mudanças e abraçar as oportunidades de crescimento pessoal e coletivo.

Esses aspectos de resiliência e adaptação são fundamentais para compreender não apenas a jornada da família, mas também as experiências de muitas outras comunidades migrantes em todo o mundo. Eles destacam a capacidade humana de se adaptar e prosperar em face da adversidade, bem como a importância de oferecer apoio e recursos para facilitar esse processo de ajuste.

É inegável que a era da globalização trouxe consigo uma série de desafios e oportunidades para a construção da identidade individual e coletiva. Nesse contexto, as fronteiras geográficas e culturais se tornam cada vez mais permeáveis, permitindo a interação e o intercâmbio entre diferentes culturas e modos de vida. Para o sujeito pós-moderno, essa fluidez identitária pode ser tanto uma fonte de liberdade e empoderamento quanto de incerteza e desconforto.

As experiências da sujeita, marcadas por deslocamentos forçados e adaptações constantes, oferecem um exemplo vívido da forma como os indivíduos lidam com a multiplicidade de identidades que caracterizam o mundo contemporâneo. Sua capacidade de navegar por diferentes espaços e contextos, mantendo ao mesmo tempo um senso de continuidade e integridade pessoal, reflete não apenas sua resiliência, mas também sua habilidade de construir significado em meio à complexidade e à instabilidade.

Assim, ao reconhecer e valorizar a diversidade e a fluidez das identidades contemporâneas, esta pesquisa contribui não apenas para uma compreensão mais profunda dos processos de construção identitária, mas também para o desenvolvimento de estratégias e políticas que promovam a inclusão e o respeito à diferença em um mundo cada vez mais interconectado e diversificado.

No contexto dos estudos culturais, este estudo desempenha um papel fundamental ao aprofundar nossa compreensão das complexas dinâmicas culturais e sociais que influenciam as experiências individuais e coletivas. Ao adotar uma abordagem metodológica que inclui a história oral e a autoetnografia, esta pesquisa destaca a importância das narrativas dos sujeitos marginalizados e subalternizados.

Ao analisar as experiências desses sujeitos, muitas vezes negligenciadas pela narrativa dominante, este estudo promove uma abordagem mais inclusiva e pluralista na produção de conhecimento. Reconhecer e valorizar as narrativas e perspectivas dos grupos marginalizados enriquece nosso entendimento das complexidades da cultura e da identidade.

Além disso, ao destacar a importância da história oral e da autoetnografia como ferramentas metodológicas, esta pesquisa demonstra como os métodos qualitativos podem ser poderosos instrumentos para amplificar as narrativas dos sujeitos subalternizados e subverter narrativas hegemônicas. Ao incorporar essas abordagens em nossa prática de pesquisa, podemos contribuir para uma produção de conhecimento mais inclusiva, reflexiva e sensível às complexidades da experiência humana.

Em suma, este estudo ressalta a relevância de contextualizar as experiências individuais dentro de um panorama mais abrangente de mudanças sociais, políticas e culturais. Ao fazê-lo, somos capazes de apreciar a complexidade das identidades e das narrativas de vida, o que, por sua vez, nos leva a uma reflexão mais crítica e empática sobre as diversas formas de ser e existir no mundo contemporâneo.

A abordagem adotada neste estudo destaca a necessidade de reconhecer a interconexão entre as experiências individuais e os contextos mais amplos nos quais estão inseridas. Ao entender as trajetórias de vida dos sujeitos como parte integrante de um cenário social, político e cultural em constante evolução, podemos apreciar melhor as influências e as complexidades que moldam suas identidades e perspectivas.

Além disso, ao enfatizar a importância das narrativas individuais, este estudo destaca o papel crucial dos sujeitos marginalizados e subalternizados na construção do conhecimento. Ao incluir essas narrativas, podemos ampliar nossa compreensão das realidades

sociais e culturais, bem como desafiar narrativas dominantes que tendem a excluir ou marginalizar certos grupos.

Ao concluir esta jornada de pesquisa, somos confrontados com um rico conjunto de histórias e experiências compartilhadas, que se assemelham à imagem de uma carreta de boi em sua incessante jornada, fazendo paradas ao longo do caminho, mas nunca atingindo o fim da estrada. Assim como essa carreta, nossa investigação nos conduziu através dos intrincados labirintos da identidade, do refúgio, das diásporas e das memórias, revelando as profundezas e complexidades do sujeito pós-moderno em um mundo em constante transformação.

Cada parada ao longo dessa jornada representou uma oportunidade para mergulhar mais fundo nas experiências individuais e coletivas que moldam nossa compreensão da identidade e da pertença. Ao explorar as histórias de vida da família, fomos levados a refletir sobre como as narrativas pessoais se entrelaçam com os contextos sociais, políticos e culturais mais amplos, dando origem a uma teia complexa de significados e interpretações.

Além disso, nossa pesquisa nos permitiu contemplar a resiliência e a adaptabilidade do ser humano diante das adversidades do refúgio e da migração forçada. As histórias de superação e as estratégias de enfrentamento adotadas pela família da sujeita da pesquisa destacaram não apenas a capacidade de sobrevivência, mas também a habilidade de encontrar significado e identidade em meio à incerteza e à mudança.

Ao situar nossa investigação dentro do contexto dos estudos culturais, ampliamos nossa compreensão das dinâmicas sociais e culturais que permeiam as experiências individuais e coletivas. Os estudos culturais fornecem uma lente analítica valiosa para examinar as interações entre cultura, poder, identidade e sociedade, e nossa pesquisa enriquece esse diálogo ao trazer à tona as narrativas e perspectivas dos sujeitos marginalizados e subalternizados.

Cada relato, cada memória e cada experiência contribuíram para tecer uma tapeçaria rica e multifacetada da condição humana, semelhante ao caminho percorrido por uma carreta de boi em sua jornada. Assim como a carreta avança pelo terreno irregular, enfrentando desafios e obstáculos ao longo do caminho, nossa pesquisa também enfrentou suas próprias reviravoltas e complexidades.

Ao longo dessa jornada, assim como a carreta que faz paradas para descanso e reflexão, nossa pesquisa chegou a conclusões significativas. No entanto, assim como a carreta de boi continua sua jornada após cada parada, os caminhos e histórias da família continuam a se desdobrar, aguardando ansiosamente a próxima etapa da jornada.

Essa metáfora da carreta de boi não apenas ilustra o processo de desenvolvimento da pesquisa, mas também ressalta a natureza contínua e interminável da exploração humana.

Assim como a carreta avança incansavelmente, impulsionada pela determinação e pela curiosidade, nossa busca pelo conhecimento também é um percurso ininterrupto, repleto de descobertas e aprendizados constantes.

Ao encerrarmos este estudo sabendo que, embora esta seja uma parada momentânea em nossa jornada de pesquisa, percebemos que, assim como uma carreta de boi que pausa para descansar antes de seguir adiante, a estrada da pesquisa é infinita, este estudo representa apenas uma breve interrupção em nossa busca pelo conhecimento. Que possamos continuar a rodar, explorar e aprender, sempre conscientes de que cada parada é apenas o começo de uma nova aventura.

7 REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. **A dinâmica das fronteiras**: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010.

ALBUQUERQUE, Rodrigo Barros de; ANDRADE, Joana Maria Barreto de; CARDEAL, Érica Tatiane Brandão Mota. As eleições gerais do Paraguai em 2013: o que dizem os relatórios das organizações regionais e os noticiários locais. **Cadernos do Tempo Presente**, [S. l.], n. 25, 2016. DOI: 10.33662/ctp.v0i25.5710. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempo/article/view/5710> Acesso em: 27 FEV de 2024.

ARMADANS, Claudio José Fuentes. El Concepto “Pynandí”. Abordaje teórico-histórico de un mito nacionalista. **Revista Estudios Paraguayo**. Assnción, Paraguay, Vol. XXXIV, No 2 - Diciembre 2016

ASHWELL, Washington. **Concepção 1947 – sessenta anos depois**. 2ª ed. Editorial Servilibro : Assuão, Paraguai, 2007.

BAPTISTA, Maria Manuel. Estudos Culturais: o Quê e o Como da investigação. **Revista carnets**. Première série - 1 Numéro Spécial, 2009. disponível em: <<http://journals.openedition.org/carnets/4382>> acesso em 01 de ago de 2023.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte:Ed. UFMG, 1998.

BOLAÑOS, Aimée. Diáspora. In: BERND, Zilá (Org.). **Dicionário das mobilidades culturais**: percursos americanos. Porto Alegre: Literalis, 2010, p. 167-87.

BRAH, Avtar. **Cartographies of Diaspora: Contesting Identities**. London; New York: Routledge, 1998

BRESCIANI, Maria Stella Martins; NAXARA, Márcia (Org.). **Memória e (res) sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. 2. ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2014.

CALVA, Silvia Marcela Bénard (ed.). **Autoetnografía**: una metodología cualitativa. México, 2019.

CAMPOS, Hérib Caballero; FERREIRA, Richard. **A 60 años de la Guerra Civil del '47 y el inicio de una era de hegemonía colorada**. Disponível em <<https://www.ultimahora.com/a-60-anos-la-guerra-civil-del-47-y-el-inicio-una-era-hegemonia-colorada-n25101.html>> Acesso em 15 de dezembro de 2022.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998. 392p

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2013.

CHIAVENATO, Júlio José. **Stroessner**: retrato de uma ditadura. 2. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1991. 1980 p.

CIRIBELLI, Marilda Corrêa. **Como elaborar uma dissertação de Mestrado através da pesquisa científica**. Rio de Janeiro : 7 Letras, 2003.

CLAVAL, Paul. **Espaço e poder**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1979. 248 p.

Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados (1951), disponível em: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf> Acesso em 22 fev 2022.

COSTA, Edgar Aparecido da; COSTA, Gustavo Villela Lima da; OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de (Org.). **Fronteiras em foco**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2011. 344 p.

COSTA, Albertina de Oliveira; LIMA, Valentina da Rocha; MARZOLA, Norma; MORAES, Maria Teresa Porciúncula. (Org.) **Memória das mulheres no exílio**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

COTA, Débora. Xirú: barro, comunidade e identidade em uma narrativa fronteiriça. In: **Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad**. Vol. 03. Ed especial, dez de 2017. Disponível em <<http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/572>> Acesso em 12 de jul de 2023.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. ed. rev. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2015. 617 p

Educa Siglo XXI - Recursos didáticos para docentes. La carreta **campesina**. Disponível em: <https://educasiglo.blogspot.com/2017/07/paisajes-guarani.html>. Acesso em: 20 de out de 2023.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. Uma Introdução aos Estudos Culturais. **Revista Famecos**, Porto Alegre - RS, v. 9, p. 87-97, 1998.

EUGÊNIO, Luciana Daminelli. **Narrando a diáspora**: estudo sobre deslocamentos de africanos para o Brasil e políticas públicas para os migrantes. 2018. 85 fls. Dissertação (mestrado em Ciências da Linguagem) Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2018.

FCMS. Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. **No Dia Nacional da Cultura, FCMS destaca pluralidade cultural do Estado**. 2020. Disponível em <<https://www.fundacaodecultura.ms.gov.br/no-dia-nacional-da-cultura-fcms-destaca-pluralidade-cultural-do-estado/>> Acesso em 12 de jul de 2023.

FLECHA, J., MARTINI, C. **História de la transición**. Pasado y futuro de la democracia en el

Paraguay. Publicación seriada especial. Diálogo Última Hora, Asunción, 1994.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cem anos de solidão**. 82. ed. Rio de Janeiro, RJ; São Paulo, SP: Record, 2014. 447 p.

GOIRIS, Fabio Anibal Jara. **Autoritarismo e democracia no Paraguai contemporâneo**. Editora UFPR, Curitiba, 2000.

GONZALEZ, Delvalle Alcibiades. **La hegemonía Colorada, 1947-1954**. Asunción: El lector, 2010

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro, RJ: Lamparina, 2014.

_____, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

_____, Stuart. **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. 2. ed. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2013.

_____, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rudiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

_____, Stuart. **Reflexões sobre o exílio**. E outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

HOBSBAWM, E. J. **Era dos extremos: o breve século XX : 1914-1991**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1995. 598 p.

LAFERRIÈRE, Dany. **País sem chapéu**. São Paulo: 34, 2011

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. rev. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2013. 499 p.

LIMA, Elizabeth Cavalcante de. **Deslocamento, diáspora e memória em País Sem Chapéu de Dany Laferrière**. 2015. 84 fls. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Estudos Literários) – Núcleo de Ciências Humanas, Universidade Federal de Rondônia/UNIR, Porto Velho, Rondônia, 2015.

LURIA, Aleksandr Romanovich. **The Mind of a Mnemonist: Little Book About a Vast Memory**. Jonathan Cape Ltd, 1972. 176 p.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. 2. ed., rev. e atual. São Paulo, SP: Contexto: 2018. 187 p.

MARTINS, Maria Helena. **Fronteiras culturais: Brasil, Uruguai, Argentina**. Cotia, SP:

Atelie Editorial; Porto Alegre, RS: Secretaria Municipal de Cultura; 2002. 260 p

MARTINS, Patrícia Cristina Statella. **A formação do território turístico de Pedro Juan Caballero (Paraguai)**. 100 fl. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 2007.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Editora Antígona, 2014

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 4. ed., rev. e ampl. São Paulo : Loyola, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

MAGALHÃES, Luiz Alfredo Marques. **Mato Grosso do Sul: fazendas: uma memória fotográfica**. Ed. Especial. Campo Grande, MS: Ed. Alvorada, 2012. 268 p.

MAIRA, Luis; SOUZA, Hebert José de; ANDRADE, Regis de Castro; PORTANTIERO, Juan Carlos; BARRAZA, Ximena. **América Latina: novas estratégias de dominação**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: CEDEC, 1982. 169 p.

MONDARDO, Marcos Leandro. Ser paraguaio no Mato Grosso do Sul: da migração à construção de uma identidade transfronteiriça. **Revista Faz Ciência**. Francisco Beltrão, PR. Volume 15 – Número 21– Jan/Jun 2013 – pp. 69-91.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 5. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2003. 153 p.

MORAES, Ceres. **Paraguai: a consolidação da ditadura de Stroessner (1954-1963)**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2000. 115 p.

MOREIRA, Julia B. **Redemocratização e direitos humanos: a política para refugiados no Brasil**. In: Revista Brasileira de Política Internacional, 53 (1), p.111-129. Universidade de Brasília, 2010. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0034-73292010000100006>> Acesso em 12 de jul de 2023.

Municipalidad de Horqueta. **Datos de Horqueta**. s.d. Disponível em <<https://municipalidadhorqueta.gov.py/datos-de-horqueta/>> Acesso em 15 de fev de 2023.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Khoury. **Projeto História**, São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993.

NUNEZ, Ronald Leon. **A guerra contra o Paraguai em debate**. São Paulo : Editora Lorca, 2021. 472p.

OLIVEIRA, Susana Martinho de. **Traumas da Guerra: traumatização secundária das famílias dos ex-combatentes da Guerra Colonial com PTSD**. 205 fl. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade de Lisboa, Lisboa, 2008.

PEREIRA, R. R. Diáspora contemporânea: um convite à reflexão numa perspectiva histórico-literária. Grau Zero - **Revista de Crítica Cultural**, v. 4, p. 71-92, 2016.

PESAVENTO, S. J. História, memória e centralidade urbana. **Rev. Mosaico – Revista de História**, Goiânia, v.1, n.1, p.3-12, jan./jun. 2008.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte de escuta**. (trad, Ricardo Santhiago). São Paulo : Letra e Voz, 2016.

PREISSLE, Judith; DEMARRAIS, Katheleen. Enseñar la reflexividad en la investigación cualitativa. In Calva, S. M. B. (Ed.), **Autoetnografía: una metodología cualitativa**. México, p. 83-9., 2019.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo, SP: Ática, 1993. 269 p.

RIBEIRO, Leonardo Cavallini; URQUIZA, Antonio H. Aguilera. **A fronteira Brasil Paraguai e a migração paraguaia no estado de Mato Grosso do Sul**. Disponível em: <http://eventos.sistemas.uems.br/assets/uploads/eventos/88a59795508e69486b5c940014affe2c/anais/2_2016-11-13_16-42-19.pdf> Acesso em: 20 mar 2022.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2008. 535 p.

RODRIGUES, Theófilo Codeço Machado; FERNANDES Pedro de Araújo. Constituições soviéticas: da dissolução do Estado ao Estado-Partido. **Revista Direito Práx.** 2019 Jul; vol.10, n 3; p. 1932–54.

ROLON, JOSÉ APARECIDO. **Paraguai**: transição democrática e política externa. 186 fl. Doutorado (Ciência Política) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Ciência Política, 2010.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo, SP: Companhia de Bolso, 2018. 523 p.

SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. **Fontes orais**: testemunhos, trajetórias de vida e história. Curitiba: DAP, 2005

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva; tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SOTANA, Edvaldo Correa; CORREA, Línive de Albuquerque. História e Imprensa: A Divisão do Estado do Mato Grosso na Folha de S. Paulo. **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.5, nº9 jul-dez, 2015.p.41-57

SOUSA, Celeste Ribeiro de. “Pertencimento/não pertencimento” Franz Kafka: um exemplo a ser lembrado. **Revista Estudos Avançados**. V. 35, p. 63-80, 2021.

SOUZA, Elizandra. A linguagem e seus efeitos na constituição do sujeito. IN: III **Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade**, 2012.

SQUINELO, Ana Paula; DOCKHORN, Vera Lúcia Nowotny. **Oficinas de história**: temas para o ensino da Guerra do Paraguai - sujeitos, cotidiano e Mato Grosso. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2021. 259 p.

SQUINELO, Ana Paula (org.). **150 anos após - a Guerra do Paraguai, volume 1**: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2016. 327 p.

SILVA, Manuella Santana. **Memórias do Exílio na Fronteira**: trajetória e resistência de exilados paraguaios em Foz do Iguaçu. 227 fl. Dissertação (Integração Contemporânea da América Latina) Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, Brasil. 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A Produção Social da Identidade E da Diferença In SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

SILVA JÚNIOR, Carlos Borges. Apontamentos Teóricos Sobre os Estudos Culturais. **Caletroscópio** , v. 4, p. 78-94, 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

THOMPSON, P. **A voz do passado**; história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002

URQUIZA, Antônio H. Aguilera (Org.). **Fronteiras étnico-culturais**: tráfico e migração de pessoas nas fronteiras de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2018. 310 p

VIDAL, Mario. **A 75 Años de la Más Cruenta Guerra Civil Paraguaya**: El 3 de febrero de 1947 se desató la contienda que hizo de Paraguay un país en llamas. 2022. Disponível em < <https://www.infobae.com/opinion/2022/02/03/a-75-anos-de-la-mas-cruenta-guerra-civil-paraguaya/>> Acesso em 15 de fev de 2023.

WIESENTHAL, Simon. **Os assassinos entre nós**. Tradução de H. da Silva Letra. [S.l.]: Editores Associados, 1979. 357 p.